



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

JOSÉ GOMES DE OLIVEIRA NETO

“ONDE HÁ VIADO NÃO HÁ SOSSEGO, PREFIRO OS MACHOS”: construindo sentidos sobre masculinidades e hetero(homo)normatividade junto a usuários de *app* de
pegação

Recife

2021

JOSÉ GOMES DE OLIVEIRA NETO

“ONDE HÁ VIADO NÃO HÁ SOSSEGO, PREFIRO OS MACHOS”: construindo sentidos sobre masculinidades e hetero(homo)normatividade junto a usuários de *app* de pegação

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia

Orientador: Prof. Dr. Jorge Luiz Cardoso Lyra da Fonseca

Recife

2021

Catálogo na fonte
Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva, CRB4-1291

O48o Oliveira Neto, José Gomes de.
“Onde há viado não há sossego, prefiro os machos” : construindo sentidos sobre masculinidades e hetero(homo)normatividade junto a usuários de *app* de pegação / José Gomes de Oliveira Neto. – 2021.
111 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Jorge Luiz Cardoso Lyra da Fonseca.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.
Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Recife, 2021.
Inclui referências e apêndices.

1. Psicologia. 2. Masculinidade. 3. Homens. 4. Sexo. 5. Comportamento sexual.
I. Fonseca, Jorge Luiz Cardoso Lyra da (Orientador). II. Título.

150 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2021-032)

JOSÉ GOMES DE OLIVEIRA NETO

“ONDE HÁ VIADO NÃO HÁ SOSSEGO, PREFIRO OS MACHOS”: construindo sentidos sobre masculinidades e hetero(homo)normatividade junto a usuários de *app* de pegação

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Psicologia.

Aprovada em: 10 / 02 / 2021

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Jorge Luiz Cardoso Lyra da Fonseca
(Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Luís Augusto Vasconcelos da Silva
(Examinador Externo)
Universidade Federal da Bahia

Prof. Dr. Benedito Medrado Dantas
(Examinador interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Dedico ao meu avô, José Gomes (em memória), que além do nome, me deu todas as possibilidades de chegar até aqui, me incentivando e investindo na minha educação. Obrigado por ter me ensinado tanto, em tão pouco tempo.

AGRADECIMENTOS

À uma força maior que eu, mas que está em mim e ao meu redor, que me ilumina, abençoa-me e me faz perceber que eu não estou só.

À minha mãe, minha irmã, minha avó e ao meu tio por serem meu porto seguro, meu ponto de partida e também de chegada. Agradeço a vocês pelo que depositaram em mim, cada um à sua maneira; é isso que me fez ser o melhor que posso ser. Se hoje eu posso concluir este trabalho foi porque encontrei o esteio necessário. Carrego o amor e o cuidado que sempre recebi e, apesar de estarmos tão distantes fisicamente, essa vitória não é apenas minha.

A Matheus, por não ter deixado de ser meu companheiro em todos os momentos: nas comemorações, incertezas, felicidades e lágrimas. Acreditou e acredita no meu potencial mais do que eu mesmo, como também me permitiu ser leve e refletido neste escrito.

Aos meus companheiros felinos, Indie e Valentim, por terem me dado tanto afeto que não consigo mensurar. Além de terem estado literalmente ao meu lado na produção da dissertação nos dias e madrugadas a dentro, seja dormindo no meu colo, seja agarrados ao meu braço cansado de tanto digitar. Sentir-me amado por vocês é incrível!

À Juliana Mazza, por ter participado desse processo desde o início, permitindo-me entrar em seu lar, ficar e construir junto, literalmente sendo abrigo. Fico feliz que, ao fim disso, a nossa amizade tenha se consolidado e ocupado um espaço ainda mais importante em minha vida.

A Well, um irmão adquirido, por ser um parceiro e um amigo tão incrível, que não sei como seria passar por tudo isso sem nossa troca carregada de afeto e acolhimento. Que bom que você veio para ficar! A Daniel por ter sido escuta, grandemente generoso, e “carregar a bandeira LGBT” comigo.

À minha turma do mestrado, em sua completude, mas também individualmente por ninguém ter soltado a mão de ninguém e ter sido um encontro tão lindo que não poderia deixar de registrar aqui. Muito obrigado pelo carinho Jéssica, Alina, Raíza, Naianna, Bruniele, Diego, Juliana Cunha, Karine, Everton, Tamires, Tatiana e Gabriela. Ao GEMA pelo espaço de troca, reflexão e risadas, meu carinho mais que especial à Juliana Keila, Patrícia, Marília, Yuri e Marcellly.

À FACISST, em especial à Luciene Pulça, Luísa e Angelita por terem sido amigas tão queridas, entendendo esse momento e torcendo com muito afinho por mim. Muito obrigado por tanta confiança e por serem luz no meu caminho. Agradeço também às/os discentes por também serem combustível para o meu esmero à docência.

À Maria Eloísa e Joaquim, mas em especial a Eduardo, pela delicadeza e disponibilidade em fazer a audiodescrição das imagens, possibilitando-me assim ser mais inclusivo nesta dissertação. Não faria sentido problematizar regimes de opressão e não buscar fazer o mínimo para ser inclusivo.

A Jorge, por apoiar e incentivar minhas escolhas, orientar-me de forma cuidadosa, permitindo-me ser autônomo. A Benedito, pelas inquietações e contribuições tão importantes ao meu fazer científico e, por junto a Jorge, abrir os caminhos científicos para pesquisas como a minha. A Guga, por ser inspiração desde “ciência e sociedade” e me apresentar ao construcionismo. Apesar de tanto tempo, ainda recordo-me dos seus ensinamentos e não atoa você se tornou um importante elo entre minha graduação e o mestrado.

À CAPES, pelo financiamento da pesquisa, permitindo-me assim ter mais tempo para dedicar-me a ela.

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo geral analisar a produção de sentidos sobre masculinidades entre usuários de aplicativos de pegação, residentes em contexto urbano periférico. Desse modo, a construção do trabalho apoia-se em compreensões teóricas que vislumbram o fenômeno a partir das construções sociais sobre as masculinidades e das políticas de regulação que tendem a apontar o modelo heterossexual como norma. Tratou-se de uma pesquisa qualitativa, com direção do construcionismo social, posicionada epistemologicamente na teoria feminista e *queer*. Como caminho metodológico, utilizamos inspiração etnográfica no contexto digital do aplicativo *Grindr* e *Scruff*. Trabalhamos com dados primários construídos pelo registro das cinco entrevistas semiestruturadas. Empregamos para a análise a produção de sentidos, compreendendo que os discursos constituem essas práticas e esses sujeitos. Nossos resultados e discussões apontaram para a hetero(homo)normatividade como direcionadora das práticas de pegação, implicando na forma como esses sujeitos produzem sentido sobre si mesmos, sobre os outros homens e sobre suas práticas sexuais. À vista disso, o padrão macho é imposto como condição de ser desejado e visibilizado no *app* e nas pegações fora dele, matizando as características entendidas como homo pela hétero. Nesse sentido, construímos uma discussão que possibilita pensar no imperativo da performance masculina normativa quanto ao corpo e ao nível relacional, bem como aos conflitos pessoais em face dos pressupostos sociais sobre masculinidades nas práticas de pegação. Assim, elencamos os reveses apontados por nossos interlocutores nas conversas, propondo caminhos de análises que problematizassem as expectativas socialmente construídas sobre o sistema sexo-gênero-desejo.

Palavras-chave: Masculinidades. Pegação. Heteronormatividade. Grindr.

ABSTRACT

This research had as general objective to analyze the production of meanings about masculinities among users of cruising apps, living in a peripheral urban context. In this way, the work's construction is supported by theoretical understandings that see the phenomenon from the social constructions on masculinities and from regulatory policies that tend to point to the heterosexual model as a norm. It was qualitative research, directed towards social constructionism, positioned epistemologically in feminist and queer theory. As a methodological path, we use ethnographic inspiration in the digital context of the Grindr and Scruff apps. We worked with primary data constructed through five semi-structured interviews. We used the production of meaning for analysis, understanding that the discourses constitute these practices and subjects. Our results and discussions pointed to hetero(homo)normativity as the cruising practices guiding, implying the way these subjects produce meaning about themselves, about other men and their sexual practices. In view of this, the male pattern is imposed as a condition of being desired and visible in the app and in the cruises outside it, tinting the characteristics understood as homo by the hetero. In this sense, we built a discussion that makes it possible to think about the imperative of normative male performance regarding the body and the relational level, as well as personal conflicts in the face of social assumptions about masculinities in the cruising practices. Thus, we list the setbacks pointed out by our interlocutors through conversations, proposing paths of analysis that problematize the socially constructed expectations about the sex-gender-desire system.

Keywords: Masculinities. Cruising. Heteronormativity. Grindr.

LISTA DE SIGLAS

AGU	Advocacia Geral da União
AIDS	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
BIREME	Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde
BVS-Psi	Biblioteca Virtual em Saúde - Psicologia
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEP	Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos
CFP	Conselho Federal de Psicologia
COVID-19	Novo Coronavírus
FAPESP	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
FENPB	Fórum de Entidades Nacionais da Psicologia Brasileira
GEMA	Núcleo Feminista de Pesquisas em Gênero e Masculinidades
GPS	Sistema de Posicionamento Global
HIV	Vírus da Imunodeficiência Humana
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IP/USP	Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
IST	Infecções Sexualmente Transmissíveis
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais
LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, <i>Queer</i> , Intersexo e Assexuais. O “+” é utilizado como forma de incluir e presentificar outras identidades que se somam ao movimento e luta
ONG	Organização Não Governamental
PE	Pernambuco
PePSIC	Periódicos Eletrônicos em Psicologia
PNAISH	Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem
PREP	Profilaxia de Pré-Exposição
SciELO	<i>Scientific Electronic Library Online</i>
STF	Supremo Tribunal Federal
SUAS	Sistema Único de Assistência Social
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFPE Universidade Federal de Pernambuco
ULAPSI União Latino-Americana de Entidades de Psicologia

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1	Articulação do marco teórico ao contexto histórico.....	16
2	“TÔ FAZENDO UMA PESQUISA PRA MEU TCC, TU DEIXA EU VER SEU PAU?” – Esquadrinhando teorias, atualizando o discurso científico	21
2.1	A circunscrição do objeto de pesquisa: posicionamento epistemológico.....	21
2.2	Marco referencial e apontamentos teóricos	24
2.3	Como a pegação se torna objeto de estudo para a ciência?	29
3	REVISÃO DE LITERATURA	33
3.1	Discussão da revisão.....	36
3.2	Considerações da revisão	40
4	“EU QUERO CU OU ROLA, VOCÊ VAI ME DAR O QUÊ?” – Tecendo estratégias metodológicas em <i>apps</i>	42
4.1	Prospecção dos caminhos a partir do diálogo com pressupostos teórico-metodológicos	43
4.1.1	Por que uma pesquisa em <i>apps</i>?	45
4.1.2	Pesquisador instrumentalizado ou instrumento pesquisador?	47
4.2	Cuidados éticos.....	51
4.3	Procedimentos de construção do conhecimento.....	53
4.4	Procedimentos de análise e interpretação.....	58
5	“VEM COLETAR UNS DADOS AQUI NO MEU CORPO” – Construindo saberes entre tesão, masculinidades e exigências normativas	61
5.1	Vislumbrando interlocutores em usuários do <i>Grindr</i>	62
5.2	Reconhecimento dos eixos temáticos e a construção dos caminhos de análise	68
5.2.1	Normas de masculinidades na pegação	69
5.2.2	Valorização da hetero(homo)normatividade nas práticas de pegação	76
5.2.3	Tensões e conflitos em face à hetero(homo)normatividade	84

6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	95
	REFERÊNCIAS	99
	APÊNDICE A - LISTA DE REVISÃO DE LITERATURA	109
	APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA	111

1 INTRODUÇÃO

Referimo-nos, aqui, a uma pesquisa em aplicativos (*apps*) de pegação para se debruçar sobre os campos das masculinidades e das práticas sexuais entre homens, tendo por objeto as estratégias frente às verdades socialmente construídas sobre o sistema sexo-gênero-desejo. Esta dissertação foi desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e integra a linha de pesquisa Processos Psicossociais, Poder e Práticas Coletivas.

Com este escrito buscamos produzir sentidos com aqueles que nos encontraram, com abertura para dialogar conosco e com os trechos de fala dos interlocutores constituídos no fazer metodológico. É sobre isso que buscamos escrever, dialogar, construir; algo possível de ser inteligível por qualquer pessoa, mas, sobretudo, a partir da fala do outro. Não à toa, buscamos compor nossos títulos (o da dissertação e os dos capítulos) com as expressões e parte de textos que se desenvolveram no andar da pesquisa, em contexto digital.

“Onde há viado, não há sossego”; essa é uma expressão êmica que tem se popularizado entre a comunidade não-hétero para, com ironia (entendemos até como uma arma política da comunidade), apontar algumas contradições entre si. Na ocasião em que ela foi usada, juntamente com a sentença “prefiro os machos”, surgiu como resposta frente à questão que colocamos: “quais usuários você se dispõe a encontrar?”, apontando-nos, então, para um regime de controle das masculinidades, que incide nos pressupostos de atração, desejo e prática sexual. Sendo assim, aqui entendemos a hetero(homo)normatividade como a força que busca matizar os sujeitos pelo modelo heterossexual, que de tão forte e socialmente ratificado torna-se referência inclusive para os homens com desejo homo-orientado (desenvolveremos essa discussão adiante).

Para entender a relevância da temática, bem como o panorama político, ideológico e social envolvido na discussão, utilizamos uma notícia que recentemente ganhou repercussão na mídia: durante um dado momento da pandemia de COVID-19¹, homem decide criar conta no *Twitter*² para compartilhar fotos nu, como estratégia para lidar com o tédio da quarentena.

¹ No Brasil esse contexto se instala no final de fevereiro, porém iniciada antes em outros países. A pandemia se configura como um momento de instabilidade em todo o mundo em face do grau de transmissão e do alto índice de morte. Com efeito, as orientações de saúde indicavam a quarentena/isolamento social como medida de cuidado e preservação da saúde. Aproveitamos para situar que esta pesquisa também foi atravessada por esse contexto, sobretudo quanto aos resultados que debateremos no quarto capítulo.

² Aplicativo de relacionamento que tem se consolidado por ser mais aberto quanto aos tipos de postagem dos usuários, inclusive para conteúdos eróticos - apesar de não ser esse o foco da rede. É importante destacar que

Segundo entrevista à David Grant (2020), o usuário³ supracitado relata ter se sentido sexualmente atraído por homens após interagir com eles no aplicativo. “Eu descobri um mundo totalmente novo lá fora, contendo muitos caras bonitos e bem-dotados. Me identifiquei como hétero a minha vida toda...Mas agora me sinto atraído pelos caras também” (s/p).

Para além de pensar o “espanto” frente à possibilidade de outras nuances sexuais - como se a sexualidade fosse algo posto, formatado, inteiro - a leitura dessa notícia nos evocou algumas questões que acreditamos ser bastante representativas para introduzir nosso debate: a partir de quais experiências se constroem o desejo? Por que os desejos não-hétero estão sempre cingidos pela marginalização entre os homens? Como o contexto digital pode favorecer ou reafirmar padrões hegemônicos?

Essas são questões que fizeram parte de todo nosso percurso de conceber esta dissertação. Apesar de não objetivarmos respondê-las de modo específico, a reflexão sobre elas nos conduziu para um dos pontos de partida: a compreensão de adestramento dos corpos e das sexualidades por meio de normativas hegemônicas e padrões morais. Portanto, para pensar a construção do desejo e das marcas dele no processo de reconhecimento de si, entendemos o quanto essa discussão é cara para a Psicologia. Sobretudo porque nesse esquema de regulação, padrões normativos se hegemonizam como verdades, seja na possibilidade de criar sentidos sobre si, seja sobre o outro.

Pensando em um contexto mais amplo de como isso pessoalmente me aparece como questão, gênero e sexualidade sempre fizeram parte do meu interesse de estudo desde a graduação em Psicologia (embora, nesse primeiro momento, tenha me dedicado a pensar na temática a partir da interface com saúde mental e produção cultural). Entretanto, após formado, torno-me servidor público da política do SUAS (Sistema Único de Assistência Social), momento em que a saúde mental passa a não ser mais o foco das minhas leituras, mas sim as relações sociais e os seus atravessamentos nas produções de sentidos. Nos primeiros anos de formado, escolhi mergulhar na experiência profissional, apesar de não me distanciar da academia, já que também passei a ser professor de Psicologia. Assim, o meu fazer profissional esteve atrelado aos estudos sociais, às políticas públicas, olhando, sobretudo, para os grupos socialmente marginalizados.

mesmo sendo possível postar conteúdos pornográficos, o *Twitter*, como qualquer outro *app* tem diretrizes próprias, tanto que censurou postagens do presidente Jair Bolsonaro por divulgar *fakenews* (JORGE, 2020). Um bom exemplo da adesão dos usuários para fins eróticos nesse *app* é o *Pinto Awards*, concurso realizado *online* para eleger o “pinto” mais bonito dos usuários em diversas categorias.

³ Destacamos que o termo usuário é utilizado por nós para referir às pessoas com contas/perfis em aplicativos.

Não somente a aproximação profissional, mas também a pessoal (desenvolvo mais sobre este ponto no terceiro capítulo), levaram-me aos movimentos e coletivos LGBTQIA+⁴. À vista disso passo a dedicar maior investimento na aproximação com as epistemologias e teorias feministas, reformulando então a forma como passo a enxergar sexualidade e gênero, como também identificá-los como campo de estudo científico. Tudo isso se soma à experiência profissional na área social-comunitária, o que me tornou afim da metodologia de levantamento de informação a partir da aproximação com o fenômeno, observando e interagindo no espaço em que ele acontece. Nessa direção, passo a notar os *apps* de pegação como potencial método etnográfico para pensar uma articulação entre práticas sexuais marginais e masculinidades.

Então, em 2019, ingresso no Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFPE, também momento de início do governo Bolsonaro, que dentre as suas primeiras medidas, retira a população LGBTQIA+ das diretrizes dos Direitos Humanos. Nesse processo do mestrado, passo a compor o GEMA (Núcleo Feminista de Pesquisas em Gênero e Masculinidades), o que me permite não apenas me aprofundar no campo das masculinidades, como também me aproximar de diversas outras pesquisas para pensar o debate racial, a população trans, as pessoas com deficiência, a formulação e atuação das políticas públicas, entre outros.

Em face a todo esse contexto e mobilização, caminhamos assim para tentar entender como as práticas sexuais entre homens têm sido interpeladas pelas premissas socialmente construídas sobre sexo-gênero-desejo no contexto de nossa sociedade atual. Então, formulamos a seguinte problemática: Como se desenvolvem as estratégias para as práticas sexuais entre homens, por usuários de aplicativos de pegação, frente às exigências normativas das masculinidades?

Compreendemos, portanto, que estudar tais práticas permitiria discutir sobre o processo de internalização e dissipação da homofobia, a conjuntura da política de controle, as ferramentas de regulação, a interdição das relações entre homens e sua padronização. Assim, consideramos as marcas da marginalização que incide nas experiências sexuais quando estas se delineiam por caminhos não-hétero, decorrente de um contexto sociocultural fortemente caracterizado por machismo, homofobia e patriarcalismo. Desse modo, entende-se que tais práticas estão sob o estatuto da não-normalidade, rechaçadas e renegadas socialmente.

⁴ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, *Queer*, Intersexo e Assexuais. O “+” é utilizado como forma de incluir e presentificar outras identidades que se somam ao movimento e luta.

Seguindo esse viés, a pegação surge como práticas sexuais entre homens que se caracterizam por serem sigilosas e sem compromisso. Importante também sinalizar que foram historicamente estruturadas por uma lógica de guetos com a intenção de, a partir da internalização da heteronorma, bem como da discriminação social, invisibilizar esses sujeitos aos outros⁵ (BARRETO, 2017). Em paralelo a isso, o avanço da internet e dos espaços digitais⁶ possibilitaram a troca de interação entre pessoas pela conectividade. Logo, a busca por parceiros ganha novas configurações com o advento dos *smartphones* e seus inúmeros e potenciais aplicativos de rede digital. O *Grindr* foi o *app* pioneiro nessa proposta, e seu criador, Joel Simkhai, o idealiza como um manejo frente à seguinte problemática: “como encontro outros gays?” (MISKOLCI, 2015).

Posto isso, os aplicativos de pegação surgem como uma estratégia tecnológica, diante de espaços de sociabilidade predominantemente hétero, para reconhecer parceiros disponíveis a práticas homoeróticas. Originam-se, assim, como possibilidade de burlar sigilosamente as exigências normativas do ser homem. Indiretamente, percebemos a denúncia de um regime heterocentrado que historicamente territorializou os desejos não-heterossexuais em lugares como saunas, bares, cinemas, boates etc., e que agora traz fluidez territorial e intensidade nos *apps* (MORELLI; SOUZA, 2016).

1.1 Articulação do marco teórico ao contexto histórico

Nesse lugar de iniciar as questões teóricas para uma pesquisa que tensionou a posição da ciência frente aos pressupostos moralistas, torna-se relevante contextualizar a atual conjuntura sócio-política a partir do crescente aumento dos discursos neoliberais. Conforme caracteriza Maurício da Silva *et al.* (2019), esse momento se consolida por manifestações do conservadorismo, arregimentado pela ascensão ao poder de uma perspectiva de extrema direita, com fortes investidas contra os direitos humanos. Igualmente, Joelma Lemos (2018) analisa que o aumento do discurso de ódio contra as minorias sociais está intimamente correlacionado ao golpe parlamentar sofrido pela presidenta Dilma em 2016.

⁵Entendemos como outros, os atores que estão para além das práticas sexuais (como o estado, a religião, a família, a moral etc.), mas que de algum modo a impactam na construção de um modelo de masculinidade hétero.

⁶Segundo o IBGE, em 2017 a maior finalidade do uso da internet foi o de troca de mensagens de texto, voz ou imagens por aplicativos de redes sociais que se distinguem de e-mail. A pesquisa indica ainda que houve um aumento de 94,4% em 2016, para 95,5% em 2017, de um total de 126,3 milhões de pessoas que utilizaram a internet. Porém, é importante também considerar que em 2020 com o processo da pandemia, com as aulas de modo remoto e os trabalhos *home office*, o uso da internet aumenta significativamente para várias utilidades.

Lawerton Silva (2018), ao discutir a expressão da homofobia em comentários na internet, destaca que tais posicionamentos são sustentados por premissas religiosas, sendo justificados por uma suposta liberdade de expressão. Porém, camuflam o discurso de ódio que viola a integridade física e/ou psicológica de outras pessoas.

Recentemente, em junho de 2019, o STF (Supremo Tribunal Federal) decidiu que a discriminação por orientação sexual e/ou identidade de gênero seja equiparada ao crime de racismo, até que se crie uma lei específica. É importante considerar que, apesar da conquista, essa decisão do Supremo em si não garante a dissolução da discriminação, tão pouco assevera resolutividade em torno das questões estruturais da sociedade. Conforme reportagem de Marcelo Rocha (2020), após mais de um ano da criminalização da lgbtfobia (durante aposentadoria do relator do caso, o ministro Celso de Mello), a AGU (Advocacia Geral da União) enviou recurso ao STF alegando excludente de ilicitude do crime para liberdade religiosa e de expressão. Além disso, a AGU pediu elucidação sobre o controle de acesso a vestiários, lugares de convivência pública (como banheiros e transporte) e de instituições prisionais para pessoas LGBTQIA+.

Dada essa conjuntura, percebemos a abertura de precedentes para a manutenção da lgbtfobia desarticulando/enfraquecendo a decisão jurídica anterior. Pode-se entender, dessa forma, o quanto a luta por direitos para a população em questão ainda é necessária. Ademais, as premissas moralistas, religiosas e o discurso de ódio - fatores desmistificados a partir da reflexão feita por Lawerton Silva - se sobrepõem à busca por uma cidadania mais igualitária, já garantida à população cisgênero-heterossexual, embora negada a todes/as/os outres/as/os. Victor Hugo Barreto (2019) aponta que pesquisas com temáticas afins têm sido atacadas, resultando em perda de direitos, retrocessos no campo do respeito individual e da perspectiva de sociedade inclusiva. Assim, esses ataques compõem a ascensão ideológica de uma perspectiva conservadora-moralista (BARRETO, 2019).

Nesse sentido, propomos pensar sobre esse regime de poder que, ao operar dentro do gênero e da sexualidade, segmenta hierarquicamente as masculinidades a partir das práticas sexuais entre homens. Inspirados pelo debate de Richard Parker (1998), bem como pelo de Benedito Medrado e Jorge Lyra (2016), entendemos que acontece um processo de subalternização à medida que homens homo-orientados se distanciam dos pressupostos socialmente atribuídos e idealizados a partir do modelo heterossexual. Ou seja, romper com esse padrão moralmente considerado correto, aproximando-se de maneira direta daquilo tido como feminino - quanto a expressão de gênero e/ou às práticas sexuais - causa aversão.

Igualmente, Gayle Rubin (2003) refere que a discussão valorativa da sexualidade se assemelha às guerras religiosas de tempos atrás, de modo que trabalhar com essa temática é também refletir sobre as políticas internas de opressão e desigualdades. A mídia tem um papel decisivo na propagação de preconceitos, pois demarca uma hierarquia sexual que favorece as relações héteros e monogâmicas (a partir do casamento para fins procriativos), enquanto oprime os demais vínculos afetivos (RUBIN, 2003).

Portanto, o impacto social que esse trabalho propõe gira em torno de buscar compreender como, a partir de práticas sexuais marginais articuladas a uma construção própria sobre masculinidades, agenciam-se conflitos/negociações dos usuários de *apps* de pegação. Traçando, então, uma discussão que reflita sobre a constituição do desejo a partir de normativas hegemônicas de raça/etnia, idade/geração, classe social, sexo/gênero. Dessa maneira, busca-se olhar para as especificidades de um grupo que é invisibilizado frente às políticas públicas, afirmando, assim, o fazer científico como resistência aos ataques reacionários e ao desmonte de direitos.

Concomitantemente, legitimamos o papel da ciência de questionar noções que, de tão naturalizadas e arraigadas, não são questionadas socialmente. Seguindo esse padrão do fazer científico, relativizamos as propostas padronizantes das normas que regulam as masculinidades, para assim possibilitar que uma maior quantidade de pessoas olhe para seu modo de existência com mais clareza e menos julgamento.

Quando os cientistas sociais estudam a sexualidade e a construção social dos gêneros a partir de padrões hegemônicos, incorrem em construir um saber que reafirma a sexualidade como um mecanismo histórico de poder que opera na regulação social (MISKOLCI, 2009a). Nessa perspectiva, Gayle Rubin (2018) sustenta que assim substituiríamos arcaicos pressupostos de perversão designados às práticas não-hétero, por modelos calcados na igualdade moral, visibilidade e diversidade. Com efeito, tal reflexão contribui com o panorama atual de produções científicas na área, alargando a discussão e resistindo politicamente a censuras das propostas transcendentais à norma.

Para tanto, atravessados por essas discussões, empreendemos nossa pesquisa a partir do seguinte objetivo geral: analisar a produção de sentidos sobre masculinidades entre usuários de aplicativos de pegação, residentes em contexto urbano periférico. Para isso, temos como objetivos específicos: a) Identificar as normas de gênero que regulam as práticas sociais e sexuais de homens que procuram sexo com outros homens, negociadas em aplicativos de pegação; b) Analisar a valorização sexual/social de perfis heteronormativos para homens nas

práticas de pegação; c) Refletir sobre as implicações das tensões e conflitos da performatividade masculina normativa nas práticas sexuais de pegação.

Diante desse esquema, nosso primeiro capítulo é responsável por apresentar a fundamentação teórica, entendida como alicerce para as reflexões ao apontar caminhos metodológicos e analíticos para a pesquisa. Ademais, assinalamos sobre o impacto social que propomos, sobretudo quando olhamos para a conjuntura sócio-política desenhada atualmente. Refletimos sobre o percurso histórico das pesquisas sobre homoerotismo no Brasil, nos posicionando epistemologicamente quanto ao nosso objeto de estudo para então dialogar com as/os autoras/es que nos permitiram avançar no debate sobre masculinidades, pegação e hetero(homo)normatividade.

Após circunscrever nosso objeto e teorizar o campo de estudo, o segundo capítulo busca trazer o frescor das pesquisas contemporâneas sobre pegação em *apps*, possibilitando-nos, assim, adensar e atualizar os nossos objetivos. Então, expomos o percurso de revisão de literatura que construímos para visibilizar as publicações mais relevantes para nós, permitindo-nos ser propositivos e inventivos no fazer científico. Por fim, enunciamos o diálogo que tecemos entre as obras selecionadas, fator que deu abertura para instrumentalizar e refletir sobre possíveis caminhos do debate.

O terceiro capítulo delinea as escolhas/apostas metodológicas que permitiram o desenrolar da nossa proposta. Desse modo, usamos o construcionismo para refletir sobre nosso campo-tema e construir um diálogo com nossas referências teórico-metodológicas para compreender as interações no contexto digital. Com isso, elucidamos o motivo de se pensar uma pesquisa em *apps* de pegação e, assim, reconhecemos a etnografia como abordagem metodológica viável para alcance dos nossos objetivos. Com efeito, torno-me parte integrante da metodologia, imerso não apenas imagetivamente no *app*, mas também em um jogo de afetação na conversa com os usuários. Portanto, nesse capítulo, também me apresento como agente interativo, caminho por onde se constrói a escrita, os procedimentos de levantamento de informação e análise. Finalmente, sinalizamos as estratégias e reflexões frente aos procedimentos para levantamento da informação, além dos caminhos interpretativos e cuidados éticos.

O quarto capítulo corresponde aos resultados e discussões em que podemos refletir sobre o conhecimento construído dialogicamente com os usuários do *app*. Para melhor leitura, incorporamos nossas/os leitoras/es em um diálogo com a dissertação, contextualizando esse processo na apresentação dos interlocutores a partir de alguns marcadores sociais, bem como do enredo em que surgem na pesquisa. Esses aspectos, somado ao material discursivo

construído nas conversas, permite-nos criar possíveis articulações entre os homens que conversamos, assim como conexões e análises frente ao nosso marco teórico. Por fim, concluimos este escrito identificando nossos achados, apontando discussões, novas questões e propostas para empreendimentos futuros.

2 “TÔ FAZENDO UMA PESQUISA PRA MEU TCC, TU DEIXA EU VER SEU PAU?” – Esquadrinhando teorias, atualizando o discurso científico

Durante todo o fazer científico dessa pesquisa, fui inquirido por pessoas ao meu redor sobre a cientificidade ou a legitimidade acadêmica do que eu me propunha pesquisar. Em alguns momentos, descreditado, olhado com ar de desconfiança sobre minhas reais intenções para com a temática. O que mais me questionavam era sobre a possibilidade de fazer ciência em *apps* de pegação.

A propósito, por defendermos o processo de práticas discursivas, vale considerar o contexto em que a frase que nomeia este capítulo surgiu para nós: foi usada por um usuário do *Grindr* como forma de iniciar diálogo comigo, o que me levou a considerar seu interesse e usar a temática da idealização das nudes (fotos eróticas tiradas de modo amador para mostrar os genitais dos usuários) como forma de entender as negociações e construção das interações nos *apps*. Nossa conversa não demorou muito, dada a sua pressa em conversar com alguém que de fato fosse fazer pegação, mas foi suficiente para compreender a cultura de reciprocidade e troca nos *apps* de pegação a partir do capital imagético - questão que melhor desenvolveremos no capítulo dos resultados. Ademais, foi possível perceber uma visão que moraliza o fazer científico, distanciando-o das práticas sexuais dissidentes (BARRETO, 2019).

Para tanto, a seguir buscamos apresentar nossos argumentos teóricos, preparando o caminho reflexivo que nos permite ouvir e dialogar com nossos interlocutores, mas, sobretudo, deslindando o compromisso ético-científico em propor esse debate a partir da Psicologia.

2.1 A circunscrição do objeto de pesquisa: posicionamento epistemológico

Para alicerçar o debate que nos propomos e as dúvidas levantadas até então, é importante demarcar que a tecitura do trabalho se apoia em leituras que compreendem o fenômeno a partir da discussão sobre o sistema sexo/gênero. Desse modo, discutiremos as masculinidades como a junção das normas e práticas sexuais/sociais associadas ao homem como construções sociais reguladas pela heteronormatividade, ou seja, exigências que tendem a apontar o modelo heterossexual como norte (RUBIN, 1986; BUTLER, 2013).

As epistemologias feministas compõem a forma como foi pensada esta dissertação, bem como os nossos interlocutores, a partir do que propõe Donna Haraway (1995) sobre os “saberes localizados”, contrapondo a hegemonia científica tradicional produzida *por* e *para* saberes patriarcais, brancos, capitalistas, heterossexuais. Joan Scott (1995) afirma que os estudos sobre

as mulheres, além de apontar novos caminhos de debate (ao avançar na compreensão sobre gênero), também impõem “um reexame crítico das premissas e dos critérios do trabalho científico existente” (p. 73).

Partindo desse ponto, Benedito Medrado e Jorge Lyra (2016) se utilizam do pós-estruturalismo e dos femininos para pensar as masculinidades. Assim, os autores visibilizam as fissuras geradas nos regimes morais, propondo uma leitura feminista relacional que não se limita ao binarismo de gênero. Aponta-se, assim, para a importância da pluralização do saber e do distanciamento de uma lógica de subalternização, tecendo a discussão a partir do conhecimento singular, local e refletido quanto aos marcadores sociais hegemônicos.

Somada a essas orientações, a teoria *queer* subverte as normas que regulam o gênero, rompendo os limites que uma política identitária impõe, da mesma forma que problematiza a diferença sexual como forma de estruturação das pessoas (NOGUEIRA; OLIVEIRA, 2010). Carlos Lima (2013) direciona que essa perspectiva reflete sobre os feitos dos discursos sexistas na constituição de um não-sujeito, marginal e sem características humanas. Sinaliza, também, para a interseccionalidade das pautas feministas com as pautas gays, lésbicas e *queer*, ao considerar que a misoginia está relacionada com a homofobia. Para tanto, segundo Richard Miskolci (2009a), a epistemologia *queer* tem como objeto de estudo a análise crítica de pressupostos hegemônicos a partir da interface entre vida social e significados sexuais, além de possibilitar construir um saber científico que relativize os marcadores sociais usados como opressão, trazendo importantes reflexões políticas às pesquisas.

O *queer* se torna, assim, uma atitude epistemológica que não se restringe à identidade e ao conhecimento sexuais, mas que se estende para o conhecimento e a identidade de modo geral. Pensar *queer* significa questionar, problematizar, contestar, todas as formas bem-comportadas de conhecimento e de identidade. (SILVA, 2016, p. 107).

Anderson Guimarães (2016) aponta que o imbricamento entre tais teorizações (feministas e *queer*) visa problematizar: O modo como construímos políticas identitárias e práticas discursivas tem legitimado ou combatido lógicas opressivas e seus mecanismos de exclusão? Sendo assim, nos cabe considerar corpos, identidades e práticas para além do pressuposto hegemônico esperado: homem/mulher, masculino/feminino, homossexuais/heterossexuais.

Richard Miskolci (2009a) parte da concepção da heterossexualidade compulsória, para identificar que a heteronormatividade impõe princípios que alicerçam processos sociais de regulação para todas as pessoas, independentemente de orientação sexual. Logo, se configura como uma referência, um dispositivo histórico que recorta os sujeitos a partir do que se entende como um padrão coerente, superior e natural, conduzindo todos à heterossexualidade. Richard

Miskolci e Larissa Pelúcio (2008) discutem que não necessariamente a heteronormatividade é uma força combatida por sujeitos tidos como desviantes das suas exigências, a reprodução da heteronorma nas relações entre homens também é problematizada no que compete à separação das posições sexuais a partir da divisão ativo/passivo.

Com efeito, a teoria *queer* se organiza como projeto político que visa questionar papéis naturalizados, as inconsistências que estruturam as categorias binárias como homens/mulheres, héteros/homos etc. (LIMA, 2013). À vista disso, pode-se, então, relativizar uma suposta estabilidade dos sujeitos, vislumbrando a processual construção hierárquica que visa normatizar práticas através dos discursos hegemônicos (MISKOLCI, 2009a). Conforme Beatriz Preciado (2007), a partir de então, se produz um deslocamento de categorias como classe, trabalho e divisão sexual do trabalho para questões como corpo, sexualidade, raça, nacionalidade, entre outros. Desse modo, a teoria *queer* se localiza nos estudos subalternos, ao se debruçar na problematização dos discursos hegemônicos colonizadores (MISKOLCI, 2009a).

Assim, as epistemologias feministas e *queer* estariam de acordo com uma proposta pós-estruturalista que constituem as perspectivas construcionistas sociais, possibilitando-nos compreender o gênero não mais como uma característica individual, mas como performatividade (NOGUEIRA; OLIVEIRA, 2010). Sendo assim, a orientação socioconstrucionista em Psicologia Social delineou a forma como concebemos nosso objeto de estudo, bem como o momento de campo. Destarte, torna-se possível compreender as relações como um dispositivo para refletir sobre as realidades e a construção do conhecimento (SPINK; FREZZA, 2013) como uma prática social situada que resiste a uma neutralidade científica (MEDRADO; LYRA, 2016). Mary Jane Spink e Rose Frezza (2013) discutem que, assim, poderemos apresentar o modo como as pessoas se posicionam diante do mundo em que vivem e de si mesmas.

Luís Augusto Silva (2010) indica a importância do construcionismo para as pesquisas que perspectivam a discussão da sexualidade na internet, por compreender que "as 'posições relacionais' também são (de)marcadas a partir da 'materialidade' do corpo, aberto e passível de ser transformado pela mediação de objetos, artefatos culturais e de outros corpos" (p. 523). Sendo assim, o impacto dessa perspectiva para este trabalho se encontra no entendimento de que o conhecimento é construído coletivamente, valendo-nos o esforço de problematizar noções culturais arraigadas.

[O construcionismo] propõe então modificações estruturais na esfera de alcance e nos métodos da Psicologia Social. Afirma que o esforço para construir leis gerais de comportamento social é equivocado. [...] A pesquisa deveria assumir como meta unicamente o levantamento de fatores que potencialmente possam influenciar o

comportamento sob certas condições, para estimar a importância desses fatores em um certo período de tempo (CASTAÑON, 2004, p.70).

Ao discutir as abordagens sociológicas na Psicologia Social, Gustavo Castañon (2004) direciona que, nas bases epistemológicas, isso significa a reformulação dos pressupostos constitutivos do fazer científico tradicional. De modo que, ontologicamente, se caracteriza pelo anti-racionalismo, anti-individualismo e anti-universalismo (CASTAÑON, 2004).

2.2 Marco referencial e apontamentos teóricos

Para alicerçar o viés teórico, torna-se relevante discutir o sistema sexo/gênero a partir da proposta de Judith Butler (2013). Nessa trama, a autora critica a ideia do corpo (natureza) como anterior à marca do gênero (cultura), em que o primeiro não se configura como um dado natural, mas uma “superfície politicamente regulada”, de forma que nos permite afirmar que a suposta coerência entre sexo/gênero é concebida senão por normas que regulamentam traços inscritos no próprio corpo. "A marcação pode ser simbólica ou física, pode ser indicada por uma aliança de ouro, por um véu [...] ela terá, além de efeitos simbólicos, expressão social e material" e, assim, "poderá permitir que o sujeito seja reconhecido [...] que seja, em síntese, aprovado, tolerado ou rejeitado" (LOURO, 2004, p. 83-84).

Judith Butler (2013) indicará então as performatividades como a incorporação de uma rede de significados repetidos, divulgados e ratificados socialmente, implicados contingencialmente na relação com o sexo. Nessa égide, “o gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser” (BUTLER, 2013, p. 59).

Destarte, cabe problematizar a interligação (supostamente necessária) entre sexo, gênero e desejo, que decorre de uma incessante força que busca legitimar uma coerência e correlação entre essas dimensões (BUTLER, 2013). Em concordância, Joan Scott (1995) assinala uma construção cultural em torno do gênero, apontando que a diferenciação dos papéis de homens e mulheres são tecidos inteiramente pelo fator social, imposto em um corpo sexuado. Logo, um discurso que insista no binário homem/mulher como forma unívoca para a compreensão do gênero, atuaria dentro do campo da regulação do poder que naturaliza o modelo hegemônico, tornando irreduzível sua alteração (BUTLER, 2006).

Inspirados no que discute Jorge Lyra (2008), entendemos que as “masculinidades” também dizem de um processo de construção que sofre direta influência da conjuntura histórica-política-social-cultural, além dos marcadores entre os grupos, como os aspectos

étnicos, de raça, de classe, de idade e de sexualidade a que pertencem. De modo que se rompe com a ideia de uma única masculinidade, pois os sentidos a ela atribuídos dependem de uma contínua produção, reguladas por pressupostos hegemônicos.

Nesse ponto, Benedito Medrado e Jorge Lyra (2008) denunciam as questões machistas usadas como ponto de partida para ditar modos de expressões, visando a padronização das identidades sexuais e de gênero. Portanto, segundo os autores, para perspectivar as diversas nuances das masculinidades, nesse campo-tema, é necessário relativizar as estruturas que asseguram os modelos hegemônicos a partir dos feminismos.

Avançando na discussão sobre homens e masculinidades, Miguel Almeida (1996) nos indica que,

Masculinidade e feminilidade não são sobreponíveis, respectivamente, a homens e mulheres: são metáforas de poder e de capacidade de ação, como tal acessíveis a homens e mulheres. Se assim não fosse, não se poderia falar nem de várias masculinidades nem de transformações nas relações de gênero (p.162).

Nessa direção, compreendemos que a performatividade não só possibilita um apaziguamento na associação entre sexo e gênero, mas, sobretudo, indica que essas noções são constituídas por marcadores sociais incorporados no comportamento das pessoas. Ademais, transcende a questão da identificação de gênero, reverberando diretamente na vivência da sexualidade, indicando o que mobiliza o desejo, bem como o que faz gozar.

Desse modo, compreendemos que “[...] a sexualidade é uma elaboração social que opera dentro dos campos do poder, que se utiliza de mecanismos sutis e delicados, além de vir e estar em toda parte provém de vários lados e engloba tudo que se faz necessário” (FOUCAULT, 1994, p. 86). Assim, Michel Foucault (2001) vai tratar da moralização da sexualidade, pensando seu controle por meio de instituições de poder. O autor direciona que a sexualidade é cuidadosamente confiscada na relação conjugal familiar, reconhecendo-a apenas na função de se reproduzir, já que “em torno do sexo se cala” (p.9).

Segundo Victor Seidler (2006), nesse processo pedagógico, as masculinidades são modeladas a partir de um distanciamento da feminilidade; assim é em espaços sectaristas que se consolida a lógica binária. Dito de outra forma, aquilo que se caracteriza como masculino é, por exclusão, não-feminino, engendrando, então, o “temor homofóbico de que a vulnerabilidade emotiva era um indício de inclinações homossexuais” (SEIDLER, 2006, p. 40).

Judith Butler (2013) discute que essas questões se atravessam contingencialmente no modo como as pessoas se relacionam consigo e com os outros, a partir da supremacia dos modelos heterossexuais entendidos como único norte. Considerando isso, entendemos existir uma divisão em espectros de reconhecimento e visibilidade sexual, em que algumas

(heterossexuais) têm uma maior aceitação (MISKOLCI, 2015). A discussão que se desenrola é como essa (in)visibilidade reflete nas práticas sexuais entre homens?

Nesse ponto, Carlos Fígari e María Elvira Díaz-Benítez (2009) conceituam os prazeres dissidentes como as práticas sexuais-eróticas que se caracterizam pela abjeção/repugnância. Porém, apesar da dada subalternidade em relação à hegemonia, produz importante função de antítese frente às ideias que naturalizam as normativas sexuais como imanentes da condição de ser/existir. Desse modo, a dissidência não se encontra apenas naquilo que foge ao padrão, ela tensiona o sistema moral ao relativizar a “normalidade” e, assim, nos permite concluir que a sexualidade se constitui e atua através da cultura.

Luís Augusto Silva (2009), ao pesquisar festas de *barebacking*⁷ entre homens a partir da internet, discute os princípios da hierarquização masculina ao perceber uma maior requisição e valorização de perfis que rechaçam a feminilidade. Por esse prisma, Richard Parker (1998) direciona que o machismo seria o grande viés norteador desse sistema tradicional de significados sexuais. Além disso, que os atravessamentos das práticas homoeróticas nas masculinidades no Brasil apontam que a interação sexual com outro homem não descaracteriza sua masculinidade, desde que sexualmente e socialmente se distancie de signos atribuídos ao feminino. Desse modo, arregimentam-se desigualdades de gênero que se atravessam nas masculinidades, nas construções de uma estética do homem, das relações afetivas-sexuais e dos seus atributos sociais (MEDRADO; LYRA, 2008)

Por esse viés das exigências normativas, torna-se imprescindível apontar a heteronormatividade como regime político que padroniza masculino/ativo e feminino/passivo. Sendo assim, o gênero em articulação com a sexualidade, traça o modelo de homens e mulheres, bem como a forma que seus corpos devem se apresentar, além de como suas relações sociais devem ser concebidas (BUTLER, 2013).

Richard Miskolci (2014), ao problematizar a hegemonia heterossexual, identifica questões como o heterossexismo, heteronormatividade e matriz heterossexual: a primeira vai ser observada quando as teorias, normas jurídicas e as relações sociais esperam a heterossexualidade como um dado; A heteronormatividade seria relativo às exigências sociais que determinam a heterossexualidade como modelo, inclusive para as relações não hétero; já a matriz heterossexual corresponderia à “coerência linear entre sexo designado ao nascer, gênero, desejo e práticas sexuais. Assim, por exemplo, alguém com vagina teria que – obrigatoriamente – ser feminina, ter desejo por pessoas com pênis/masculino e ser passiva sexualmente” (p. 14).

⁷ Tipo de pegação que supõe práticas sexuais entrelaçadas por uma mistura de tensão e tesão, intencionalmente sem preservativo ainda que as pessoas envolvidas sejam sorodiscordantes (SILVA, 2009).

Entretanto, uma questão teórica bem importante de ser demarcada nesse momento da discussão é a compreensão sobre homonormatividade, já que, contemporaneamente, os estudos entendem não apenas a heteronormatividade como reguladora desses sujeitos e das suas práticas.

Nesse ponto, como aponta Lisa Duggan (2003), a homonormatividade liberal se reconhece a partir do não contestamento da heteronormatividade como instituição e norma, trazendo identidade/cultura gay politicamente desarticulada e privatizada, calcada na domesticidade, no consumo. Em outras palavras, a sofisticação de algo não consumível moralmente, mas que vai além de dar uma nova roupagem ou trato normativo, invisibiliza socialmente (LASIO *et al.*, 2019). Assim, a homonormatividade seria um protótipo da heteronormatividade, que intenta apaziguar os sujeitos homossexuais com o seu gênero, legitimando e estando a favor da heteronorma (OLIVEIRA; COSTA; NOGUEIRA, 2013).

Com efeito, compreendemos a hetero(homo)normatividade como uma força que busca ocultar as características homo pela referência hétero e, nesse processo, reformula e ressignifica a primeira, cobrindo-a pela normativa conservadora da figura do macho. Nesse aspecto, essa reflexão é considerada quando focamos nos homens não-heterossexuais, mas diante de outros grupos, como, por exemplo, as mães solo, entendemos que heteronormatividade e homonormatividade se afastam. Entretanto, quanto ao nosso objeto de estudo, percebemos que as aproximações acontecem com relação à estética (os jogos performáticos que constroem certa ideia de gênero) implicando na orientação sobre o que é um corpo feminino ou masculino, para designar o que é ser homem. Outrossim, nas práticas sexuais, que Luís Augusto Silva (2009) aponta a partir da ideia de “poder” masculino, a posição de ser macho (exercer domínio) sobre outro homem – o autor frisa que isso não estaria fixado na polaridade ativo/passivo, mas sim na ideia de força, resistência física e autonomia.

No campo das normativas do gênero, haveria uma imposição do conjunto de características que enaltecem o masculino tradicional (“macho”) enquanto suplanta o afeminado (BRAGA, 2013). Compreendendo, então, ambas perspectivas, concluímos que nessas interações não há problema em ser passivo, desde que não tenha traços femininos, reafirmando-se machos. As normatividades, portanto, associam indicadores de comportamento, voz, jeito, de modo que imbrica o ideal do masculino através do que a teoria foucaultiana aponta como o adestramento dos corpos e, assim, das masculinidades.

No campo das transgressões dessas normas, as interações sexuais entre esses homens/“machos”, em geral, são anônimas, efêmeras, fugazes e são denominadas usualmente de pegação, estas territorializam o desejo (NETO, 2008). A incorporação dessas características não surge apenas como forma de se “normalizar” frente aos outros, mas também de se tornar

aprazível sexualmente dentro de um contexto machista e heterocentrado (que estabelece relação natural entre sexo e gênero). Assim, as exigências centradas no modelo hegemônico heterossexual masculino implicam em uma “nova economia do desejo”, por meio de práticas sexuais sem compromisso com parceiros que sejam “discretos” (MISKOLCI, 2015).

Dessa forma, cabe-nos referenciar aqui o conceito de agência como a forma que as pessoas articulam seus desejos com as convenções morais em questão, caracterizando-se por ser uma construção social do desejo, dinâmico, situacional e anterior ao ato, conforme (MISKOLCI, 2017). Gilles Deleuze e Claire Parnet (1998) caracterizam o desejo como revolucionário em decorrência de uma incansável demanda de conexões, mais agenciamentos. A compreensão de desejo aqui se distancia de uma noção inatista ou de um elemento necessariamente endógeno ou imposto pelo meio, o qual perspectivamos como uma ferramenta de negociação entre sujeito e sociedade, circunscrita na interação social (MISKOLCI, 2017).

No que compete à articulação entre desejo e busca por parceiros na contemporaneidade, os *apps*⁸ de pegação são vislumbrados como um lugar de segurança para os machos, ao evitar que as práticas sexuais sejam expostas a conhecidos, familiares e colegas de trabalho (MISKOLCI, 2013). Sendo assim, ter um desejo homo-orientado, em outras palavras, ser um homem e se sentir atraído sexual/afetivamente por outro homem, ameaçaria o exercício da masculinidade, levando essas pessoas a criarem contornos e estratégias. O uso dos *apps* já seria um exemplo desse manejo, porém, não o único, visto que como indicam Victor Hugo Barreto (2017) e Luís Augusto Silva (2009), as interações são negociadas virtualmente, visando transcender a *web* para tornar-se “pegação”. Dito de outra forma, rompe-se com a vinculação entre ato sexual e a monogamia romântica-cristã, bem como com as preliminares morais e as obrigatoriedades de responsabilizações/cuidados para com o companheiro – por isso também nomeada como *fast foda* por autores como José Rocha e Marcos Coelho (2019). Historicamente, está relacionado com o antigo *cruising gay*: a prática sexual realizada em locais públicos, como estacionamentos, banheiros e parques, historicamente perseguida e punida (MISKOLCI, 2015; RUBIN, 2003). Deste modo, por lidar com o ato sexual de uma forma mais autônoma e simples, é entendida como uma face negativa do sexo casual na cultura brasileira, uma vez que é lido como promiscuidade.

Entrelaçando essas práticas e desejos com o crescente uso das redes digitais, Luís Augusto Silva (2010) sustenta que a *web* possibilita um espaço onde se reafirma o prazer

⁸ Apesar de considerarmos que os *apps* são instrumentos para esta pesquisa, também partimos da premissa de que eles constituem redes de sociabilidades com peculiaridades/especificidades de relações e práticas, portanto, o entendimento e as reflexões a respeito dos mesmos se fazem oportunos para esta sessão.

sensorial, legitimam-se novos discursos e modelos sexuais, bem como privilegia o anonimato e a discussão de temas tabus. Sendo assim, quando a pegação incide nas mídias digitais, aplaca e reformula o que se perspectiva como “armário” nas sexualidades dissidentes. Keith Kurashige (2014) direciona que isso se traduz em uma vivência social baseada nos pressupostos heterossexuais, enquanto se localiza nas práticas sexuais não hegemônicas a partir do véu translúcido dos *apps* de pegação. Portanto, ao articular tais reflexões, podemos compreender que as atividades de gênero que caminham na direção “macho padrão” invisibilizam esses sujeitos ao julgamento homofóbico social, mas também o tiram a autonomia frente aos seus desejos, ao seu corpo, a sua identidade, as suas práticas...

As problematizações e (des)construções advindas dos feminismos ecoam nessa proposta de trabalho, iniciando sobretudo no debate entre sexualidade (e suas práticas) e os atravessamentos do gênero sobre homens e masculinidades. Quais normativas de gênero que controlam as práticas de pegação? Quais performances são necessárias? Qual relação se pressupõe na construção dos modelos de masculinidade nas práticas sexuais entre homens? Como poderemos pensar em uma lógica de valorização que é parte-processo da hierarquização masculina? Quais conflitos e significados estão implicados nesse percurso? O que há de tão negativo no feminino que o macho precisa se distanciar? O que acontece quando não se deseja essa revolução identitária, mas sim a reafirmação da norma/poder/opressão?

2.3 Como a pegação se torna objeto de estudo para a ciência?

Olhando para as marcas históricas de estudos, pesquisas e reflexões que permitem o diálogo com as inquietações que atravessam toda a nossa dissertação e os possíveis caminhos que podem contribuir com o avanço do nosso debate, Carlos Fígari e María Elvira Díaz-Benítez (2009) nos indicam que o estudo das perversões sexuais no Brasil, como categoria da Medicina Legal do século 20, buscou enquadrar a fuga da norma como questão patológica. Os autores ainda apontam algumas práticas sexuais entendidas como anômalas, dentre as quais: sexo oral, masturbação, “homossexualismos” e até a atração sexual por pessoas de raças e etnias distintas.

Júlio Simões (2005) nos indica que no fim de 1970, como resistência ao regime militar e lutando pela possibilidade das diversas expressões afetivo-sexuais, surgem os grupos de militantes homossexuais brasileiros. João Góis (2003) destaca que, no mesmo ano e em 1980, pesquisadoras/es afins à uma proposta científica-política-social levam os estudos a não mais buscar medidas sanitárias e repressivas para as homossexualidades, mas a problematizar os sentidos construídos socialmente sobre elas, bem como os estigmas em ser homossexual.

Nesse ínterim, trazemos algumas das pesquisas que até hoje são referências dado o impacto alcançado pela reflexividade sobre a temática. Peter Fry (1982) propõe uma antropologia cultural da homossexualidade, construindo saber sobre segmentos identitários como a “bicha” e o “homossexual” no contexto brasileiro, contrapondo-os a partir da ideia de hierarquização e (des)igualdade. O autor apontou severas diferenças de posições, sobretudo pelo aspecto da classe social e pela lógica superior-masculino-penetrador *versus* inferior-feminino-penetrável, repercutindo em distintas inteligibilidades ao meio.

A categoria "bicha" se define em relação à categoria "homem" em termos do comportamento social e sexual. Enquanto o "homem" deveria se comportar de uma maneira "masculina", a "bicha" tende a reproduzir comportamentos geralmente associados ao papel de gênero (*gender role*) feminino. No ato sexual, o "homem" penetra, enquanto a "bicha" é penetrada. ... o ato de penetrar e o de ser penetrado adquirem, nessa área cultural, através dos conceitos de "atividade" e "passividade", o sentido de dominação e submissão. Assim o "homem" idealmente domina a "bicha". Além disso, a relação entre "homens" e "bichas" é análoga à que se estabelece entre "homens" e "mulheres" no mesmo contexto social, onde os papéis de gênero masculino e feminino são altamente segregados e hierarquizados (FRY, 1982, p. 90).

À vista disso, as reflexões antropológicas do autor caminham para apontar o modelo binário homem/mulher como parâmetro para se pensar outras relações, inclusive as não-hétero. Ademais, chegam, também, a compreender a definição “homossexual” como uma tradução inadequada frente às relações entre homens na cultura brasileira, que se configura por diversos segmentos identitários.

Richard Parker (1999) chegou a apontar que os denominados como “boiola”, “viado”, “bicha” não se equiparavam ontologicamente aos termos/definições utilizadas na língua inglesa. O autor explica que isso se dá em virtude de serem "produzidos em um sistema distinto de sexo/gênero, e a circulação do estigma associado a essas figuras (no Brasil ou nas outras sociedades latinas) é qualitativamente diferente do estigma e da opressão que marcam o espaço da 'queer' ou 'faggot' em inglês” (p. 60).

James Green (2019), que também faz parte dessa vanguarda cientificista brasileira para discutir a homossexualidade masculina, propôs um dossiê da homossexualidade publicada no fim do século 20, utilizando São Paulo e Rio de Janeiro como contextos dessa reflexão. A discussão do autor se concentra nas questões homoeróticas ao refletir sobre a prostituição masculina, as posições sexuais passivo/ativo, as práticas sexuais casuais entre homens, a territorialização do desejo homo em face das tentativas de rechaço. O escrito de Green tem um peso importante para pensar o quanto alguns saberes (no caso o direito e a medicina) podem ser usados para reforçar estigmas e discriminação aos homossexuais, pensando o processo de guetificação dos desejos/práticas, mas também sobre o sexo casual como resistência às normas morais.

Se valendo do uso metodológico da etnografia, Néstor Perlongher (1987), em sua dissertação de mestrado em Antropologia Social, debruça-se sobre o homoerotismo para vislumbrar os michês na capital paulistana, observando diversas formas de desejo, as políticas das masculinidades, a cartografia dos circuitos de prostituição e as negociações simbólicas e financeiras. O autor denuncia a lógica da regulação social das sexualidades que alija a prática da homossexualidade a espaços infortúnios. Nessa direção, sua produção é um material potente para denunciar os marcadores de gênero e sexualidade implicados nas relações homoeróticas, problematizando assim o lugar do desejo marginal diante do contexto homofóbico-machista.

João Góis (2003) assinala que a epidemia de AIDS, apesar de ter possibilitado uma expansão desses estudos, atrelou a temática a uma leitura que se restringiu ao foco saúde/doença. Tal afirmação pode ser constatada no estudo bibliográfico de Carmem Dora Guimarães, Veriano Terto Júnior e Richard Parker (1992), em que grande parte dos trabalhos publicados de 1972 a 1991 carregam uma ligação entre condutas homoeróticas e o HIV/AIDS. É válido ponderar a importância dessa discussão, que, dada a marginalização da prática sexual entre homens, coloca esses sujeitos em situação de risco às IST's. Porém o que João Góis (2003) sinaliza é que, nesse contexto, tal pressuposto à temática acabou invisibilizando outras discussões importantes.

A partir dos anos 1990, começa a acontecer uma viragem nas pesquisas, possibilitando pensar novas nuances das temáticas e diversas metodologias (GÓIS, 2003). Nesse período, também temos uma queda do termo “homossexualismo”, sendo corrigido para homossexualidade, desvinculando então à noção de patologia - como na resolução nº01/99 do Conselho Federal de Psicologia⁹.

Aprofundando nos nossos objetivos, retomamos Néstor Perlongher (1987) para lembrar que, desde o seu escrito, o autor apontava para uma marginalização dos territórios de práticas homoeróticas, inclusive com perseguição policial. O que nos vale pensar, contemporaneamente, as marcas históricas desse processo na digitalização das relações sexuais marginais, se atualizando nos aplicativos como espaço guetificado - onde se pode reconhecer e interagir com homens dispostos a sexo entre si, porém, de modo aparentemente mais seguro.

Por fim, é importante nos posicionar reflexivamente sobre essas pesquisas. Em alguma medida, ao perscrutar o comportamento gay da época, elas reafirmaram estruturas rígidas no jogo binário ativo/passivo. Entretanto, é em decorrência desse arcabouço que podemos dar continuidade ao jogo de atualização do saber científico. Devemos considerar, sobretudo, que o

⁹ CFP. Resolução CFP n. 01/99. **Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da orientação sexual.** Brasília, 23 de março de 1999.

maior impacto desses estudos foi o de possibilitar não apenas uma elaboração do pensamento da época, mas permitir que pesquisas como a nossa construam argumentos teórico-epistemológicos inclusivos. Assim, reafirmamos nosso empenho de, a partir dessas importantes referências, propor uma discussão atual, mas comprometida com o caminho construído até aqui.

3 REVISÃO DE LITERATURA ¹⁰

Aqui apresentamos o caminho e o resultado da sistematização do nosso colóquio com as produções científicas, no intuito de estar afinados com as discussões contemporâneas sobre nosso campo-tema para fundamentar e justificar as escolhas desta pesquisa. Nesse sentido, compreendemos a revisão de literatura como uma etapa que, além estruturar as pesquisas de campo, ajudam na sua relevância, uma vez que nos permite vislumbrar as construções teóricas tecidas até então sobre a temática, bem como evitar que os participantes sejam expostos a situações/riscos desnecessários (SHAUGHNESSY; ZECHMEISTER; JEANNE ZECHMEISTER, 2012). Esse exercício além de possibilitar que o investimento feito sobre a pesquisa gere um conhecimento novo, amplia a discussão ao tornar possível a interface com outros saberes, distanciando-se, assim, de uma perspectiva de Psicologia pura.

Para refletir acerca das produções científicas sobre as exigências normativas das masculinidades nas práticas sexuais entre homens, em aplicativos de encontros homoeróticos, foi necessário construir alguns parâmetros que nos possibilitassem uma troca com as produções e alicerçar nosso debate teórico. Para tanto, tomamos como base a revisão de Benedito Medrado *et al.* (2011), adotando as seguintes orientações:

- **Período:** Nossa pesquisa partiu de um recorte temporal de 2010 a 2020, considerando que a criação do *Grindr* ocorreu em 2009, segundo Richard Miskolci (2015).
- **Idioma:** Considerando que para este estudo a territorialidade é algo pertinente do ponto de vista teórico e metodológico, este levantamento se dedicou a selecionar textos publicados em língua portuguesa.
- **Fontes:** Buscando uma pluralidade de publicações, foram usadas bases de dados diversas, conforme quadro 1. Porém, a revisão de literatura, de um modo mais amplo, também se deu de modo assistemático no processo de construção coletiva, a partir das interações com pessoas e eventos do núcleo de pesquisa GEMA, como também das indicações da banca e do meu orientador. Assim, essas publicações aparecerão no quadro 3, como identificadas na fonte “outros”.

¹⁰ Uma versão dessa revisão foi apresentada como comunicação oral no 4º Seminário Internacional Desfazendo Gênero e consta nos anais do evento (OLIVEIRA NETO *et al.*, 2019). Entretanto, esta é uma versão atualizada da revisão.

Quadro 1. Base de dados

Tipo de produção	de	Fonte	Informações
Teses e dissertações	e	Base de dados CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior)	Resumos de teses e dissertações defendidas em Programas de Pós-Graduação brasileiros concluídos a partir de 1987. As informações são fornecidas diretamente à Capes pelos Programas de Pós-Graduação, que se responsabilizam pela veracidade dos dados. Site: http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/
Artigos científicos		SciELO (<i>Scientific Electronic Library Online</i>)	Biblioteca eletrônica que abrange uma coleção selecionada de periódicos científicos brasileiros; é o resultado de um projeto de pesquisa da FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, em parceria com a BIREME - Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde. Site: www.scielo.br
Artigos científicos		PePSIC (Periódicos Eletrônicos em Psicologia)	Fonte da Biblioteca Virtual em Saúde - Psicologia da União Latino-Americana de Entidades de Psicologia (BVS-Psi ULAPSI) e fruto da parceria entre Fórum de Entidades Nacionais da Psicologia Brasileira (FENPB), Biblioteca Dante Moreira Leite do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP/USP) e do Centro Latino Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde - BIREME, que cedeu a metodologia - <i>Scientific Electronic Library Online</i> (SciELO) - modelo de publicação eletrônica de periódicos para países em desenvolvimento. Site: http://pepsic.bvsalud.org/

Uma vez definida as bases de dados, a seleção de termos para alcançar nossos objetivos foi pensada mediante a familiarização com a busca de produções relativas às pesquisas que discutem práticas sexuais entre homens, negociadas em *apps* de encontros eróticos. Procurando estratégias para as buscas, utilizamos uma variedade de descritores, palavras-chave e “palavras soltas”. Por fim, optamos por padronizar nossas buscas, utilizando a combinação entre os termos “homoerotismo”, “grindr” e “scruff”, nas fontes. Inspirados em Jurandir Costa (1992), optamos pelo termo “homoerotismo”¹¹, por entendê-lo como uma categoria que une diversas nuances das práticas e relações afetivas, sexuais e, principalmente, eróticas entre pessoas com desejo homo-orientado. Já “grindr” e “scruff”¹², referem-se aos aplicativos de encontros eróticos para homens mais populares no meio, de modo que com essa escolha visamos identificar pesquisas que usaram esses *apps* como método.

Entendendo que cada base de dados tem uma configuração distinta no que compete ao processo de busca, sinalizamos que, na plataforma CAPES, os termos foram usados individualmente e, por fim, colocamos os três termos separados apenas por um espaço entre eles, “homoerotismo grindr scruff”, sem conectivos e/ou vírgula. Já na SciELO e PePSIC, inicialmente, também foram buscados individualmente, depois, optamos pela ferramenta “and”, dispondo no campo de pesquisa “todos os índices” a partir da expressão “homoerotismo and grindr and scruff”, de maneira a selecionar as publicações que correlacionam as três palavras simultaneamente. Após todos esses procedimentos, formulamos o seguinte quadro:

Quadro 2. Quantitativo de produção por descritores

Tipo de produção	Homoerotismo	Grindr	Scruff	Homoerotismo + Grindr + Scruff
Dissertações – CAPES	66	7	3	143
Teses – CAPES	22	2	2	45
Artigos – SciELO	21	5	2	0
Artigos – PePSIC	2	0	0	0

¹¹ Vale afirmar que testamos “pegação”, porém, apareceram menos publicações.

¹² Entendendo também que estes aplicativos têm um maior tempo no mercado e são os mais populares entre o público.

Buscando afunilar nossos resultados, analisamos todos os títulos e resumos com o objetivo de excluir os textos que, apesar de terem sido selecionados pela busca das palavras, não contemplavam os objetivos deste estudo. Ademais, para eliminar possíveis repetições, realizamos uma espécie de “limpeza”, como sugerem Benedito Medrado *et al.* (2011). Também destacamos que duas dissertações e uma tese, apesar de terem sido selecionadas por nós após a leitura do seu resumo, não foram encontradas em domínio público - mesmo sendo buscadas em algumas plataformas de busca como *Google*, *Google Acadêmico*, no repositório da universidade de origem e no site da biblioteca que o trabalho haveria sido depositado, chegando, finalmente, no seguinte quadro:

Quadro 3. Quantitativo de produção selecionada para análise sistemática

Tipo de produção	Quantitativo após “limpeza”
Dissertações de mestrado – CAPES	6
Teses de doutorado – CAPES	0
Artigos – SciELO e PePSIC	2
Artigos – outros	7
TOTAL	15

A análise das publicações selecionadas (lista em apêndice A) girou em torno de pensar como discutem e compreendem hetero(homo)normatividade nessas produções, as problematizações em torno dos perfis hegemônicos de homem e as tensões/conflitos nas performatividades hegemônicas de masculinidade.

3.1 Discussão da revisão

Fábio Morelli (2017) indica que os *apps* aparecem como estratégia frente à vulnerabilidade das relações não-heterossexuais, de modo que possibilita um sentimento de sigilo e segurança para homens que procuram tais práticas, principalmente, os que se identificam como heterossexuais ou bissexuais (QUEIROZ *et al.*, 2019). Luiz Saraiva, Leonardo Santos e Jefferson Pereira (2020) indicam o *Grindr* como mecanismo atual de sociabilidade que se reafirma por possibilitar interação em territórios desconhecidos, bem como nos já conhecidos, mas distante dos espaços segregados, sem precisar frequentar “lugares gays”. Dessa forma, compreendemos que o uso dessa tecnologia surge como uma resposta a uma sociedade homofóbica e machista que não possibilita a mesma fluidez e naturalidade para os espaços de sociabilidade hétero e não-hétero. Porém, os *apps* também são “dispositivos tão

reguladores e disciplinadores, quanto ao gênero e ao sexo, como o são instituições bem consolidadas como a igreja, a família, a escola, entre outras” (MORELLI, 2017, p. 106). Essa discussão também é contemplada por Thiago Melo e Maria Santos (2020), quando referem que o *app* acaba se tornando um armário digital, em que o perfil sigiloso surge como ocultamento frente às normativas de sexo e gênero.

Marcos Cruz (2020), ao discutir os perfis discretos no *Grindr*, aponta três camadas do tangenciamento da heteronormatividade na identidade gay masculina:

Em uma primeira camada, a masculinidade heterossexual desenvolve dispositivos pelos quais forja ideologicamente ser a única forma de identificação do sujeito detentor de um órgão sexual (pênis) considerado masculino, justificando a existência da própria heterossexualidade; em uma segunda camada, o modelo de masculinização é imposto aos sujeitos homossexuais masculinos como uma moeda de troca em torno da cidadania nas práticas cotidianas, significando a necessidade de modelagem do corpo e da corporeidade; em sua última camada, decorrente da anterior, a homossexualidade masculina precisa perceber os traços de feminilidade e refreá-los por meio da discrição e da exacerbação dos traços da masculinização, forjando uma heterossexualidade aparente em práticas públicas (p.16).

Danillo Lima (2017) aponta que, no *Scruff*, são demandados dois modelos centrais: a performance hipervirilizada (ainda que não seja) e o rechaço da feminilidade (mesmo que haja). Nessa direção, Júlia Corrêa e Marcos Cruz (2019) denunciam a “ideologia sobre a masculinidade como bem simbólico no jogo de acessibilidades identitárias e sociais, destituindo qualquer conotação positiva sobre a ideia de feminilidade e inculcando a ação da discrição como metodologia de contenção” (p. 124). Tal discussão é contemplada por Venan Alencar (2017) e Paulo Fragoso (2018) que compreendem esse processo como uma forma de expressão de gênero balizada pelo modelo heterossexual dos homens com performances hegemonicamente masculinizadas. Ettore Medeiros (2018) enfatiza que a noção de masculinidade para os usuários dos *apps* transgride a orientação/prática sexual para a expressão de gênero legitimada na noção do macho, expressa na fala de um de seus interlocutores: “gosto de homem, mas sou macho então tá ok” (p. 84).

A masculinidade hegemônica seria definida por algumas características como: acúmulo de parceiros e aventuras que trariam o sentimento de sentir-se vivo; o pênis e seu tamanho que quanto maior for, mais valor estará agregado ao homem; a vida *fitness* que molda um corpo definido com músculos, conotando saúde e distanciamento da imagem do gay com HIV/AIDS; e, por fim, a posição sexual, a partir da ideia de impenetrabilidade que, socialmente, é resguardado ao homem (MORELLI, 2017; MARACCI *et al.*, 2019).

João Maia e Eduardo Bianchi (2014) discutem o quanto a tecnologia dos *apps* acaba territorializando os desejos e as práticas de pegação. Ademais, cria-se uma ética da estética que

é recortada pelas características que mais atraem os outros usuários para a pegação: "aparência dos peitos expostos, dos volumes entre as pernas, dos rostos e de muitos corpos sem suas respectivas cabeças. Nem todos mostram o rosto e são muitos os corpos sem rosto" (MAIA; BIANCHI, 2014, p. 41).

Danillo Lima (2017) vai debater que esta supremacia da masculinidade hegemônica/macho aparece como causa e consequência da construção e valorização de uma identidade discreta e sigilosa, aquela que resguarda o sujeito de ser denominado como gay, de modo que remonta a ideia de sigilo e de ilegalidade da prática sexual entre dois homens, camuflada pela hetero(homo)normatividade (ALENCAR, 2017). Nesse ponto, o sigilo é entendido como uma forma de "brotheragem" (uma espécie de acordo/relação secreta entre amigos), que visa legitimar a possibilidade de repetição e imagem heterossexual resguardada frente às outras pessoas (QUEIROZ *et al.*, 2019).

Outrossim, Thiago Melo e Maria Santos (2020) discutem que a autonegação no perfil como "macho", "discreto", "não curto afeminados", surge por um posicionamento de rechaço às identidades gays e sobrelevância das masculinidades hegemônicas como característica ideal (mesmo para as não-hétero). "A dominação masculina se exercita nos discursos heteronormativos reproduzidos em aplicativos de dispositivos móveis e desperta a misoginia nestas relações cibernéticas." (FRAGOSO, 2018, p. 29). Dessa forma, a hetero(homo)normatividade faria do usuário opressor/oprimido ao fazer suplência a uma masculinidade hegemônica no campo digital via violência simbólica (a homofobia) calcada na misoginia.

Mahamoud Baydoun (2017) acrescenta que a internalização da ditadura do "macho" (hipermasculinizado) e da efeminofobia¹³ se afirma na concepção de parecer heterossexual como único modelo de masculinidade a ser, desejar e ser desejado. "Assim, os desejos se constituem invisivelmente como excludentes e segregatórios" (BAYDOUN, 2017, p. 151). Ettore Medeiros (2018) corrobora e dá prosseguimento a essas discussões, como também sinaliza que tais perspectivas apontam quais corpos são dignos ou não, ao desqualificar sexual e afetivamente homens afeminados.

Este debate sobre se distanciar do perfil "gay" também é feito por Paulo Fragoso (2018), quando discute o fenômeno *gayfaceless*¹⁴ como uma estratégia para se invisibilizar, de modo que não seja notado em encontro extraconjugal, não seja taxado de promíscuo pelos pares e

¹³ A aversão contra aqueles cujo comportamento é caracterizado pelo efeminamento (BAYDON, 2017, p 68).

¹⁴ Paulo Fragoso (2018) conceitua este fenômeno como a apresentação, nos perfis dos *apps* de encontros eróticos, em imagens do corpo, enquanto suplanta o rosto dos usuários.

nem como gay nos espaços sociais. Para Fábio Morelli e Bruno Pereira (2018), essas imagens são influenciadas pelo processo de pornificação, que agrega capital erótico (*sex appeal*) ao corpo masculino, tornando-o atrativo frente aos outros usuários, de modo que o que interessa são os músculos e suas definições. João Maracci, Vanessa Maurenente e Adolfo Pizzinato (2019) complementam que a enunciação de si, de forma *online*, se constitui na reafirmação de modelos hegemônicos, “encenando delineamentos e resistências acerca dos discursos que constituem as verdades socialmente compartilhadas acerca da masculinidade, da homossexualidade e outras instituições” (p. 15). Assim, as relações entre homens seriam perpassadas por uma supremacia de masculinidades de machos, sarados, brancos, jovens, ativos e ricos, de maneira que se hierarquiza em detrimento do modelo efeminado, magro/gordo, negro, velho, pobre (ALENCAR, 2017; BAYDOUN, 2017; MARACCI *et al.*, 2019; QUEIROZ *et al.*, 2019).

Venan Alencar (2017), Mahamoud Baydoun (2017) e João MARACCI *et al.* (2019) ainda chamam a atenção para a intolerância, subalternização e discriminação dos homens afeminados, provenientes da misoginia e do machismo. Segundo estas pesquisas, nos aplicativos, tais elementos estariam travestidos de gostos particulares/atração sexual, expressos em afirmações como no clichê “nada contra, apenas não curto”. Nessa perspectiva, cabe refletir a respeito da atração/desejo sexual ser moldada pela cultura e figuras de privilégio social.

Afirmar-se ativo nesse espaço remete para além da posição sexual, fala de um perfil masculino hegemônico heterocentrado, que se populariza ao ser comum encontrar anúncios como “ativo a procura de ativo”, mas nunca “passivo a procura de passivo”, reafirmando não só a heteronormatividade, mas também falocentrismo como um norte nessas práticas (BAYDOUN, 2017).

Uma discussão interessante e nova trazida por Ettore Medeiros (2018) dá conta de que as exceções em se relacionar com alguém fora do padrão acontecem por via do desejo (tesão ou excitação), mas que após o sexo culminado haveria uma volta à perspectiva hegemônica, desmerecendo e ignorando quem dela não faz parte. A discussão que nos cabe aqui é se esse movimento não demarcaria a zona de conforto social que ser privilegiado traz, ao passo que inviabiliza e pune desejos transgressores a ela, fazendo-a, tão somente, vulnerável.

Ettore Medeiros (2018) assinala que as violências e discriminações presentes nos *apps* relativas à hierarquização de corpos apazíveis, ou não, refletem na autoestima e subjetividade dos usuários. Danilo Lima (2017), Júlia Corrêa e Marcos Cruz (2019) apresentam os conflitos e estratégias de usuários que não se enquadram no perfil hegemônico de masculinidade (os que atraem o maior número de mensagens); o que mais chama atenção nesses resultados é a necessidade de modificar o perfil para este modelo hetero(homo)normativo como forma de

conseguir um encontro casual com mais facilidade. Como condição de ser desejado, segundo as características socialmente estabelecidas sobre um “homem gostoso”.

Operacionaliza-se, portanto, uma pedagogia da sexualidade e do corpo construído nas fotos que mostram músculos esculpido, buscando ser viril e másculo, além da regulação do tom da voz nos áudios trocados e no uso de gírias e termos que reafirmem um padrão “macho” (LIMA, 2017; MARACCI *et al.*, 2019). “A conexão testosterona-masculinidade hegemônica se mostra também no texto visual do perfil” (MEDEIROS, 2018, p. 85), como forma de se reconhecer nos parâmetros postos de estética, higiene e moralidade (LIMA, 2017; CORRÊA; CRUZ, 2019).

Outro resultado que surgiu nas análises é o do descompasso quando o perfil de um determinado segmento não corresponde ao estereótipo que lhe é socialmente atribuído. Nessa direção, Danilo Lima (2017) e Mahamoud Baydoun (2017) corroboram com a discussão que reflete sobre raça e renda, ao apontar que homens negros que não são ativos ou dotados, como também aqueles que não têm automóveis ou moram em periferia, são preteridos e pouco requisitados (PINHO, 2015). Nessa direção, ainda acrescentam alguns pressupostos, como “ter boa aparência”, “que seja educado” e até “analfabetos não” como marcadores de classe presentificados na busca por parceiros nos *apps*. No que se refere a usuários de territórios nobres/periféricos, Ettore Medeiros (2018) considera esse recorte e acrescenta que a tecnologia da geolocalização facilitaria nesse quesito. Assim, alguns bairros ou localidades garantiriam mais atratividade, graças ao pressuposto de classe ao qual está vinculado. Porém, também emerge uma compreensão de habitação por trânsito, apontando fluxos e circuitos da pegação (MARACCI; MAURENTE; PIZZINATO, 2019).

3.2 Considerações da revisão

Uma questão importante de ser discutida é a determinação dos usuários dos *apps* como homens gays. Nesse sentido, acreditamos que a discussão em torno dos usuários abrange um público bem maior, considerando que práticas homoeróticas não se restringem apenas a homens gays. Tal premissa também se justifica porque na análise dos resultados ficou claro que há uma predominância e uma cultura das práticas em subalternizar a figura e identidade gay, em que os usuários dos aplicativos lutam performaticamente para se distanciar dessa imagem subalternizada por eles mesmos. A questão que colocamos é: considerando a orientação sexual a partir da autodeterminação, os usuários desses *apps*, em sua maioria, se compreendem como homens gays ou homens que se relacionam com outros homens?

Compreendemos também que esta ideia de homem espartano e homem gaysta¹⁵ são construídas a partir de noções machistas, misóginas e homofóbicas, e que a heteronormatividade estaria enredada de forma contingencial. Desse modo, uma questão que nos fica é, em relação à vivência, quais negociações e tensões estão implicadas na performatividade dessa masculinidade hegemônica e hipervirilizada?

Outro ponto que também merece ser trazido e que não surgiu no material analisado¹⁶ foi uma discussão que incluísse cisgeneridade também como uma normativa que impera nesses corpos e nessas práticas. Parece-nos que os homens analisados são sempre homens com pênis, o que reforça uma cultura falicizada nas práticas sexuais entre homens, o que nos deixa curioso para saber qual o lugar das transmasculinidades ou das masculinidades não-cisgêneras nos *apps*.

Além disso, outra questão bem importante de se considerar diz respeito às áreas de conhecimento das produções e às metodologias adotadas para levantamento de informação. Do material selecionado, 4 deles (2 dissertações e 2 artigos) são da psicologia. Quanto à metodologia, a etnografia é a que mais se destaca entre as pesquisas como forma de levantar conhecimento em *apps*. As entrevistas foram utilizadas por 7 publicações e, dessas, apenas 2 (as dissertações) da psicologia entrevistaram os usuários de fato. Assim, acreditamos que as pesquisas que possam entrevistar os usuários, pensando um processo dialógico e de produção de sentidos, possibilitará um aprofundamento das reflexões a respeito dos conflitos e tensões das performances sobrelevadamente masculinas nos aplicativos de encontros homoeróticos. Como essas vivências seriam afetadas pensando na cultura nordestina? A maioria dos estudos analisados são da região sudeste e apenas um deles foi realizado no nordeste, no estado da Bahia (uma dissertação de mestrado em Educação).

Outra mobilização que emerge após a apreciação dos resultados e discussões é: Qual seria o lugar dos corpos transgressores das normas de gênero nos *apps* de encontros pegação? Em que medida as práticas desenvolvidas nos aplicativos contribuem para um silenciamento e adestramento desses corpos? Entre ser rechaçado e renunciado, quais as estratégias que se podem desenvolver frente aos desejos? Por fim, tomando em conta o objetivo deste estudo, destacamos que a principal contribuição dessa revisão foi possibilitar um panorama atual e crítico sobre as produções na área, indicando questões para futuras pesquisas.

¹⁵ Homem espartano e homem gaysta são termos cunhados por Victor Hugo Barreto (2017) para falar dessa ditadura do macho entre homens com práticas homoeróticas, da contraposição da figura da masculinidade hegemônica e da masculinidade que carrega traços/características femininas.

¹⁶ Registramos o conhecimento sobre o artigo de Fábio Morelli (2018), porém, como sua discussão se foca em outros *apps* (*Hornet* e *Tinder*), foi excluído do nosso quadro de publicações selecionadas. Entretanto, serviu-nos de inspiração para questionar os pressupostos normativos sobre as masculinidades.

4 “EU QUERO CU OU ROLA, VOCÊ VAI ME DAR O QUÊ?” – Tecendo estratégias metodológicas em *apps*

Neste capítulo buscamos situar a pessoa leitora sobre os caminhos metodológicos utilizados para construção do conhecimento com os interlocutores da pesquisa, que dado o contexto em que se realizou, foi um percurso marcado por negociações frente às investidas nos aplicativos de pegação. As incursões nesses espaços digitais foram pautadas em diversas estratégias que, por vezes, trouxeram a necessidade de rever as escolhas previamente formuladas, na constante reflexão frente às situações que nos interpelaram.

O título deste capítulo surgiu em um primeiro momento de habituação e (re)conhecimento do espaço. Os *apps*, que há tempos cheguei a usar como exercício da sexualidade, presentificaram-se como ferramenta de pesquisa situada e atualizada. Entretanto, a volta aos aplicativos, como pesquisador, não me eximiu de trazer vícios do uso. Na tentativa de (re)adaptação ao espaço da pegação digital, acabei incorrendo ao famigerado “o que procura?” - expressão recorrente entre os usuários como uma forma de iniciar o diálogo, entender e se situar no desejo do outro.

Então, a ideia de assim nomear o capítulo veio do que obtive como resposta para essa pergunta, e da intenção de que a leitura que aqui segue represente o quão desafiador foi o fazer-prático metodológico. Ao passo que também utilizo esse espaço para homenagear o primeiro usuário que troquei mensagem. Sua resposta, além de falar muito sobre o desejo que movia aquele lugar, lembrou-me do desejo que me fez ter seguido com essa proposta, abrindo, assim, os caminhos para a metodologia. Logo, reserva-se aqui o espaço do tesão que instrumentalizou, desafiou e programou caminhos para uma aproximação dos nossos objetivos.

Sentir-me desafiado foi sinônimo da sensação de fazer algo da/para a Psicologia, assim me senti diversas vezes no contato com o outro ao longo do exercício da profissão. Sobretudo, fez-me sentir vivo! Para um homem gay, é muito importante se sentir vivo já que a todo instante, socioculturalmente, somos afogados em pressuposições e imposições hetero(homo)normativas. De modo que, escrever esta dissertação também é fruto de um processo de localização no espaço e tempo que me constituem não apenas como pesquisador, mas como sujeito.

A nossa compreensão é de que o fazer científico se constrói no próprio fazer, construindo um caminho que outrora nos é parcialmente iluminado pelas reflexões e revisões teórico-metodológicas. Porém, não dá para acreditar que o conhecimento é dialogicamente produzido se o seu caminho de produção não igualmente for. Sendo assim, compreendemos

aqui o desafio de alinhar um desenho metodológico que se aproxime do que propõe as nossas questões norteadoras, permitindo-nos a possibilidade de sermos propositivos e éticos quanto ao construcionismo social.

4.1 Prospecção dos caminhos a partir do diálogo com pressupostos teórico-metodológicos

A perspectiva da orientação construcionista nos subsidiou na concepção do desenho metodológico, que para nós impacta no entendimento de que o conhecimento é construído coletivamente¹⁷, valendo-nos o esforço de rever e problematizar noções culturais consolidadas e arraigadas (SPINK; FREZZA, 2013; MEDRADO; LYRA, 2016).

À vista disso, desenvolvemos uma pesquisa de campo qualitativa, que partiu do pressuposto de “uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p.70). Portanto, visamos apurar informações, compreender e explicar os diferentes sentidos a respeito da incorporação das exigências normativas das masculinidades em usuários de *apps* de pegação. Nesse sentido, não nos interessamos apenas pelo resultado/conhecimento em si, mas também como ele foi construído.

Conforme os objetivos propostos, a pesquisa se desenvolveu a partir do ambiente digital, em aplicativos de pegação entre homens. Desse modo, nos propusemos a construir uma pesquisa como caminho metodológico de inspiração etnográfica¹⁸. Carlos Fígari e María Elvira Díaz-Benitez (2009) consideram que os trabalhos etnográficos vêm produzindo conhecimento a partir do estudo da diversidade das práticas sexuais alternativas, refletindo como elas são usadas para (des)construir subjetividades e identidades coletivas.

A metodologia de uma etnografia é inseparável dos contextos em que é utilizada e é uma abordagem adaptativa que prospera em reflexividade sobre o método. A abordagem da etnografia que é descrita pretende-se aqui fazer justiça à riqueza e complexidade da Internet e também para defender a experimentação dentro do gênero como resposta a situações inovadoras. (HINE, 2000, p. 13)

No que compete às pesquisas na internet, Luís Augusto Silva (2010) aponta que significados da rede *online* se entrelaçam com a vida social, de modo que a *web* pode ser vista

¹⁷ A propósito, na escrita desse trabalho oscilo entre o “eu” e o “nós” em decorrência de alguns posicionamentos. Primeiro por compreender que em momentos (como na imersão nos aplicativos e na análise que segue) é a implicação do “quem sou eu”, assim como de todos os sentidos que estão atribuídos nisso frente aos interlocutores, que reflete na construção do conhecimento aqui exposto. Segundo, por compreender que antes desta dissertação, muitos “eu’s” vieram para que eu pudesse construí-la. Por fim, por considerar a construção coletiva como catalisadora de um debate que foi o tempo inteiro perpassado por várias reflexões junto ao meu orientador e ao nosso Núcleo de Pesquisa.

¹⁸ Frisamos se tratar de uma inspiração etnográfica por considerar, segundo os cânones da Antropologia, que esse método requer mais tempo e interações no contexto da pesquisa. Assim, reconhecemos que nossa proposta metodológica não foi diminuída e/ou desqualificada apesar dessa limitação.

como um espaço de produção textual em que se possibilita vislumbrar modelos e novos significados culturais. Para a Psicologia, tal fazer metodológico se afirma na possibilidade de reconhecer o fenômeno/processo particular refletido a partir dos elementos que o determinam (SATO; SOUZA, 2001). Sendo assim, não seriam estudos de caso, mas, sim, sobre casos.

Neste âmbito, é importante pensar sobre as mídias digitais. Como apregoa Luís Martino (2015), elas se diferem das mídias analógicas por converter o conteúdo físico (disco de vinil, filme da câmera fotográfica etc.) em dígitos, de onde vem o termo digital. Em uma explicação sociológica, Richard Miskolci (2017) vai apreender o digital como uma característica do mundo contemporâneo que distintivamente tem suas relações mediadas pela tecnologia de conexão em meios comunicacionais. Apontando, ainda, que necessita do suporte de um equipamento (como o computador, smartphone e afins) que se opõe àquilo que é analógico. Portanto, inspirados por Richard Miskolci (2017) entendemos que as relações digitais sintetizam uma transformação que imbrica o tecnológico e o social. Já a virtualidade, segundo Pierre Lévy (2011), além de espaço ou tecnologia, é um emaranhado de forças que tangenciam fatos, fenômenos, objetos ou qualquer entidade em jogo entre o que é atual e virtual. Assim, nos posicionamos a partir do uso do termo “digital” por entendermos que o espaço das interações que construímos não está desvinculado das relações desenvolvidas fora dele.

Fábio Morelli e Bruno Pereira (2018) nos ajudam a conceituar as mídias digitais a partir da ideia de que elas estariam imbricadas no nosso cotidiano de forma muito natural, que vai desde o acordar pelo despertador do celular, as mensagens dos grupos de trabalho, conferir a rota e horário do coletivo, até pensar a seleção de parceiros/as para relações sexuais e/ou afetivas. Dessa forma, essa intrincada relação possibilita reformulações tanto no contexto analógico como no digital, mas, sobretudo borra as barreiras *online/off-line*, indicado um contínuo entre as mesmas.

Dentro da grande definição das mídias digitais, pinçamos os aplicativos e buscamos compreender a expressão de algo que é anterior ao digital, as práticas de sexo casual entre homens. Logo, é válido sobrelevar que as práticas de pegação homoerótica não se constituem necessariamente nos *apps*, mas estes que têm se constituído como novos espaços para negociações. De acordo com a perspectiva etnográfica na *web*, é interessante apontar que os diferentes usos dessa ferramenta podem gerar efeitos nos seus usuários e na cultura (MILLER; SLATER, 2004). Desse modo, a internet torna-se inteligível ao ampliar práticas que já existem, mas que nas relações face-a-face são moralmente proibidas (LÉVY, 2005).

Donna Haraway (2000) vai nos indicar que “o sexo, a sexualidade e a reprodução são atores centrais nos sistemas mitológicos *high-tech* que estruturam a nossa imaginação sobre

nossas possibilidades pessoais e sociais” (p 75). De forma que a internet é compreendida como um espaço potencialmente experiencial de expressão da sexualidade não-heteronormativa, sendo assim plural, mas que também é assujeitada à regulação e disciplina moral (CORRÊA; SÍVORI; ZILLI, 2012).

4.1.1 Por que uma pesquisa em *apps*?

É importante destacar que os *apps* de pegação surgem como instrumento para essa pesquisa não somente porque é uma arma frente à proibição moral (que no nosso recorte gira em torno da homofobia e da heteronormatividade), mas também por ser uma estratégia metodológica reafirmada a partir da nossa revisão de literatura. Ou seja, os legitima como método viável para levantamento de informações para nossa questão de pesquisa. Nesse sentido, diante das escolhas que precisaríamos fazer, entendemos que os *apps* de pegação, sob a ideia de anonimato que a *web* transmite, seriam uma forma de localizar usuários dispostos a falar. Compreendemos que estas configurações os deixariam mais confortáveis¹⁹ para uma autodeclaração a respeito da sua sexualidade e identidade de gênero. Assim, não incorreríamos a um perfil preestabelecido que prediria homens que fazem sexo com homens, padronizando-os, o que entendemos como uma armadilha hetero(homo)normativa e estruturalista.

Por acreditar que a escolha do público está imbricada na escolha do ambiente da pesquisa, aproveito o espaço para delimitar as características do nosso grupo de interlocutores. Nos inspiramos na proposta de amostra não-probabilística do tipo “por conveniência”, composta por 5 homens²⁰. Utilizamos como critérios de inclusão: ser usuário dos aplicativos selecionados; encontrarem-se no território da cidade de Recife-PE, conforme localização dos *apps*; que expressem (na descrição perfil ou no diálogo) como condicionantes ao contato, elementos de uma cultura masculina normativa - que, nesse contexto de rede social gay, segundo Richard Miskolci (2013) se apresenta dentro de algumas palavras como “macho”, “*brother*”, “no sigilo” etc. Os perfis descartados para essa pesquisa são: os que não se compreendiam como homem, a respeito da sua identidade de gênero²¹; de idade inferior a 18 anos; não se encaixavam nos critérios de inclusão; Não se voluntariaram a participar da pesquisa, com autorização no TCLE digital.

¹⁹ Compreendemos que em um contexto de grande controle heteronormativo, homofóbico e transfóbico, como no do atual panorama político-social, esse é um tema sensível para algumas pessoas.

²⁰ Destacamos que aqui nos referimos ao quantitativo de homens selecionados no *app*, porém, no decorrer do capítulo, também me reconheço como participante deste estudo, perfazendo um total de seis interlocutores.

²¹ A cisgeneridade não foi um recorte para a compreensão do nosso grupo de interlocutores.

Diante disso, os instrumentos selecionados foram os aplicativos *Grindr* e o *Scruff*, em virtude de suas popularidades, assim como da avaliação das pessoas que baixaram - essas informações foram identificadas a partir de uma rápida pesquisa nas lojas virtuais de aplicativos. Ambos os *apps* têm como recorte em comum: ser uma rede social que propõe troca de mensagens entre homens que buscam pegação. Assim, são de fácil uso intuitivo, gratuitos (embora ainda existam versões por assinatura), propõem espaços de troca de mensagens privadas, utilizando a tecnologia de geolocalização²². Em tais *apps* os usuários precisam criar um perfil para navegar. Neles, há a possibilidade do usuário se identificar com características pessoais, além de ser possível filtrar o perfil de interesse.

Através das relações que desenvolvi, compreendemos que os aplicativos citados se configuram como uma antessala para a pegação, que em geral tende acontecer no “pele-a-pele”²³. Mesmo quando essas interações acontecem por chamadas de vídeo/vídeo conferência, é necessário o uso de outros aplicativos auxiliares como o *WhatsApp*, em que não necessita de uma versão por assinatura para tal possibilidade.

Por conseguinte, o *WhatsApp* também foi um instrumento para essa pesquisa. À medida que os participantes sentiam que as conversas tomavam forma e que não seriam tão expressas como normalmente eram com os outros usuários do *app*, solicitavam que migrássemos para lá. Eu entendi esse pedido não apenas como uma estratégia de tornar a nossa troca mais fluida²⁴, mas também como uma forma de tirar de mim o que eu estava tirando deles, a privacidade. Logo, essa era uma prova de segurança²⁵ que me era pedida, então eu fiz questão de corresponder de pronto, entendendo os efeitos positivos disso para o conhecimento ali construído.

Fábio Morelli (2017) indica que a migração para o *WhatsApp* é algo muito comum tão logo as conversas avancem. Com efeito, isso pré-indica que acontecerá um encontro off-line a partir de uma convergência identitária²⁶ entre os usuários. Aliás, é comum o uso de imagem real do rosto do usuário nesse *app*. Voltando ao uso dos aplicativos de pegação para pesquisa, o autor ainda aponta:

²² A geolocalização possibilita que os aplicativos constituam uma lista personalizada de contatos para cada usuário a partir da sua proximidade geográfica, por meio do GPS (Sistema de Posicionamento Global).

²³ Substituo a expressão face-a-face justamente para poder carregar de significado essas práticas que, através das falas dos interlocutores, são balizadas pelo/para o alcance do prazer.

²⁴ Conforme mostrou nosso campo, o uso do GPS em aplicativos exerce um forte impacto na dinâmica do *smartphone*, esquentando, consumindo excessivamente a bateria etc.

²⁵ Entendo assim, pois o *WhatsApp* é uma mídia social vinculada aos contatos salvos no aparelho celular, normalmente carregado de familiaridade/intimidade, restrito a pessoas mais próximas.

²⁶ Fábio Morelli (2017) utiliza essa expressão para falar sobre o processo de negociação no aplicativo, em que os usuários, nas conversas preliminares, avaliam o comum interesse entre eles a partir das suas características (no próximo capítulo avançamos nessa discussão).

Não estou dizendo que não existam pessoas que não manipulem os seus dados ou criem perfis falsos de si, mas, o que quero dizer é que isso não é uma cisão com a realidade, muito pelo contrário, essas relações só evidenciam o quanto de convergência entre o mundo off e on-line existe porque o on-line repercute no off e vice-versa (MORELLI, 2017, p. 66-65).

Sendo assim, as mídias digitais seriam um dispositivo a mais de conectividade entre pessoas, em que só podem ser compreendidas a partir do envolvimento e influência com a nossa realidade cotidiana, indicando uma continuidade contingencial entre *off* e *on* (BAYM, 2000).

A partir dos estudos da Antropologia, Daniel Miller e Heather Horst (2012) nos indicam que não haveria interação sem mediação, de modo que a comunicação face-a-face é tão influenciada culturalmente como a mediada por aparelhos digitais. Posto isso, uma das principais contribuições dos estudos a partir da antropologia digital é a exposição das ilusões de que o mundo e as relações anteriores ou pré-digitais são não-mediadas e não-culturais. A diferença é que no contato presencial isso é tão efetivo que não conseguimos ver as molduras pressupostas pela cultura (MILLER; HORST, 2012). Logo, é preciso considerar dois pontos: primeiro não se tem como propor uma separação delineada entre o mundo *online/off-line*; segundo, o espaço digital se constitui como produto cultural, entrelaçado às práticas sociais (POLIVANOV, 2014).

Nesse ponto, compreendemos que o indivíduo pós-moderno tem suas experiências e práticas ampliadas, já que as tecnologias reconfiguram ontologicamente a condição humana em um processo de “cyborgização”. Com efeito, é importante localizar a reflexão de David Le Breton (2013), ao apontar que a Modernidade promoveu uma “humanidade modificada”, culminada pelas tecnologias da informação que recompõem as corporalidades, as práticas e as relações sociais.

Trazendo a discussão para o nosso enfoque temático, vale reconhecer que não foram os aplicativos de pegação que ditaram o padrão corporal ou o capital erótico dos usuários. Como explana Richard Miskolci (2017), o que acontece é que a ascensão das mídias digitais nas práticas de pegação entre homens, potencializa, dissemina e elucida a existência dessas normativas sociais.

4.1.2 Pesquisador instrumentalizado ou instrumento pesquisador?

Entender-me e localizar-me nessa pesquisa como parte é um tensionamento das propostas eugênicas de ciência, ao problematizarmos sua neutralidade e distanciamentos. Peter Spink (2003) vai usar o conceito de campo-tema para identificar as mobilizações do pesquisador frente ao objeto, o problema e o fazer científico. É um para além de estar/ir a

campo, articula-se com a reflexividade. Uma visão que busca integralizar a vivência, “o campo é nosso próprio tema de pesquisa, por isso, estamos em campo o tempo todo” (BATISTA; BERNADES; MENEGON, 2014, p. 108).

Campo é o campo do tema, o campo-tema; não é o lugar onde o tema pode ser visto - como se fosse um animal no zoológico - mas são as redes de causalidade intersubjetiva que se interconectam em vozes, lugares e momentos diferentes, que não são necessariamente conhecidos uns dos outros. Não se trata de uma arena gentil onde cada um fala por vez; ao contrário, é um tumultuado conflituoso de argumentos parciais, de artefatos e materialidades (SPINK, 2003, p. 36).

À vista disso, destaco o posicionamento de me compreender também como alguém que constrói o saber junto aos interlocutores, em um movimento dialógico. Nesse sentido, afino-me ao entendimento construcionista de que o conhecimento é arvorado coletivamente por meio das práticas sociais e não a partir da forma como apreendo o mundo.

É importante aglutinar a essa discussão a consideração de que o campo de uma etnografia deve ser feito a partir da reflexividade e da subjetividade, com a imersão e engajamento intermitente do pesquisador (HINE, 2000). No que compete a essa perspectiva de inserção digital, temos que “elementos autobiográficos do pesquisador ajudam a desvelar diferentes contornos e enfrentamentos do objeto de pesquisa em um fluxo narrativo de cuja análise sujeito e objeto fazem parte” (AMARAL, 2009, p. 15). Portanto, aproveito essa seção como lugar de tentar entrelaçar as questões *on/off* que permearam a construção dessa dissertação, iniciando por um dos pontos: eu, que neste processo não sou apenas “pesquisador”.

Chamo-me José Gomes de Oliveira Neto. Carrego o nome do meu avô, que foi uma figura extremamente forte em minha existência, não só por ter me dado o nome, mas por nossa relação de (des)construção que muito me ensinou. Foi a representação do que eu nunca conseguiria ser, uma figura forte, sobretudo viril. Utilizo o termo “viril” porque ele socialmente é tido como o que seria mais próprio/pertencente ao homem, àquilo que não se confunde com o feminino, distingue-se. Fico feliz de, nessa relação com meu avô, poder ter sido naturalmente eu, como também ter construído algo tão significativo; já que é essa relação que hoje me permite refletir sobre as masculinidades. A masculinidade hegemônica é compulsória em homens, meu avô em algum momento foi usado como esse parâmetro, um ideal que está representado não só no meu nome, mas na minha história.

Sou Neto, mas também sou um homem gay, cisgênero, com fenótipo branco e pude acessar espaços sociais/educacionais de privilégio. Nasci e cresci no sul da Bahia, onde as relações são ancestralmente perpassadas pela figura dos coronéis do cacau que impõe/reafirma o classismo, na figura de um macho detentor do poder. Mas também o espaço que pude beber de muita resistência da discussão racial, na luta das mulheres por ser filho de mãe solo, mas

principalmente (ainda que de modo tardio) foi onde pude despertar o olhar para as dissidências sexuais e de gênero. Osmundo Pinho (2015) apresenta uma discussão sobre a cultura baiana (mais propriamente a partir do pagode) para tecer uma reflexão que intersecciona gênero, raça e sexualidade, compreendendo a política sexual como “ponto de sustentação de tática de poder” (p. 234), como agência. À vista disso, hoje consigo nomear os tangenciamentos agridoce que isso me traz, ainda que não por completo, em decorrência dos meus privilégios, mas que de algum modo assinala de onde eu vim.

Apesar de tanto, por muito tempo estive vigilante sobre quem eu era, assim como sobre quem deveria ser. Em um jogo quase performático²⁷, tentando apagar referências, expressões, representações que genuinamente vinham, mas eram violentamente suplantadas. Hoje, entendo como uma estratégia (a princípio única) para lidar com a agressão que vinha dos outros, me rotulando como algo que eu não entendia o que era, mas entendia que não deveria ser. Nesse jogo de opressão silenciosa, não é justo ter perdido tanto e ainda ganhar o status de algoz de mim mesmo. A armarização²⁸, a discrição ou qualquer capilaridade da hetero(homo)normatividade, foi o que me foi vorazmente incutido como benigno, correto, esperado.

O meu contato com a sexualidade foi inicialmente muito retido por essas estruturas austeras, que me enrijeceram no encontro de algo que é genuíno em si, o desejo. Há uma frase de autor desconhecido que fala muito desse processo: “a pior coisa que poderiam ter negado a um homem gay dos anos 90 é a adolescência”. Vivi minha adolescência junto a ascensão das mídias digitais, nos anos 2000. Ainda que tenha demorado para de fato ter um equipamento que me conectasse, privilegiadamente adentrei espaços que me permitiam isso. Sendo assim, as mídias digitais se apresentaram como a melhor forma de “fazer”, protegido pelo anonimato, porém ainda vulnerável à culpa que fizera tudo acontecer bem mais lento e menos natural do que deveria.

Romper com esses pressupostos, quebrando com as idealizações que sempre recaíram sobre mim foi um processo demorado, cuidadoso, naturalmente remodelado. Moro há 10 anos em Pernambuco, mais precisamente no sertão pernambucano, onde me graduei em Psicologia numa universidade federal e me fiz psicólogo. A academia me incorporou não só um novo papel

²⁷ Aproveito a ocasião para diferenciar performance de performatividade. Segundo Miguel Vale de Almeida (2014), a performance pressupõe a ideia de um sujeito, é alguém interpretando algo, de modo que existe um ator e existe o personagem. Enquanto na ótica da performatividade não haveria um sujeito prévio, ele se constrói nas relações, necessariamente fazendo sentido apenas naquela rede simbólica.

²⁸ A entrada no armário para sujeitos não-heterossexuais é uma forma de invisibilizar indícios de uma sexualidade dissidente a partir da incorporação da heteronorma, para Eve Sedgwick (2007, p. 13) diz das “relações do conhecido e do desconhecido, do explícito e do implícito em torno da definição do homo/heterossexualidade”.

(o profissional), mas também permitiu me visibilizar, rompendo estigmas tão rígidos. Recordo-me que o encontro com os aplicativos de pegação aconteceu ainda na época da graduação, cerca de dois ou três anos depois que eles chegaram no Brasil (entre 2011-2012), já que as mídias digitais no geral desde sempre fizeram parte de como eu me relaciono (antes dos *apps* haviam outros dispositivos). A culpa deixou de existir um tempo depois, mas antes disso foi responsável por me fazer desinstalar, bem como omitir o uso dos aplicativos para pessoas conhecidas.

A hetero(homo)normatividade, além de constituinte é estruturante para muitos homens, assim como eu. “Estrutura o masculino de maneira paradoxal e inculca nos pequenos homens a ideia de que, para ser um (verdadeiro) homem, eles devem combater os aspectos que poderiam fazê-lo ser associados às mulheres” (WELZER-LANG, 2001, p.462). Nesse caminho de se reconhecer frente ao desejo sexual, marginalizamos as práticas homo-orientadas em um processo de criminalização moral, que muitas vezes precisa ser sigilosa, para nós mesmos e nossos pares. Dessa forma nos indicam que precisamos ser e parecer como heterossexuais, ao passo que pedagogicamente escamoteiam quem somos em uma morte identitária.

Em virtude de uma conotação promíscua, o uso dos *apps* de pegação entre os homens sempre foi marginalizado, permeado por um sentimento de culpa/vergonha, além de constante omissão do uso. Historicamente o público LGBTQIA+ busca se distanciar dessa estigmatização derivada da epidemia de AIDS, doença considerada como “câncer gay” (TREVISAN, 2018). Hoje, eu entendo esse processo como extremamente violento. Como se não bastasse a guetificação em espaços delimitadamente LGBT’s, o exercício da sexualidade é ainda regulado por padrões morais hetero(homo)normativos - que de tão fortes, são naturalmente incorporados por nós.

Nesse processo quase especular, as mídias digitais me serviram para interagir com algumas pessoas que conheci, sobretudo no trecho Pernambuco-Bahia. Desse modo, pude identificar as pessoas novas que adentravam esses territórios. A minha perspectiva para com o uso dos aplicativos de pegação foi reformulada com o tempo, principalmente após a mudança para uma cidade ainda menor no sertão, assim como o início de uma relação com interesses monogâmicos.

A propósito, é importante demarcar que estou nesse relacionamento há mais de 4 anos, iniciado, inclusive, no aplicativo *Tinder*²⁹. Sendo assim, esse também é o demarcador de tempo

²⁹ Mídia digital vinculada ao *Facebook* (outra mídia digital) para utilizar-se de dados como nome, fotos e idade. O *Tinder* não se caracteriza diretamente como um *app* de pegação, uma vez que os dados do *Facebook* tendem a não possibilitar o sigilo. Como a moralidade é tão presentificada, o *Tinder* se enquadra como um aplicativo de paquera e que geralmente serve para localizar pessoas (digitalmente nomeadas de *crush*) com interesse em ficar, namorar, sem vincular diretamente à pegação.

em que me desapropriei inteiramente desses aplicativos. Nessa conjuntura, as minhas interações com os participantes da pesquisa foram balizadas não apenas pelo posicionamento ético-epistêmico, mas também por meus compromissos e interesses sexuais/afetivos.

Então, após ter sido tão questionado sobre o quão “normal” ou “natural” seria ter uma orientação sexual/afetiva homo, venho questionar a hetero(homo)normatividade e a homofobia. Posto isso, quero apontar que o pesquisador é alguém que, apesar de alguns privilégios, foi similarmente marcado e regulado por uma masculinidade hegemônica. Entretanto, é igualmente importante frisar que qualquer pessoa que apresente as mesmas práticas sexuais/afetivas, ainda estará mais ou menos vulnerável a depender da subalternidade dos seus marcadores sociais.

Cabe ainda destacar que este escrito não visa marginalizar os participantes desta pesquisa (que aparentemente ostentam traços similares ao homem hétero), mas para construir algo capaz de tentar responder o quão perverso é legitimar o armário. Portanto, é tão importante que quem construa essa pesquisa seja alguém que consiga se posicionar e problematizar a hetero(homo)normatividade, de forma que, como tal, também se constitua como um instrumento para essa pesquisa.

4.2 Cuidados éticos

A ética foi um demarcador muito forte ao construir nosso desenho metodológico, como também na organização do trabalho. Ainda na fase de projeto de pesquisa foi algo que nos preocupou, já que o espaço da pegação parecia ser transgressor demais. Um forte aspecto que balizou toda essa proposta foi o compromisso primeiro de estar sempre vigilante para não ocupar o papel de opressor: seria incoerente ocupar esse lugar, à vista de toda a discussão que justifica nosso estudo. Assim, o cuidado e autovigilância ganharam papel fundamental aqui, justamente por saber que o privilégio do suposto-saber científico poderia ser contingencial a um lugar contestável de hierarquia.

Desse modo, nos debruçamos em diversas leituras que perspectivassem não apenas a nossa temática, mas também pesquisas em/dos/sobre contextos digitais, para que pudéssemos construir algo não apenas coerente, mas legítimo ao nosso campo-tema. Ficamos bastante reticentes quanto a escrever uma seção apenas sobre ética, porque entendemos que a ética já esteve escrita aqui de algumas formas: no nosso posicionamento epistemológico, nas escolhas do referencial teórico, no processo de revisão de literatura, na compreensão e exposição de que também estamos enredados nesta pesquisa. Porém, reservar um espaço para legitimar esses direitos/deveres para com o outro, se faz bastante importante em um contexto social de

relativização dos direitos humanos, de retrocessos, fundamentalismos e até mesmo de pedidos de intervenção militar.

Aliás, é bem interessante demarcar nossa perspectiva de reflexividade e ética dialógica quando propomos uma per-versão do saber-fazer científico ortodoxo. Com isso, o construcionismo social nos reserva importantes argumentações para uma compreensão ética que transcende o produto da ciência em si, mas salvaguarda um fazer científico discursivo-compartilhado. É, portanto, desmonopolizar a construção científica, invertendo o sistema do suposto saber privilegiado para se tornar também um saber inteligível para além dos espaços acadêmicos, a sociedade. Por esse viés, Mary Jane Spink (2010) argumenta que para compreender o “saber” antes de mais nada é preciso abrir mão do binarismo sujeito-objeto, uma vez que os dois são interseccionados pelo conhecimento socialmente construído.

Nesse processo de construção de uma pesquisa que busca não colonizar pessoas, bem como a partir da máxima: ética é método e método é ética (MARKHAM, 2006) - compreendemos que não podemos encará-la por uma perspectiva hierárquica, mas como parte central, relacional.

Um pesquisador ético, *on* ou *off-line*, é aquele que é preparado, reflexivo, flexível, adaptativo e honesto. Métodos não são aplicados simplesmente por hábito, mas derivam da reflexão constante, crítica, sobre os objetivos da pesquisa e questões da investigação, com sensibilidade, adaptados às especificidades do contexto (MARKHAM, 2006, p. 39).

Portanto, cabe destacar que esse conhecimento implica a sobrelevação de um processo reflexivo quanto a construção da informação junto aos interlocutores. Dessa forma, percebi as sinuosidades do caminho metodológico não somente como percurso, mas como resultado do fazer, como indicativo para o que vem a seguir. A relação com cada interlocutor foi bem singular diante da abertura dada às nossas proposições, respeitando o quão sensível aquilo poderia ser, assim como as reverberações para além da pesquisa.

Diante desses pressupostos, os instrumentos e métodos da pesquisa foram formulados com o objetivo de melhor alcançar os participantes. Com efeito, os procedimentos de levantamento de informação em aplicativos só aconteceram após aprovação³⁰ do Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Pernambuco (CEP/UFPE) e da banca de qualificação. Destacamos ainda que estivemos afinados ao que preza a Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, que orienta sobre as implicações éticas das pesquisas nas ciências humanas e sociais.

³⁰ Número do CAAE: 18206719.9.0000.5208

Durante as conversas nos aplicativos, mediante disposição do usuário para se tornarem interlocutores, situei-os quanto a pesquisa a partir da explicação dos objetivos. Em seguida, enviei o TCLE digital (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), conforme indicação do CEP/UFPE. De forma que, no conteúdo do termo, estavam dispostas explicações sobre os riscos, os benefícios da participação, bem como os contatos do pesquisador e do orientador. Foi incentivada uma leitura atenta para que fossem visibilizados os direitos expressos, sobretudo no que se referia ao anonimato e na desistência em qualquer momento, sem ônus. Em algumas situações foi preciso lembrar esses pontos, uma vez que durante a conversa, tocamos em questões sensíveis aos participantes.

Foi estabelecido um diálogo aberto às elucidações, assim como um olhar responsável ao conteúdo trazido e com a relação estabelecida. Ainda quanto ao anonimato, os participantes foram autônomos na escolha dos nomes fictícios que seriam citados na pesquisa e, no processo de escrita, tivemos a preocupação de suprimir informações que pudessem identifica-los de alguma forma.

4.3 Procedimentos de construção do conhecimento

Anterior ao momento de selecionar os participantes e formalizar o perfil para a pesquisa nos aplicativos, entendi que seria viável me aproximar das peculiaridades do *Grindr* e do *Scruff*. No processo de (re)conhecimento, criei um perfil sem nenhuma descrição, tão pouco foto, estava na suposta posição do sigilo; acreditávamos ser essa uma forma de atrair pouco ou nenhum interesse, já que naquele momento meu objetivo era a apropriação do funcionamento dos *apps*.

Assim, busquei identificar os mecanismos disponíveis, ler os regulamentos, entender o trânsito de perfis a partir de mudanças territoriais, compreender o estilo dos usuários, as denominações e o vocabulário utilizado. Alguns elementos já eram familiares a mim, desde o uso de outrora, até elementos da cultura gay, porém com algumas diferenças: minha posição ali após 4 anos era completamente diferente, pois o uso daquelas ferramentas passou a ser de pesquisador.

Eu esperava passar despercebido, mas fui visibilizado como perfil novo pelo próprio aplicativo - identificado pela tarjeta “entrou recentemente” e localizado em uma sessão exclusiva para novos usuários - no topo de sua interface. Nesse momento, eu percebi três questões: 1) a reaproximação dos aplicativos era imprescindível para um bom percurso metodológico; 2) a minha percepção como pesquisador é completamente diferente de quando

era usuário; 3) como já esperava, desde o meu último uso até aquele momento, os aplicativos passaram por atualizações, o que ocasionou mudanças nas interfaces.

Nesse momento, já me saltaram diversas questões que compreendo não só como um engendramento da metodologia, mas como resultado. Os usuários me falaram sobre toda a visibilidade que a “carne nova no pedaço” traz, além de sinalizar que essa seria uma estratégia usada para aumentar a quantidade de interação. Portanto, muitos deles apagavam seus perfis e criavam outros como forma de serem notados. O próprio aplicativo possibilita criar novos perfis com muita facilidade, sem quase nenhuma premissa. Isso já me dizia de algo que está posto na internet, uma volatilidade da presença e uma pretensa sensação de sigilo. Não por acaso, o símbolo do *Grindr* é uma máscara.

Então, após me sentir mais adaptado com a ferramenta, formalizamos o perfil de pesquisador que possibilitasse a troca de mensagens com os usuários disponíveis. No que compete os estudos sobre as interações sociais, Raquel Recuero (2009) afirma que os atores se constituem como partes do sistema, agindo de forma a intervir nas estruturas sociais por meio da formação e dinamização dos laços sociais. Na perspectiva das redes sociais na internet, compreende-se representações dos atores sociais ou construções identitárias por meio dos *nickname*, perfis etc. (RECUERO, 2009).

Seguindo os parâmetros éticos utilizados em outros estudos com metodologia semelhante, meu perfil foi composto por foto de rosto, com *nickname* “PESQUISADOR”, bem como uma breve descrição do que pretendemos estudar conforme consta na imagem 1 e na imagem 2. Destaco, ainda, que no preenchimento do perfil não é obrigatório a exposição de qualquer dado, ainda que haja opções como altura, peso, etnia e lugares para descrever as preferências, pronomes de tratamento que deseja ser chamado, funcionalidades, estado sorológico HIV, endereço de perfil em outras mídias digitais etc.

Para compor meu perfil escolhemos uma foto que evocasse signos de uma masculinidade heteronormativa, com: semblante mais sério, o corpo marcado na roupa mais justa, que mostrasse uma aparência jovem, fenótipo branco e que, de algum modo, desse a entender que ocupo lugares de privilégio social por estar num elevador, tirando a foto com um celular de alto custo (ALENCAR, 2017; BAYDOUN, 2017; MARACCI *et al.*, 2019; QUEIROZ *et al.*, 2019).

Imagem 1- Perfil *Grindr*Imagem 2- Perfil no *Scruff*

Audiodescrição das imagens

Imagem 1 - Captura de tela de celular

“Estou realizando uma pesquisa sobre pegação entre homens, a gente poderia trocar uma ideia? Pesquisador. Online agora. 0 m de distância. Editar perfil”

Na parte superior e centro da captura de tela, imagem de um homem jovem branco que está de frente para o observador em plano médio. Ele está com a cabeça levemente inclinada para o lado direito. Tem cabelos castanhos semi raspados nas laterais, com maior volume de cabelos no topo da cabeça. As sobrancelhas são castanhas e grossas e os olhos estão na direção da tela de um celular de marca *Apple*, que ele segura na mão esquerda. Tem nariz afilado, bigode e barbas ralos, e lábios grossos e serrados. Veste camiseta justa na cor cinza claro com as inscrições “*Beach Kings*” na cor vermelha.

Imagem 2 - Captura de tela de celular

“Meus interesses. Estou realizando uma pesquisa sobre pegação entre homens, a gente poderia trocar uma ideia? Pesquisador Conectado agora, distante 0 m.”

Na parte superior e centro da captura de tela, imagem de um homem jovem branco que está de frente para o observador em plano médio. Ele está com a cabeça levemente inclinada para o lado direito. Tem cabelos castanhos semi raspados nas laterais, com maior volume de cabelos no topo da cabeça. As sobrancelhas são castanhas e grossas e os olhos estão na direção da tela de um celular de marca *Apple*, que ele segura na mão esquerda. Tem nariz afilado, bigode e barbas ralos, e lábios grossos e serrados. Veste camiseta justa na cor cinza claro com as inscrições “*Beach Kings*” na cor vermelha. Na parte inferior da captura de tela tem a mesma imagem do homem jovem, em tamanho menor. No rodapé quatro ícones, um ao lado do outro, na horizontal. O primeiro visualiza chat particular, o segundo *Woof* (espécie de curtida), o terceiro para favoritar o perfil e o quarto fotos privadas.

Audidescriptores: Maria Eloisa Martins Vieira e Joaquim Vieira Júnior. Consultor: José Eduardo Cavalcanti.

Quando criado, o perfil é de domínio público para qualquer pessoa que tenha a *app* baixado no *smartphone*. No caso do *Grindr*, é possível se vincular a partir de uma conta do *Google*, do *Facebook*, cadastrando um *e-mail* ou número do celular. O *Scruff* é ainda mais

simples, porque não tem nenhuma dessas exigências, exceto ser maior de 18 anos, que também é uma política de uso do *Grindr*. Porém, em ambos os aplicativos, o espaço de troca de mensagens é de domínio privado das duas pessoas interlocutoras. Até então, acreditávamos que a relação pesquisador-participante se desenvolveria apenas nesse lugar. Durante as conversas, apresentei-me como pesquisador, falei dos meus interesses em estar ali, assim como os convidei para participar da pesquisa a partir da expressão do seu consentimento no TCLE digital.

Para alguns usuários, os que eram estudantes ou tinham algum envolvimento com pesquisa, o TCLE foi um atestado de idoneidade. Para outros, foi um empecilho já que temiam acessar o *link* ou informar o *e-mail*, com medo de ser reconhecido para além daquele perfil. Embora isso tenha me falado muito do espaço digital (um lugar de fácil acesso e vulnerável à contrabando de dados), falou-me também do pavor da exposição dos usuários. Como forma de lidar com essas situações, utilizei algumas estratégias como mandar o TCLE por captura de tela, dialogar com esses homens para dirimir esse receio ou, ainda, pedir seu consentimento por ali mesmo. Porém, com os usuários mais desconfiados não tive tanto progresso na conversa: mesmo com diversas negociações, algumas questões eram bem sensíveis, sobretudo as que confrontava um ideal de masculinidade que eles buscavam ostentar. Refletir sobre aquilo talvez os colocassem em uma posição de rever posicionamentos que não estavam dispostos, assim como inviabilizaria os nossos resultados.

Após esse processo de situar os usuários sobre a pesquisa e obter o consentimento de participação, construímos as informações a partir das mensagens trocadas, considerando que nessas “conversas” os participantes produzem sentido e se posicionam nas interações que desenvolvem corriqueiramente (SPINK; MENEGON, 2013). Essas trocas foram norteadas pela proposta de entrevista, que segundo Benedito Medrado e Jorge Lyra (2016, p. 10) seria uma “produção dialógica negociada, sujeita a acordos, mas também a tensões e conflitos, não necessariamente intensos ou explícitos”. Com efeito, o roteiro de interesse da entrevista foi acordado entre entrevistador-entrevistado, a partir de uma rede de posicionamentos entre interlocutores. O roteiro de entrevista semiestruturada (em apêndice B) possibilitou uma flexibilidade nas perguntas, assim como permitiu uma interação de forma que ambos participaram de forma cooperativa, confirmando George Gaskell (2002).

As conversas/entrevistas foram registradas pela função de captura de tela do celular, o que foi bem exitoso na preservação dos relatos. Também foi necessário a transcrição de mensagens de voz, uma vez que este é um recurso tanto dos *apps* de pegação, como do *WhatsApp* - que de aplicativo auxiliar, passou a figurar como fonte/canal de diálogo. O registro frequente nos garantiu o resguardo das informações, já que em determinado momento minha

conta do *Grindr* foi banida. Apesar de tentar recuperar a conta, o *app* não me deu qualquer retorno da reclamação que abri para perceber o que havia acontecido. Acredito que alguns usuários tenham denunciado após entender que meu objetivo ali não era a pegação, mas estudá-la.

Como há um recorte territorial nessas mídias digitais, situar esse espaço é importante ao considerar os nossos interlocutores. Portanto, as conversas foram iniciadas em Recife – Pernambuco, mais precisamente no bairro Várzea, onde está localizada a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). A escolha desse local partiu do entendimento de que contatar usuários na proximidade de uma universidade facilitaria nossa conversa, por acreditar que teriam mais proximidade e disponibilidade para pesquisas em geral - o que foi constatado nos nossos resultados.

Além do território, o fator tempo também precisa ser bem situado para que possamos entender algumas questões. As conversas iniciaram-se em novembro de 2019 e desde então o contato foi mantido até agosto de 2020. Primeiro, porque a proposta etnográfica me permitiu perceber que as conversas reverberaram nos interlocutores diversas reflexões, então me manter disponível possibilitou que eles fossem (re)elaborando seus posicionamentos sobre as questões colocadas ao longo de nosso contato. Segundo, porque nem sempre eu conseguia contemplar as questões da entrevista de uma só vez. Mesmo pedindo que os participantes escolhessem um horário que lhes fosse livre, as conversas se estendiam para além dessa disponibilidade às vezes. Sem falar, também, em outros fatores que traziam instabilidade para manter o diálogo, como a conexão da internet. Terceiro, em março de 2020 entramos no contexto da pandemia de COVID-19, o que impactou na forma como as pessoas se relacionavam, uma vez que uma das medidas de prevenção adotada foi o isolamento social. Nesse contexto, o espaço digital foi reafirmado como plataforma para as relações de afeto, bem como sexuais e eróticas.

Dessa forma, por entendermos que as pesquisas nesse período seriam marcadas pelo contexto pandêmico e por compreendê-lo como um fator de mudança das práticas sexuais, entrei em contato com os participantes para conversar sobre isso. Sendo assim, tivemos procedimentos de levantamento de informação transversais à pandemia: antes, durante e em momento de relaxamento das medidas diante da diminuição dos casos. Esses procedimentos foram cessados após identificarmos que as entrevistas alcançaram o ponto de saturação, apontado por Egberto Turato (2003) como a rarefação de novas informações e a repetição de relatos semelhantes.

A princípio, nosso planejamento contava em dividir os participantes/entrevistas em dois grupos, os do *Grindr* e os do *Scruff*. Porém, logo de início, foi possível identificar que o *Grindr*

concentrava a maior quantidade de perfis, enquanto os perfis do *Scruff* tinham um público bem mais reduzido naquele território. Como também, conseguimos perceber (pela foto do perfil e por sua descrição) que muitos daqueles usuários também estavam no *Grindr*. Para além disso, não tivemos adesão de nenhum usuário do *Scruff*, eles não pareceram muito dispostos a conversar comigo. A propósito, muitos usuários do *Grindr* confirmaram essa questão, inclusive apontando ter tido curta experiência no *Scruff*³¹ em virtude de ser “mais difícil” a interação e dos poucos perfis disponíveis em Recife.

Então considerando essa peculiaridade expressa no território, descartamos o *Scruff* como canal de interação e seleção de interlocutores. Nesse quesito, somos amparados pelo que Rebeca Rebs (2011) aponta da proposta etnográfica, indicando uma inviabilidade de propostas pré-determinadas para o levantamento da informação junto aos interlocutores, salientando um caminho reflexivo e crítico na construção do conhecimento.

Um outro participante da pesquisa também apontou que no *Grindr* há mais “boy padrão” (*sic*), portanto sendo o espaço perfeito para refletir sobre hetero(homo)normatividade. Nesse último *app*, não tivemos dificuldade de adesão dos seus usuários. Na verdade, nem foi preciso pensar em estratégias de abordagem, já que todos os interlocutores selecionados iniciaram a conversa (adiantamos que no próximo capítulo desenvolvemos uma análise crítica sobre a repercussão do meu perfil no *app*).

É importante salientar que acessamos inúmeras fotos, materiais de perfis dos usuários, interações no *Grindr* e no *WhatsApp*, porém algumas informações não serão apresentadas em respeito ao acordo de confidencialidade e resguardo do anonimato. Durante a reflexão sobre as conversas registradas e a saturação das informações, fechamos em seis interlocutores para nossos resultados. Dentre esse quantitativo, contamos comigo por compreender que também fiz parte desse processo de interlocução. Posteriormente, partimos para os procedimentos que nos permitiram tecer uma discussão com esse material.

4.4 Procedimentos de análise e interpretação

Ao trabalhar a produção de sentidos no cotidiano, Mary Jane Spink e Benedito Medrado (2013) assinalam que no processo de formular um enunciado, o interlocutor faz uso e se

³¹ O *Scruff* é um aplicativo de pegação que foi criado com a proposta de viabilizar sexo casual entre homens denominados ursos - aqueles que têm corpos volumosos e peludos. No Brasil, esse *app* acabou se popularizando para além do seu nicho original, já que inicialmente, o *Grindr* tinha uma melhor funcionalidade em sistemas operacionais de celulares mais elitizados (LIMA, 2017). Com efeito, escolhemos o *Scruff* para potencializar o debate a partir de marcadores sociais, porém, se mostrou um aplicativo de pouca referência no território que pesquisamos.

posiciona frente a um sistema linguístico e de enunciações preexistentes. O ofício do cientista social seria, então, estudar a performance linguística “trabalhando com consequências amplas e nem sempre intencionais.” (SPINK; MEDRADO, 2013, p. 27).

Por conseguinte, as entrevistas/conversas foram analisadas visando a construção de mapas de associação de ideias que, segundo Mary Jane Spink (2010), são formados por uma tabela que traz nas colunas os conteúdos específicos da interação discursiva da entrevista. Esta ferramenta de análise serve para vislumbrar o processo de interanimação dos interlocutores, correspondendo “ao que acontece quando perguntamos certas coisas ou fazemos certos comentários” (SPINK, 2010, p.38). Então, identificamos as categorias comuns no material trabalhado, situando-as nas três dimensões³² do estudo: nas normas de gênero, na valorização sexual/social de perfis hetero(homo)normativos, nas tensões e conflitos que possam estar implicados na performatividade hetero(homo)normativa.

Como Mary Jane Spink (2010) orienta, após identificar as temáticas que compõem as colunas do mapa, recortamos e transpomos para esses espaços, os trechos correspondentes das entrevistas, respeitando a sequência relativa da interação pesquisador/participante. Dessa forma, no que se referiu a pragmática ao quadro de análise, seguimos o que propõe Benedito Medrado e Jorge Lyra (2016), preenchemos com trechos que remetem ao objeto da pesquisa, considerando uma coprodução discursiva com enunciados do entrevistado e do entrevistador.

Destacamos que esses procedimentos foram realizados a partir do entendimento de que os sentidos são concebidos por uma construção coletiva (histórica e culturalmente perpassada) como forma de compreender, lidar com a realidade e os fenômenos à sua volta (SPINK; MEDRADO, 2013). Igualmente para retratar esse panorama, Tatiana Bubnova (2011) nos indica que o sentido seria “uma resposta a algo dito antes, e, é algo que pode ser respondido. [...] de um constante devir do sentido permanentemente gerado pelo ato-resposta, que vai sendo modificado no tempo ao ser retomado por outros participantes no diálogo” (p. 272).

Tal concepção está diretamente ligada à perspectiva bakhtiniana que compreende o enunciado como uma unidade concreta de comunicação que expressa uma posição situada frente à realidade. Aliás, o enunciado também seria composto por vozes que representam os interlocutores (humanos, instituições, documentos...) que estão presentes ou que foram presentificados no texto (MEDRADO; LYRA, 2016).

³² Essas dimensões foram pensadas a partir dos nossos objetivos específicos, que foi um importante norte no momento de criar o roteiro de entrevistas, além do diálogo com a literatura e as informações co-produzidas com o grupo de interlocutores.

"O conceito de práticas discursivas remete, por sua vez, aos momentos de ressignificações, de rupturas, de produção de sentido, ou seja, corresponde aos momentos ativos do uso da linguagem, nos quais convivem tanto a ordem como a diversidade." (SPINK; MEDRADO, 2013, p. 26). Sendo assim, a análise discursiva dos resultados seguiu a partir da compreensão do sentido como uma construção social que parte da premissa de dar significado ao mundo, a partir de um fenômeno sociolinguístico que se debruça ao estudo dos discursos e dos repertórios das produções discursivas (PAZ, 2014), buscando uma articulação entre as epistemologias feministas e *queer*.

5 “VEM COLETAR UNS DADOS AQUI NO MEU CORPO” – Construindo saberes entre tesão, masculinidades e exigências normativas

As mobilizações decorrentes das produções levantadas na primeira parte deste trabalho nos permitem empreender uma pesquisa sobre os tangenciamentos contingenciais dos sentidos sobre masculinidades e pegação. Mas, sobretudo, se expressa na relação assinalada por Luís Augusto Silva (2010) sobre a importância da inventividade do construcionismo social diante da experiência de vida dos interlocutores, propondo enxergá-los não por um reducionismo biológico ou linguístico, mas partindo dos atravessamentos sociais, culturais, políticos e históricos.

No diálogo com Benedito Medrado e Jorge Lyra (2014), inspiramo-nos a propor uma pedagogia feminista que torne inteligível as construções culturais em torno das masculinidades, debruçando-se também sobre as fissuras nos padrões normativos. Nessa via, os supracitados autores partem do pós-estruturalismo para tensionar as generificações dos corpos, retornando à máxima de Simone de Beauvoir, “não se nasce mulher, torna-se mulher”, para propor uma leitura feminista sobre o tornar-se homem³³. Assim, utilizando o entendimento dos feminismos como princípio, avança-se na compreensão do que é gênero. Somando a essa perspectiva, também trazemos o intrincamento com a teoria *queer*. Anderson Guimarães (2016) nos indica que, assim, poderíamos deslocar a atenção para questões que se consolidam por meio de um esquema de opressão.

Com efeito, os caminhos interativos que nos trouxeram até aqui alicerçaram-se em constantes trocas para conceber o que aqui entendemos como reflexões propostas até o momento, uma das versões possíveis para essa leitura. Tal percurso se inscreve não apenas no levantamento de informações junto aos interlocutores, mas nos saberes co-construídos com meu orientador e banca de avaliação, bem como nas diversas instâncias/espacos/pessoas que me envolvem. Diante do contexto pandêmico que esta dissertação foi escrita, toda a ressonância necessária para construí-la se deu exclusivamente em contexto digital. Diga-se de passagem, nada mais significativo para essa pesquisa que se constituir pela *web*.

Considerando essas reflexões, vale-nos o esforço de sistematizar uma discussão que seja fiel às compreensões teóricas alcançadas em uma particular articulação com os nossos

³³ Porém, é válido ressaltar que o percurso de constituição do gênero não é igual para homens e mulheres. Primeiro, porque existe uma relação impostamente hierárquica, ao demarcar barreiras por um processo de exclusão e diferenciação, que em geral ser homem/masculino se define a partir do que não é mulher/feminino. Segundo, por existir uma dimensão caleidoscópica para pensar as possibilidades de masculinidades e feminilidades.

entendimentos epistemológicos. Nesse sentido, aproveitamos a fala do interlocutor³⁴ que nomeia este capítulo para nos posicionar a partir da orientação construcionista. Assim, é possível compreender que os resultados aqui discutidos não estavam formatados, prontos para serem coletados, mas construídos em um processo dinâmico no qual estivemos implicados.

A propósito, se você já chegou até aqui, percorrendo o caminho que traçamos, já conseguiu avançar em algumas questões relativas às interações no contexto digital. Nesta produção, não as compreendo como diferentes da interação face-a-face, que também é mediada e/ou recortada, assim como as desenvolvidas por meio de aparelhos digitais (MILLER; HORST, 2012). Portanto, lembrar dos meandros que nos conduziram até a inteligibilidade dessas conversas permite carregar esse registro de afeto para quem nos lê. Nesse ponto, entendemos que as análises dão conta de histórias discursivas; para lucidez do estudo, iniciamos, apresentando os atores desse processo, bem como a relação que nos vinculou.

5.1 Vislumbrando interlocutores em usuários do *Grindr*

Entendemos que fazer pesquisa é realmente estar imerso nesse caminho reflexivo de idas/vindas no campo-tema que se escolheu pensar nuances e atravessamentos. A princípio, isso aconteceu na revisão de literatura (conforme capítulo anterior), mas também por conversas informais nas construções coletivas. Utilizando esse percurso como refinamento, apropriação e delimitação do objeto de estudo, nesta seção nos propomos a pensar as marcas que os interlocutores trouxeram para a composição do saber construído. Porém, quando esse processo gira em torno das práticas sexuais dissidentes, a moralidade se reverbera em diversas questões, inclusive na inteligibilidade dos termos.

Nos diálogos tecidos nesse momento, o que mais saltou ao discurso das pessoas que ouviam falar sobre uma pesquisa em *app* de pegação era a determinação dos interlocutores como homens gays. Posto isso, é importante demarcar que escolhemos não atribuir uma orientação sexual aos nossos interlocutores, preferimos ouvir como eles mesmos se identificam³⁵, articulando isso aos seus outros marcadores sociais. Esse é um posicionamento político-epistemológico de considerar a orientação sexual a partir da autodeterminação das

³⁴ Assim como na frase título do primeiro capítulo, “vem coletar uns dados aqui no meu corpo” foi enviada a mim como forma de iniciar uma conversa, em que o usuário mostrava-se disposto à pegação. Porém, apenas dialogar não foi suficiente para que nossa interação se mantivesse, sendo importante também compreender/respeitar as urgências e interesses dos usuários no momento, que não necessariamente eram iguais as nossas.

³⁵ Destaco que essa é uma estratégia mencionada por produções como a de Fábio Morelli (2017) e a de Richard Miskolci (2009a), utilizada como forma de não cair nas armadilhas identitárias que nomeiam o outro por meio das suas interações, quando na verdade podem existir diversas identidades (bissexual, macho, bichas, heterossexual, etc.) que estabelecem essa prática.

peças e não de suas práticas e/ou desejos homo, já que esses não se restringem a homens que se identificam como gays. A propósito, um dos achados da revisão de literatura para essa pesquisa aponta que, nos *apps*, há uma predominância entre os usuários de uma perspectiva de subalternização da figura assumidamente gay, além do afeminado (OLIVEIRA NETO *et al.*, 2019).

Essas reflexões me fizeram lembrar o quão é difícil essa autonegação como gay na adolescência, nesse processo de saída do armário, nas primeiras tentativas de produzir sentidos sobre a sexualidade. Segundo Judith Butler (2004), o impasse advém da obrigação imposta de traçar uma linearidade entre sexo/gênero, criando, então, estratégias para ser inteligível aos outros. O “fico com meninos” é uma das primeiras formas de falar sobre, uma tentativa de tangenciar a nomeação pelo desejo, mas não ainda como uma identificação. Depois disso, outras nomeações surgem como possibilidade de referência.

Entretanto, ser “gay” ainda é e está em um grupo de privilégios em relação a outros segmentos como ser “viado” ou “bicha”, que culturalmente conotam homens facilmente identificados como transgressores das normas de sexualidade, em virtude de tensionar às normas de gênero, rechaçar a figura do macho heteronormativo, se aproximar do feminino. Ratificamos, mais uma vez, o quanto essas normativas incidem nas formas como damos sentidos às nossas práticas, a nós mesmos e aos outros.

Não pretendemos concluir com essa discussão sobre uma não necessidade da afirmação gay, entendemos que isso é necessário principalmente para lutas políticas, conforme discute Judith Butler (2017) e Michel Foucault (1994). Porém, a *queerificação* do nosso olhar para com os interlocutores pressupõe implodir definições que não os contempla, ao passo que denunciemos o julgo hetero(homo)normativo para as práticas não-hétero. Essa consideração nos faz compreender que a dissidência – primamos por esse termo para apontar uma estratificação sexual hierárquica - é uma marca adquirida do encontro com a cultura profundamente marcada pelo machismo e homofobia, que enreda essas pessoas na subalternização de si, bem como dos seus desejos.

Então, inicio meu percurso de apreciar (em um sentido mesmo de deslumbre, refletir sobre) os interlocutores deste escrito. **Hallysson**³⁶ não foi o primeiro usuário com que eu troquei mensagens no aplicativo, mas a história da aproximação que eu desenvolvi com ele é bem peculiar, além de me trazer importantes inspirações. Por isso que, a esta, irei me debruçar mais em detalhes do primeiro encontro.

³⁶ Nome fictício escolhido pelo próprio participante, assim como todos os outros que aparecem, desde então, no decorrer deste capítulo.

Hallysson me enviou mensagem no *Grindr*, mostrando-se bem aberto a participar da pesquisa; de pronto, o respondi, mas a princípio não passou disso. Entendi que essa pausa havia acontecido pela fluidez da internet (no sentido de transitar pelo espaço, fazendo outras coisas ao mesmo tempo), que em algumas circunstâncias ocasiona trocas fragmentadas, interrompidas por demandas do entorno. O mesmo já havia acontecido com outros usuários, assim como também deixei eles livres para participar *quando e se* quisessem, sem pressões ou intransigências da minha parte. Porém, a interação com Hallysson acabou se perdendo entre as tantas outras que a cada minuto em que eu estava disponível aparecia – o perfil do usuário que está *online* ou que ficou *off-line* há pouco tempo fica mais visível/acessível do que outros, atraindo mais mensagens.

Poucos dias depois, estava participando de uma atividade do GEMA, na feira agroecológica da Várzea, onde semanalmente propomos rodas de diálogo sobre diversas temáticas. Nessa, em específico, problematizávamos sobre métodos de preservação às IST's (Infecções Sexualmente Transmissíveis) em parceria com uma ONG (Organização Não Governamental) da cidade. Então, Hallysson chega para participar desse momento. Reconheci-o de pronto, já que no seu perfil ele se apresentava com fotos bem visíveis de rosto. Entretanto, apesar de ter a mesma cara que a do seu perfil (alguns usam fotos de outras pessoas e/ou omitem o rosto), apresentava-se de um modo bem distinto ao cultuado no *app*: vestia saia, bolsa, indumentárias que socialmente nomeiam-se como “roupa de mulher”. Destaco que minha surpresa não foi por ver um homem de saia, mas por ver um homem que no *app* imageticamente figurava uma masculinidade padrão e, naquele momento, estava “desmontado” da hegemonia.

Acredito que ele também me reconheceu, já que ficou um clima de constrangimento, bem parecido com quando o psicoterapeuta encontra o cliente em algum espaço que não o *setting* terapêutico, ou mesmo quando você encontra alguém que conheceu na internet, mas ainda não tinha personificado aquele perfil pessoalmente. Nesse caso, acredito que para ele foi o mesmo que encontrar um possível contato para pegação sem estar preparado para a performance que entende como necessária para isso. Busquei agir com muita naturalidade e deixá-lo livre para me reconhecer ou não - ter tido essa experiência como psicoterapeuta me deu traquejo para tais situações.

Ao fim da roda de diálogo, ficamos todos conversando, como de costume. Acredito que, motivado pelo desenrolar das discussões, colegas do GEMA ficaram incentivando que eu falasse sobre minha pesquisa, afinal, naquela época, havia pouco tempo da banca de qualificação. Após essa conversa, Hallysson sentiu-se disposto a interagir, dirigindo-se a mim como alguém que se dispõe a ser interlocutor, lembrando de ter falado comigo pelo *app*. Depois

desse encontro, voltou a entrar em contato pelo *Grindr*, mas, dessa vez, a conversa se desenvolveu.

Hallysson tinha 27 anos, reconheceu-se como negro, homem cisgênero e gay. É alguém muito comunicativo, ao menos estava no momento que o vi. Parece se relacionar bem com o público gay, já que notei ter uma rede de contato com pessoas em comuns que estavam na praça. Entendi que seria muito representativo tê-lo em meu grupo de interlocutores, era alguém que transitava entre ser gay “dentro do meio” e macho padrão. Na conversa que construímos posteriormente, chegamos a refletir sobre isso, Hallysson foi um interlocutor chave para pensar o culto à masculinidade hegemônica desde o seu furor até as abnegações para fazer suplência a ela, bem como para pensar sobre o uso da hetero(homo)normatividade em ocasiões específicas, como na pegação.

Outro interlocutor do nosso grupo é **Bruce**. Ele foi um dos primeiros usuários do *app* a ser compreendido como interlocutor no nosso percurso metodológico. Nas mensagens trocadas, foi perceptível um entendimento do interlocutor em relação às práticas sexuais com outro homem, baseado na perspectiva moral-cristã e biomédica. Esses atravessamentos ideológicos transcorrem a história de vida de Bruce em muitas instâncias. Na ocasião da pesquisa, ele tinha 29 anos, residia com os pais, atuava profissionalmente como enfermeiro, como também se encontrava em processo de pós-graduação na área. Apresentou-se como um homem pardo, cisgênero e homossexual. Quanto a sua religião, referiu ser cristão mórmon, apesar de não praticante.

As discussões construídas com Bruce também versaram sobre a transposição desse código de regra/moral ainda bem presente em seu discurso, mas que defronte das inconsistências geradas do encontro com seu desejo, mostraram reflexões potentes no nosso percurso. A discrição e a virilidade são pontos observados por esse interlocutor nas suas interações com outros usuários, referindo como condição para pegação. Durante o nosso percurso passou a não se enxergar mais no *Grindr*, disse que incomodava esse pressuposto do “só sexo”; acreditamos que as reformulações que a pandemia trouxe também ajudaram nisso, nesse temor da tentação de fazer sexo casual com desconhecidos. Entretanto, ele continuou praticando pegação com homens fixos. Durante nossas conversas, Bruce chega a considerar esse parâmetro hipervirilizado como algo que o engessa nas práticas sexuais e nos sentidos sobre o seu desejo erótico, porém continua nomeando a discrição como qualidade.

Em contrapartida, a relação que **Paulo** aponta ter com a masculinidade hegemônica não é apenas de atração, mas também de frustração por não conseguir alcançar esse modelo. Os conflitos implicados na impossibilidade diante da hipervirilidade (em si e nos outros) traz na

nossa conversa um potente material para se pensar na hetero(homo)normatividade como um lugar de privilégio, mas também de adoecimentos.

Esse interlocutor declarou ter 40 anos, pós-graduado com modalidade doutorado, atua como professor de ensino superior e nível técnico, mas durante a pandemia precisou trabalhar como motorista de *app* de deslocamento urbano. Paulo me fala de uma relação conflituosa com o *Grindr* e entende a pegação como uma prática que causa “vício”, ao passo que é também nesse espaço que ele procura um ideal de relação romântica/monogâmica, porém suplantada pela fugacidade das relações alcançadas no aplicativo. Assinala compreender a homossexualidade com base no viés científico e religioso (se denominou espiritualista), afirmando ter um propósito divino de controle populacional em virtude da não reprodução.

Trouxe pressupostos formatados sobre ser homem homossexual que se afirmam, mas também se contradizem, frente a seus preceitos e expectativas. Desse modo, aponta para os atravessamentos da homofobia na dinâmica de interação do aplicativo, hierarquizando as masculinidades pela característica da virilidade do homem. Refere uma estética para ser macho, seja em relação a jeito/apresentação, seja em relação ao corpo.

O contato com **Victor** foi inicialmente balizado por seu interesse pela pesquisa antes mesmo de me encontrar no *app*, já que uma amiga em comum contou a ele da minha proposta. Entusiasmado, desde então, ao me encontrar no aplicativo, procurou-me muito aberto a contribuir. Referiu ter uma relação afetuosa com o *app*, pois foi esse dispositivo que o possibilitou romper com os pressupostos heterossexuais e, na ocasião, se reconheceu bissexual.

Victor também é psicólogo, as nossas conversas tiveram como ponto central um processo de reconhecimento da sexualidade, bem como do seu posicionamento frente a si e a seus desejos. Tem 28 anos, se entende como um homem branco, cisgênero, sem religião. Victor reside com os pais, fator de conflito para ele, já que sua sexualidade não é bem recebida no seu núcleo familiar - essa questão ficou ainda mais intensificada no momento de isolamento social da pandemia. Colocou problemáticas em torno dos pressupostos sociais da bissexualidade, do padrão hegemônico que lhe causa tédio, além de um constante refletir sobre as normativas de gênero que perfazem sua atratividade a outros homens, inclusive, chegando a apontar o quão seu desejo erótico é balizado por questões sexistas binárias.

Júnior se apresentou como um homem cisgênero, negro, com 36 anos, gay. Esse interlocutor nos falou de um lugar de certezas, sobretudo, da que ele entende como uma masculinidade hierarquizada a partir do desejo do outro que, segundo ele, é sempre para a figura do macho hiperviril.

Seu agenciamento³⁷, no início da conversa, apontou para a suplência a essas normativas, chegando a dizer:

L 76 Pesquisador: Quais estratégias para conseguir mais contatos no *Grindr*?

L 77-80 Júnior: O pessoal no *app* busca corpo, tamanho de pênis e masculinidade, seja ele, gordo empoderado ou gays afeminado empoderado, já fiquei com vários militantes dessas causas. No fim eles buscam um corpo como o meu que tem tudo isso que eles querem.

Porém, no decorrer da nossa troca, o interlocutor começa a nomear os conflitos passados, bem como os presentes para ocupar essa posição, contribuindo com uma reflexão necessária para pensar a incorporação do padrão heteronormativo, forçadamente posto na infância. Porém, Júnior nos permite pensar o quanto esse processo é sempre imperfeito ao se atualizar nas fissuras produzidas entre o desejo e os estigmas em torno das masculinidades negras.

Ao fim, nos pareceu alguém bem lúcido sobre os pressupostos racistas que demarcam o lugar de um homem negro no desejo homoerótico. É nesse lugar da inquietação, do que transborda da caixinha normatizadora do gênero para com as masculinidades, que convido meus interlocutores a produzir sentidos conosco.

Desse modo, esse é o nosso grupo de interlocutores. Para análise dessas conversas, não propomos uma separação dos discursos, mas buscamos tecer entrelaces, propondo, assim, um diálogo entre os participantes sobre as suas estratégias em face às exigências normativas de gênero em um *app* de pegação.

Grupo de Interlocutores					
Nome fictício	Bruce	Hallysson	Júnior	Paulo	Victor
Idade	29	27	36	40	28
Identidade de Gênero	Homem cisgênero	Homem cisgênero	Homem cisgênero	Homem cisgênero	Homem cisgênero
Orientação sexual	Homossexual	Gay	Gay	Homossexual	Bissexual
Raça/cor	Pardo	Negro	Negro	Pardo	Branco
Religião	Cristão Mórmon –	Não possui	Não possui	Espiritualista	Não possui

³⁷ Saba Mahmood (2006) nos ajuda a compreender que agência pode se constituir no encontro com a norma, não apenas a partir de sua subversão, mas sendo “performadas, habitadas e experienciadas de diferentes maneiras” (p. 136).

	não praticante				
Escolaridade	Pós-graduando	Graduando	Superior completo	Doutor	Superior completo
Profissão	Enfermeiro	Dançarino e estudante	Gestor em Tecnologia da Informação	Professor ensino superior e técnico	Psicólogo

5.2 Reconhecimento dos eixos temáticos e a construção dos caminhos de análise

O diálogo com Mary Jane Spink e Helena Lima (2013) nos instrumentaliza a organizar esse capítulo, partindo sobretudo das seguintes indagações: Qual o caminho de transposição da fala para a linguagem interpretativa que compõe esse capítulo? Qual parâmetro de objetividade que medeia o produto da evidência e da interpretação?

O desafio que portanto se coloca é o de, sem abandonar a objetividade, ressignificá-la como visibilidade, concebida como pressuposto básico da intersubjetividade. Estão imbricadas aí a explicitação do processo de interpretação – tomando-o como circular e inacabado –, assim como a compreensão da dialogia na dupla acepção de elemento básico da produção de sentido no encontro entre entrevistador e a voz do entrevistado (ao vivo ou cristalizada em texto ou imagem), e do sentido da interpretação no encontro entre pesquisador e seus pares (SPINK; LIMA, 2013, p. 82)

Isso posto, vale-nos entender um novo posicionamento frente à objetividade: relacionando a hermenêutica construcionista como a lente que utilizamos para compreender os fenômenos da hetero(homo)normatividade, balizadores das práticas e sentidos produzidos nas relações de pegação. Desse modo, torna-se inteligível os enredamentos de uma produção compartilhada não apenas na sua concepção (entrevistado-entrevistador), mas também na aproximação do seu entendimento (pesquisador-grupo-de-pesquisa-teoria-sociedade). A premissa básica desse percurso, como aponta as supracitadas autoras, é de que não tem como dissociar os procedimentos de levantamento de informações e a interpretação do que elegemos como matéria-prima para a pesquisa.

Destarte, as questões aqui apresentadas surgem de um processo interativo com os interlocutores deste estudo, que se constroem sob a premissa de apontar problematizações e posicionamentos advindos dessa relação dialógica. Assim sendo, não partimos de uma proposta de generalização do saber ou de um *a priori*, mas de pensar saberes que fluem daquele contexto. Utilizando a reflexão sobre os marcadores sociais desses homens, para podermos construir uma

lógica de transferibilidade em alguma medida para outras realidades/pessoas (MOREIRA, 2018).

Para tanto, após a leitura exaustiva das conversas com os interlocutores, foram criados mapas de associação de ideias para cada uma delas, o que permitiu entendê-las a partir de um grande eixo de análise nomeado como “Experiências em *app* de pegação”. À medida em que a análise foi sendo adensada, entendemos três novos eixos que surgiram como capilares do primeiro, compreendendo-se da seguinte forma:

Experiências em <i>app</i> de pegação			
Normas masculinidades pegação	de na	Valorização hetero(homo)normatividade nas práticas de pegação	da Tensões e conflitos em face à hetero(homo)normatividade

Entendemos que, diante dessa divisão, conseguimos sintetizar o diálogo com nossos interlocutores sobre as estratégias apreendidas no uso do *Grindr* como canal de agenciamento para a pegação.

A seguir, apresentamos as discussões dos resultados que, para visibilizar a interanimação discursiva entre pesquisador-interlocutor, buscamos preservar o contexto em que foi co-produzido. Para tal feito, mantemos a fala do pesquisador que mobilizou aquela resposta, entendendo-o como partícipe da construção de conhecimento, conforme Mary Jane Spink (2010). Assim, para entender a dialogia das conversas é necessário visualizar o que precede a fala dos interlocutores, localizando os elos que interligam as produções discursivas (SPINK; MEDRADO, 2013).

Além de manter a fala do pesquisador, os trechos das conversas foram organizados apontando os números da linha (L) em que está localizada na transcrição integral da entrevista. Essa estratégia foi adotada como forma de garantir a sequência do discurso, evitando uma descontextualização do que é apresentado (SPINK; LIMA, 2013), porém, em determinadas falas, buscamos suprimir partes repetitivas.

5.2.1 Normas de masculinidades na pegação

Ao iniciar a discussão desse eixo, vale o exercício de retomar às considerações teóricas sobre o gênero e sexualidade apresentadas por Judith Butler (2013) e Michel Foucault (1994), como ponto de ancoragem para o debate que aqui segue. Partindo desse percurso discursivo, podemos entender que quando estabelecemos uma expressa relação entre sexo-gênero-desejo, encontramos a heterossexualidade como pressuposto tanto do sistema binário de gênero, quanto

do exercício sexual. Desse modo, o processo de auto compreensão é atravessado por questões sociais-culturais-políticas que se arregimentam em definições inteligíveis à moral, circunscrevendo-se nas normas de gênero (BUTLER, 2004). Portanto, indicando como as pessoas devem se portar, desejar, interagir..., mas também incidindo vorazmente na compreensão de si, nos sentidos produzidos e nos saberes tidos como inquestionáveis.

A partir desse flanco discursivo, no conhecimento aqui produzido, problematizamos a ótica biologicista, naturalista e essencialista sobre os gêneros. Dito de outro modo, rompemos com o paradigma da única direção de formas, estéticas, características e desejo que se dicotomizam em padrões hegemônicos de gênero/sexualidade. Tal problemática ganha vazão nas discussões da Psicologia, quando essa rompe com o estatuto da normalidade ao pensar a loucura como possibilidade, diferença, não mais como patologia, sendo, então, um campo fecundo, como ciência e profissão, para propor desajustes nos modelos traçados pelos parâmetros morais.

Pinçando, nessa grande problematização, as compreensões sobre masculinidades e as normas de gênero que as regulam, como viemos discutindo até aqui, Benedito Medrado e Jorge Lyra (2014) nos chamam à atenção sobre a necessidade de refletir acerca dos princípios norteadores das performatizações masculinas. Victor Seidler (2006), ao se propor estudar as noções de gênero em homens jovens, encontra elementos do que chama de “macho de verdade”: superioridade às mulheres; controle da emoção para não se mostrar vulnerável socialmente; autoridade hierarquizada no grupo familiar.

A manutenção das expectativas socioculturais sobre a masculinidade – neste momento não usamos plural porque nos referimos a uma força que busca padronizá-las – encontra nas práticas de pegação uma suposta incoerência que se traduz desde o tesão para outro homem ao prazer advindo. O controle/repressão disso é sinalizado por Bruce no trecho abaixo, fazendo-nos pensar não apenas nos sentidos gerados sobre as masculinidades, mas, também, sobre as práticas de pegação.

L 128 Pesquisador: O que você pensa sobre práticas sexuais entre homens?

L 129-132 Bruce: Hoje normal! Fisiologicamente o ânus não foi feito para ser penetrado, mas a gente se adapta a necessidades e desejos neh... Heheh Mas também dá pra ter prazer com o outro sem penetração

Embora as práticas sexuais entre homens estejam sob a ordem social da moralidade, percebemos uma espécie de exceção para pensar o homem penetrador, de modo que lhe é conferido um *status* superior em relação aos outros. Acreditamos que essa hierarquização, a partir da posição sexual, está associada aos sentidos prescritos da macheza no ato sexual, como o papel de dominador que mais se aproxima da tradicional figura do homem que penetra uma

mulher. Por esse viés, alguns perfis reafirmam essa posição ao indicar que estão em uma relação marital com mulher, mas também fazem sexo com homens. Compreendemos como uma espécie de barganha em torno desse papel do macho, em que o homem aponta cumprir sua “funcionalidade” heterossexual – conseguir ser um homem para uma mulher -, de modo que as práticas de pegação aparecem, então, como desvios temporários.

Essa questão aponta para dois focos distintos de discussão:

1 - O temor de se relacionar com um homem “assumidamente” dissidente sexual, aquele que é reconhecido socialmente por ter práticas não-hétero e tem sociabilidade entre iguais. Tal ponto será discutido a seguir, pensando a premissa do sigilo como algo que confere segurança a uma não exposição³⁸. Mas que aqui, nos vale sinalizar sobre um regime que (supostamente) confere inteligibilidade desde que esteja no armário, o que nos parece ser muito conveniente à norma, pois uma vez que se barra as fissuras ao padrão, ele continua se hegemонizando.

2 – A questão de ser “penetrador” nos leva para a problematização do falocentrismo que gesta as negociações no *app*, colocando o falo ereto como produto de excitação e objeto de desejo/prazer. Se fora do aplicativo as articulações afetivas-sexuais se sustentam, inicialmente, pela expressão de gênero das pessoas, no *Grindr*, ela avança para a representação do genital como ponto decisivo para o avanço das interações digitais. Nesse aspecto, o que vemos é uma fusão do homem-cisgênero-heterossexual como figura representativa da masculinidade ideal, de modo que ainda que não seja, necessariamente deve se aproximar desse modelo para usufruir das possibilidades do *app*.

O vislumbre da cisgeneridade como norte para as práticas e corpos masculinos foi um ponto que nos chamou atenção desde a revisão de literatura proposta no capítulo 2. Desse modo buscamos, em um movimento contrário ao das relações no aplicativo, pluralizar as possibilidades de ser homem para compor nosso quadro de interlocutores, apesar de não termos conseguido. Se antes nos perguntávamos o lugar das trans-masculinidades no *Grindr*, durante o nosso campo-tema não conseguimos localizar nenhum usuário declaradamente trans no território pesquisado. Por outro lado, identificamos mulheres trans e travestis com perfis no aplicativo, mesmo este sendo um espaço que a princípio seria exclusivo para homens. Nesse ponto reafirmamos o caráter falocêntrico do *Grindr*, pois nos é bem representativo que a exceção sobre a feminilidade dessas mulheres no *app* se configure apenas por ter nascido com um pênis, bem como o não-lugar, a excludência, camuflagem ou raridade dos homens trans se

³⁸ Lembramos aqui o que havíamos apontado na introdução, o *Grindr* foi criado com o propósito inicial de encontrar “gays” em um ambiente sociocultural irrevogavelmente hétero.

deem por ser uma figura não inteligível ao padrão de desejo sexual legitimado pela cultura cis-heteronormativa.

Se o falocentrismo demarca sentidos sobre os corpos das pessoas, entretanto, cria-se em torno do cu³⁹ masculino uma política de vigilância que se pauta na preservação da honra, já que qualquer corpo penetrável seria necessariamente feminino, como discute Javier Sáez e Sejo Carrascosa (2011). Inspirados nessas reflexões, compreendemos a constituição das masculinidades na regulação do cu, cujo uso esbarra em um espaço político que articula linhas opressivas, de escárnio e punição aos homens gays. Nesse ponto, trazemos uma cena do filme *Tatuagem* (2013) como forma de tensionar os limites da generificação do corpo e do moralismo nas práticas sexuais. Na ocasião, é apresentada a “Polka do Cu”, uma performance teatral com atores nus e de costas, em que Clécio (interpretado por Irandhir Santos), líder do grupo “Chão de Estrela”, entona uma música que diz “A única coisa que nos salva, a única coisa que nos une, a única utopia possível é a utopia do cu...”.

A propósito, nesse sentido, faz-se necessário pensar a teoria *queer* como um interessante ponto de reflexão que desvincula esse lugar de penetrador-ativo-homem em detrimento de penetrada-passiva-mulher como norte único e central nas relações sexuais tanto hétero como as não-hétero. Assim, debruçar-se sobre as diversas possibilidades de ser e transar é questão premente para a discussão dos sentidos em torno da sexualidade.

A visão de Bruce, calcada na proposta fisiológica, aponta para posicionamentos criados nos jogos de poder que determinam o sexo apenas como reprodutor. Para Beatriz Preciado (2000), o sexo anal proveria uma revolução na lógica biologicista de sexo hétero-reprodutor, entendendo que o cu é comum aos gêneros. Gilles Deleuze e Félix Guatarri (2010) compreendem o ato sexual para além da relação entre os genitais, já que transamos com o corpo inteiro, então ele, em sua completude, é uma zona erógena.

Essa é uma questão posta nas relações pelo *Grindr*, identificamos que a imagem corpórea é usada como chamariz para pegação, aquilo que desperta desejo no outro. Com efeito, o *app*, até mesmo pela própria forma de organizar os perfis, acaba se tornando/parecendo um catálogo de corpos dispostos ao sexo.

L 297-298 Pesquisador: Talvez já tenha dito isso de forma indireta, mas a partir de quais características você escolhe os caras para interagir e se encontrar?

L 299-301 Hallysson: Caras que não sejam bolsominions, mas que tipo... não, mentira, pode até ser bolsominions, mas que sejam gostosos. Eu vou priorizar o corpo mesmo, o corpo sarado. Que tenham o pau grande, que sejam ativos.

³⁹ Permito-me utilizar essa expressão em detrimento de “ânus” por um posicionamento menos higienista frente à sexualidade, além de romper com argumentos conservadores e com a proposta biologicista.

Para contextualizar a fala de Hallysson, indicamos que a referência a “bolsominions⁴⁰” surgiu nas mídias digitais nas eleições para presidenciais do Brasil em 2018. Assim, o termo é usado para designar o grupo de eleitores/apoiadores do atual presidente, eleito com discursos contra os direitos humanos, enaltecendo a ditadura (antidemocrático), além de atacar às minorias sociais por meio de pronunciamentos machistas, racistas, lgbtfóbicos (HUMAN RIGHTS WATCH, 2018). “Bolsonaro já disse que prefere que um filho seu morra num acidente do que apareça com ‘um bigodudo por aí’, que ter filho gay é falta de ‘palmada’ e que ‘ninguém gosta de homossexual’, apenas suporta” (THOMAZ, 2018, s/p).

Para tanto, chegamos em um ponto da discussão no qual perspectivamos alguns pilares sociais que alicerçam a justificativa hetero(homo)normativa e que se apresenta como contrassenso nos nossos interlocutores, como nas falas de Bruce e Hallysson. A figura do bolsominion nos *apps* de pegação personifica essa ambivalência que não se centra apenas neles, mas em figuras que os deseja, como Hallysson. Isso nos fica lúcido pelo hesito no interlocutor, titubeando antes de confirmar se sentir atraído por alguém com posicionamentos conservadores, sobretudo, quanto às práticas não-hétero. Mas, ao mesmo tempo, ele abre uma concessão: “podem até ser bolsominions, mas que sejam gostosos”.

Nessa direção, ao propor uma reflexão sobre a adesão do homem gay ao posicionamento político conservador da direita, Alexandre Copelli (2020) nos leva a refletir sobre um processo de negação de si e rechaço dos iguais com o propósito de ser bem aceito pela classe dominante, tal qual os capitães do mato. O autor também indica que o enraizamento do valor moral religioso (como propõe o discurso do presidente) evoca nos homens gays o sentimento de culpa/pecado que, nesse jogo, o posicionamento político aparece como espécie de redenção. Todavia, ainda que não haja uma pactuação quanto ao entendimento do fundamentalismo evangélico frente à sexualidade, flerta-se com ideias morais que remontam uma valoração conservadora como norte para todos, conforme o cristianismo medieval. Logo, não haveria como ser gay com costumes conservadores “sem incorrer em uma grande contradição, pois o conservadorismo nos costumes nega justamente os novos costumes sexuais, as novas configurações familiares e as novas identidades representadas pela comunidade LGBT+” (COPELLI, 2020, p. 119).

⁴⁰ Nesse interim, bolsominion se insere como signo linguístico que aglutina referências ao presidente (bolso) e à personagens de desenho animado (minions) que agem de modo alienado à um líder, conforme nos diz Luciane de Paula e Natasha Oliveira (2020). As autoras apontam que o termo emerge em alusão aos eleitores bolsonaristas que “consideram seu candidato/presidente um ‘mito’ e se apropriaram do termo ‘bolsominions’ com outra valoração para confirmarem sua condição de súditos ímpares, inabaláveis, apoiadores independentes das ações e declarações” (p. 2).

Entretanto é o corpo que indica que o sexo vai ser bom, é o que mobiliza o tesão de Hallysson, fazendo-o se flexibilizar diante de alguém que, presumidamente, compactua com posicionamentos homofóbicos. Portanto, fica claro aqui que na pegação não interessa o posicionamento político-ideológico do parceiro ou como ele pensa – uma vez explícito pode causar receio, porém, para essa interação, ser gostoso/sarado tem um peso maior.

Essa compreensão é algo bastante presente nas falas do nosso grupo de participantes, não no sentido de *ter* um corpo (que se desnuda na prática sexual pele-a-pele), mas *ser* o corpo do sexo porque é ele que nomeia/diferencia os usuários no *app*. A propósito, é comum encontrar perfis que tem como *nickname* o tamanho do pau⁴¹ do usuário; quando não, essa informação está presente em algum lugar de destaque da descrição. A obsessão pela corporalidade em que o físico se torna centro das interações é questão apontada por Richard Miskolci (2012), que traz o critério da “fita métrica”⁴² como filtro de seleção nos *apps* de pegação. Nesse jogo imagético, mobilizar o tesão dos outros usuários é o que confere poder. Dessa forma, nos deparamos com as normas que regulam as masculinidades também formatando corpos, ou melhor, definindo-os.

L 175 Pesquisador: A partir de quais características tu seleciona esses caras?

L 176-177 Hallysson: Corpo fortinho. Braços definidos. Rosto masculino, expressivo. Pessoas não gordas

L 218 Pesquisador: Quais estratégias para conseguir mais contatos no *app*?

L 221-222 Hallysson: Mudar as fotos. Uma coisa muito engraçada que acontece é que eu faço flexão e abdominal antes de tirar qualquer *nudes* ou qualquer foto.

L 325 Pesquisador: Qual perfil te atrai mais? Por quê?

L 333-340 Victor: (...) mantive a mesma linha de padrão que me atrai, que é padrão da sociedade, homem branco, sarado, classe média, é muito esse perfil. (...) Todos eles têm uma característica que de fato eu percebo que é um que se transforma no perfil que mais me atrai que é o heteronormativo, o cara mais próximo do hétero, aquele cara digamos assim, mais duro, mais rígido.

Nesse sentido, concluímos que as interações no *app* se configuram de forma imagética, como um artifício de antecipar atributos físicos que, nessa lógica, presume-se ser o que confere tesão, mas também possibilita criar uma confluência de interesses sexuais. Richard Miskolci (2015) indica que o próprio aplicativo se organiza por essa proposta: “um dos elementos mais evidentes está no *design* das plataformas e aplicativos dirigidos a esse público, o qual valoriza a imagem em detrimento da escrita” (p. 75). Nesse contexto, surgem as *nudes* (fotos eróticas tiradas de modo amador para mostrar os genitais), apontadas por muitos interlocutores como condição para marcar encontros além do contexto digital. Sendo assim, o corpo - ou melhor,

⁴¹ Seguindo a mesma justificativa ao usar “cu” em vez de “ânus”, proponho-me a usar “pau” em vez de “pênis” porque aqui o termo se refere muito mais do seu uso sexual, do que às suas outras utilidades biológicas.

⁴² Termo para indicar uma tendência, entre os usuários do *app*, para selecionar parceiros com corpos padrão, conferindo altura, peso, idade, mas, sobretudo, o tamanho do pau (MISKOLCI, 2012).

sua representação - se inscreve como dispositivo de sociabilidade nas pegações negociadas no aplicativo.

Com efeito, compreendemos que o princípio de construção das *nudes* é também recortado por pressupostos hetero(homo)normativos de modo que gestam a construção do perfil para o sexo, bem como se balizam pelo pressuposto de uma estética corporal masculina. Segundo José Rocha (2016), o que se busca na exposição dos músculos definidos é o distanciamento da noção do gay passivo, encarado como descrédito social por se aproximar do que é tido como corpo feminino.

Hallysson é o principal interlocutor para nos conduzir a essa discussão, o mesmo sobreleva as características do corpo hiperviril, como também relata ter bastante desejo na posição da submissão passiva (seus relatos sobre desejo estão sempre mais atrelados a essas práticas, apesar de se dizer versátil). Seja na concepção das *nudes*, seja para, apesar de submisso, se sentir “envaidecido” (sic) por estar afinado à figura do macho, como nos diz no decorrer da conversa.

Por outro lado, os perfis *fakes* (aqueles que utilizam informações e imagens de outras pessoas), em geral, se inserem nos *apps* sob o estatuto da pegação no sigilo como forma de preservar seu *status* heterossexual. Sendo assim, não somente as *nudes*, mas esses perfis também são importantes indicadores das normas de gênero que regulam as masculinidades, já que são criados tendo como norte a resposta para as seguintes questões: Quais características despertam o tesão nos homens? Como um homem deve ser para atrair outro?

L 242-243 Pesquisador: Essas fotos *fakes* geralmente são fotos que retratam que tipo de características?

L 244-247 Paulo: São pessoas malhadas, fotos com *photoshop*, belíssimas! Que vão chamar a atenção. Não é sempre, mas uma boa parte ou não são elas, ou usam uma foto muito antiga que não reflete o que é atualmente, ou então *photoshop*... aí cresce aqui, cresce acolá, quando você vê, lembra a pessoa mas não é.

À vista disso, o que concluímos é que, nas performances imagéticas, o corpo é construído como prerrogativa da materialização física da masculinidade, sendo, desse modo, generificado pelos sentidos construídos em torno do que é ser homem e do desejo pelas homossexualidades. Nesse sentido, Danillo Lima (2017) nos faz pensar na flexibilização do perfil em face do modelo de virilidade evocado na definição dos músculos, o que recai no critério da fita métrica - questão que Suely Fragoso, Raquel Recuero e Adriana Amaral (2011) entendem como a constituição de um *corpus* que se baseia pela intenção do usuário.

Julia Corrêa e Marcos Cruz (2019) também sinalizam para “a existência de padrões estético-corporais para a masculinidade, pois um corpo másculo representa um tipo de refúgio nas relações públicas, ao reproduzir performances, próximas da heterossexualidade aparente”

(p. 120). Ademais, Paulo Fragoso (2018) denuncia um movimento que, cuidadosamente, se certifica da melhor forma de manter uma impressão que mobilize o interesse do outro, para então expor narrativas que forjem esse modelo socioconstruído pela hetero(homo)norma. Portanto, a identificação no *app* é proposta por meio desses signos (discursivos/imagéticos) que alocam os usuários dentro de constituições corpóreas da hipervirilidade.

Então, torna-se necessário fazer uma análise de como me apresentei nesse espaço para a pesquisa, já que a imagem que usei para criar o perfil de pesquisador dá conta de uma performance hetero(homo)normativa. Também é válido demarcar que ela não foi usada como engano, essa foto já existia, mas não foi tirada para compor um perfil de *app* de pegação. Porém, nos levou a refletir sobre a fragilidade em torno dos pressupostos a partir de uma foto. Vi vários sentidos sendo atribuídos a mim de modo prematuro que talvez não existissem com um pouco mais de aproximação, de forma que identificamos o quanto um perfil, quando montado/gestado para visibilizar os marcadores heteronormativos, pode mobilizar o interesse de mais usuários.

Além disso, cabe a mim pensar na lógica de privilégios que, de algum modo, faço parte e acarretou em uma busca frequente de usuários. Entendo que toda essa conjuntura está vinculada às características que são presentes em minha imagem: homem branco, cisgênero, jovem, com uma aparência estética que se aproxima do que se convencionou socialmente como padrão de beleza. Com efeito, pensar a atratividade gerada pelo meu perfil no *app* é, também, perceber resultados que falam bastante sobre o que mobiliza o tesão nos usuários, apesar de não ser confortável uma autolocalização no lugar da hegemonia, porque além de nunca ter me percebido assim, me assusta pensar o vínculo entre privilégio-opressão.

Tim Ingold (2008) nos sinaliza que, na etnografia, é preciso estar atento às mensagens ditas que não estão somente nas falas dos outros, mas acessíveis pela dimensão da experiência da interação. Entendemos que o lugar do pesquisador é também um lugar que pressupõe uma hierarquização do conhecimento na relação com o participante. Apesar de fugir do suposto saber científico, não foi uma opção ser fetichizado nesse papel que bordeia uma noção de dominação (muito afim ao que os interlocutores entendiam como “masculino”). Para tanto, entendemos que os sentidos produzidos em torno da minha figura e do assédio que recebi também falam das normas que regulam as masculinidades.

5.2.2 Valorização da hetero(homo)normatividade nas práticas de pegação

Existe uma linha muito tênue entre o primeiro eixo e esse segundo que é muito difícil prescrever, mas destacá-lo se tornou um exercício profundo de reflexão. Entendemos que essa

demarcação não se inscreve nas falas dos interlocutores, está intrincada. Porém, reservar um espaço para pensar como essas normas passam a valorar alguns perfis em detrimento de outros, gerando desejo/tesão, nos pareceu emergente na apreciação das conversas.

Considerando que as interações visam transcender o espaço digital, bem como é inteligível aos usuários a possibilidade de manipular o perfil a partir do seu interesse, os signos imagéticos que compõem as fotos não são suficientes para garantir uma performance masculina padrão, mas o prenúncio da relação pele-a-pele. Por conseguinte, a discricção aparece como outra norma de gênero que regula as masculinidades dos homens que fazem pegação a partir do *Grindr*. No contexto digital dos *apps*, são expressas por alguns signos como “no sigilo”, “discreto”, “fora do meio” etc.

Dessa maneira, percebemos o quanto parecer hétero é um elemento de *status* para as masculinidades com práticas sexuais dissidentes. Tal característica é algo bem familiar em virtude do processo de armarização⁴³ (“entrada no armário”), como já falado anteriormente, que coloca esses homens frente ao imperativo da invisibilização e normalização. Porém, o estatuto da discricção na pegação é de outra ordem que, conforme Victor Hugo Barreto (2017), envolve duas prerrogativas: 1 – é o controle da heteronormatividade que prediz a masculinidade em oposição ao feminino. Nesse sentido, ser um “macho discreto” é se afastar dos elementos socialmente discriminados como “dar pinta”, uma vez que o homem afeminado dirimiria a máxima da “putaria entre macho”, “macho x macho”, “entre cuecas”, “guerra de espadas” – termos muito comuns nos espaços digitais de busca de pegação, usados para reforçar a ideia da virilidade⁴⁴ como alicerce do tesão. 2 - na esfera relacional, há um tipo de sociabilidade específica, que se baseia em uma eroticidade do anonimato (muito presente em alguns tipos de pegação como banheiro⁴⁵, *dark room*⁴⁶, *glory hole*⁴⁷), assim como pela impessoalidade, em que não se presume compromisso, laço social ou qualquer tipo de relação para além do orgasmo.

⁴³ Rogério Junqueira (2013) sugere que a ditadura do armário se utiliza de uma pedagogia coercitiva para impor performances masculinas vinculadas ao espectro do modelo de homem pautado em pressupostos machistas.

⁴⁴ A ideia do encontro entre virilidades ou contágio da virilidade via relação sexual entre homens é uma questão também presente em outras culturas como na dos Sábios na Melanésia, estudada por Gilbert Herdt (1993). Nesse contexto, através de rituais com sexo oral, os homens mais velhos doam sêmen para os mais novos como forma de introduzi-los na masculinidade (separando-se das mulheres), além de aumentar sua espiritualidade.

⁴⁵ Práticas de pegação desenvolvidas em banheiros públicos que de tão erotizadas entre os homens, alguns estabelecimentos utilizam espaços para simular o ambiente do banheiro.

⁴⁶ Da tradução literal “quarto escuro”, é usado para encontro de homens disponíveis à pegação comum em festas e saunas. Nesse, as práticas sexuais são conduzidas por outras formas de selecionar os envolvidos, diante da total penumbra do ambiente.

⁴⁷ Cabines com buracos onde se apresentam os genitais para pegação sem vinculação à figura da pessoa, presente em festas, banheiros públicos e saunas.

Para entender as discussões sobre discrição a partir dos sentidos da figura do “macho discreto” para nosso grupo de interlocutor, seguem trechos da conversa com Paulo.

L 156 Pesquisador: Então você prefere pessoas discretas?

L157-158 Paulo: Discretas! De jeito nenhum, se eu ver alguém de rosa, de cabelo rosa, de num sei que, de brinco, aquelas coisas assim, eu nem chego!

L 193 Pesquisador: Com que perfil você interage e se dispõe a encontros?

L 194-201 Paulo: Eu vou dizer os que eu não encontraria, acho que o resto vai ser um leque maior. O que eu não encontraria é com *piercing*, eu não gosto de pessoas alternativas demais, muitas cores, muitas roupas assim [...] É um tipo de discriminação e assim serve para separar.

L 278-279 Pesquisador: Você acha que existe alguma característica física ou algum jeito que é de homem?

L 280-281 Paulo: Pronto, eu vou dizer o que me fascina num homem. Talvez eu tenha assim um jeito, alguma coisa... mas eu gosto que homem seja bem sério. Bem masculinizado!

L 282 Pesquisador: o que seria masculinizado pra você?

L 283 Paulo: Trejeitos, sem ser afeminado.

O diálogo com Paulo nos leva a perceber a necessidade do controle da masculinidade em performances discretas no *Grindr*, bem como em outros espaços sociais. Nesse sentido, demarca-se uma prerrogativa social na contradição de seus privilégios, que, apesar de ser homem (privilegiado no contexto sociocultural machista/misógino/patriarcal), se reconhece como homossexual (posição de desprestígio na mesma conjuntura). Então, a partir do conhecimento levantado, construímos a seguinte indagação: Quais possibilidades de ser um homem homossexual se constroem frente à marca da dissidência sexual?

Um ponto importante de se observar é que na fala da maioria dos interlocutores, assim como nas descrições de alguns perfis, o desinteresse ao homem afeminado é um ponto muito fácil de ser observado no *app*. Suplantar o que é feminino é uma das características do padrão macho. Em paralelo a isso, nas conversas, essa questão surge sempre seguida da justificativa de não ser por preconceito, mas por não sentir tesão, que não é o caso de Paulo. Na fala supracitada, ele assume ser uma “discriminação”, servindo para “separar”. Entretanto, o que mais encontramos nas conversas foram justificativas tipo as de Bruce:

L 124 Pesquisador: O que te faria identificar como coisa de homem e te atrai?

L 125-126 Bruce: Afeminados, gordos, velhos... são características físicas que nada contra, mas não me atraem

Nesse ponto, propomos a reflexão de algumas questões: se o desejo é realmente algo tão idiossincrático como essas falas parecem endossar, por que há uma recorrência do não-tesão nos homens afeminados? Por que, ao contrário, a suplantação da afeminação na figura do macho é associada ao desejo intenso? Se está posto que o tesão é algo subjetivo, sem interferência dos padrões socioculturais, por que é necessário tentar justificar dizendo não ter “nada contra”?

Nos parece que é comum aos interlocutores o quão negativo seria esse “gosto”, inclusive pela necessidade de se isentar de uma culpa moral, tentando encontrar uma explicação que

naturaliza e se desresponsabiliza pelo tesão, como se o desejo fosse da ordem natural, biológica, imanente de uma condição. A propósito, o “nada contra, mas não curto” virou um jargão dentro do próprio *app*, se repetindo não só entre as conversas, mas servindo como aviso nos perfis.

Percebemos que nas interações pelo *Grindr*, a demarcação do interesse pelo sigilo/discreto vem na direção não apenas de poupar tempo conversando com alguém que não atrai sexualmente, mas também construir uma casta de superioridade que prediz um macho em busca de outro. Dito de outra forma, a exigência da discricção como característica do gênero não se legitima apenas na excludência de homens que destoam de um padrão masculino, não é apenas pelo “fascínio” como traz Paulo ou do que “atrai” Bruce. Mas, sobretudo, na criação de um perfil erótico que se legitima a partir da superioridade. Essa nossa leitura se baseia no diálogo com o grupo de interlocutores, como também pelo que Victor Hugo Barreto (2018) nomeia como caráter espartano - ao estudar os eventos de orgias entre homens, identifica festas seletas (“clubes espartanos”) em que o acesso é garantido via aprovação da organização, previamente analisando os homens por sua apresentação corporal e o tamanho do pau.

Novamente voltamos para o filtro da fita métrica, discutido acima, mas, nesse ponto da reflexão, fez-me lembrar de um perfil por *nickname* “quero dotado”, que trazia a seguinte descrição: “procurando preencher o meu vazio existencial com coisas grandes e volumosas” (seguido de *emojis*⁴⁸ de berinjelas, muito utilizados no *app* para se referir ao pau). Apesar de não ter tido êxito em relação a estabelecer uma conversa com o perfil apontado, a sua busca por alguém que pudesse estabelecer um encaixe ou preenchimento a partir da ordem quantitativa (“grandes e volumosas”) nos é bastante oportuno para caracterizar a busca pelo padrão pré-estabelecido, o que nos soa quase como: é só assim que sentirei prazer.

A identificação do perfil ideal também nos aponta para as características que mais despertam tesão nos usuários do *Grindr*, exposto no perfil para propor uma confluência de interesses. Assim, negocia-se a combinação perfeita do que se pode oferecer e do que se deseja. O que se observa é que a convergência identitária (MORELLI, 2017) entre os usuários do *app* também caminham para uma premissa de relação entre iguais (BARRETO, 2018) que hierarquiza o grande grupo dos homens que fazem pegação. Nessa direção, compreendemos que “a (hetero)sexualidade [...] deve se reinscrever ou reinstruir através de operações constantes

⁴⁸ Pequenas figuras disponíveis nos teclados dos *smartphones* ou nos *apps*, que a princípio servem para indicar emoções e/ou representar algo. Assim como é bem importante pensar que em alguns espaços elas são carregadas de sentidos próprios, no *Grindr* são usadas para indicar muitas coisas. No caso da berinjela, que, devido ao seu formato ser associado ao pau, tornou-se figurativo para indicar que você é ativo ou que procura ativos, como no caso do perfil que menciono.

de repetição e de recitação dos códigos (masculino e feminino) socialmente investidos como naturais” (PRECIADO, 2014, p. 26).

L 377 Pesquisador: o que há no perfil heteronormativo que mais te excita?

L 382-388 Victor: [...] essa coisa do conceito de macho na sociedade porque eu vejo que está muito relacionado a virilidade e talvez seja o fator que mais me atrai no homem. Aquela de tipo, como posso dizer, uma vitalidade não sei. Eu não sei bem definir. Porque a gente fala virilidade, vem um conceito na mente mas eu não sei se quer dizer isso mesmo, mas é aquela coisa da força, da força masculina que é muito forte, então vem uma coisa de pegada, de suor, de cheiro, uma coisa bem animalesca mesmo, de feromônios e tal.

Em articulação com o que os nossos interlocutores assinalam, propomos a reflexão em torno da definição do macho como tangenciado pelo contexto de produção de sentidos advindos da interação erótica. Com isso, essa discussão transcende a questão do protótipo estético, chegando à posição sexual (ativo/passivo/versátil), assim unificando essas dimensões na figura do macho homoerótico. John Gagnon (2006) e George Mosse (1996) demarcam uma recorrência ao acesso de modelos, signos, gestos comportamentais de padrões socialmente postos como masculino para se responder o que é ser homem. Ao considerar isso, entendemos que a padronização da masculinidade única, sinônima de uma virilidade latente heterossexual, atua como bengala simbólica para se definir como homem, ao passo que legitima a hegemonia.

O tesão pelo macho, esse modelo mais idealizado do que é ser homem (a propósito, tende a ser arcaico por temer fissuras), recai sempre nas normas heterossexuais para legitimar o padrão físico, as normas de gênero e um código de regra sexual, conforme Richard Miskolci e Larissa Pelúcio (2008). Assim sendo, os autores ainda seguem apontando que a busca pelo padrão heteronormativo entre os homens com práticas homo coloca o macho ativo em privilégio na hierarquia sexual.

Igualmente, Gayle Rubin (2003) chama a atenção sobre o impacto dessa segmentação na punição das castas subalternas. Para a autora, os heterossexuais maritais e reprodutivos ocupam o topo da sua pirâmide erótica, o que os garante “saúde mental certificada, respeitabilidade, legalidade, mobilidade social e física, suporte institucional e benefícios materiais” (RUBIN, 2003, p. 16). Tais privilégios se constituem em detrimento daqueles cujas práticas sexuais transgridem às normas, constituindo a base da hierarquia e lidando com “presunções de doença mental, má reputação, criminalidade, mobilidade social e física restrita, perda de suporte institucional e sanções econômicas” (RUBIN, 2003, p. 16).

Desse modo, os homens com expressão social afeminada são socialmente lidos como gays por romperem com a lógica binária imposta pela contingência radical entre gênero-sexo-desejo, ao passo que mostram que “a verdade interna do gênero é uma fabricação” (BUTLER, 2013, p. 195). Não obstante, a passabilidade do macho para os homens não-heterossexuais é

atravessada não como estratégia, mas como regência do corpo adestrado à norma, que vira “normal”; assim, constitui-se em hetero(homo)normatividade. No *Grindr*, isso se encaminha para a exposição de traços que se balizam pela hipervirilização da imagem, bem como do afastamento de atributos entendidos como feminino (LIMA, 2017). Portanto, haveria um imperativo nas relações de pegação que normatizam a corporalidade a partir dos sentidos sobre masculinidade hegemônica, compreendendo, inspirados em Adauto Novaes (2003), o corpo como produto da rede de discurso em que se está inserido.

L 302 Pesquisador: Quais práticas um homem precisa ter na sua opinião?

L 308-311 Hallysson: Um homem de estereótipo de macho assim, que seja o ativo, que bote pra chupar, que domine na cama, que beije bem, que chupe o cu, que deixe eu lambar o suvaco... isso na cama, né?! E esse porte físico dele, desse jeito, me parece que ele tem uma probabilidade maior de me satisfazer do que afeminados.

No diálogo com a produção de Sharif Mowlabocus (2015), compreendemos o quanto o recorte da pornografia⁴⁹ está arraigado desde a organização do aplicativo à formulação dos perfis, implicando diretamente nas relações estabelecidas. Sendo assim, gera um tipo de fetiche de como seria a foda entre homens, pornificando as trocas no *app*, não no sentido de obter lucro financeiro, mas sim do capital erótico – aquele capaz de atrair parceiros.

Nesse entendimento, é válido lembrar da discussão que Victor Hugo Barreto (2017) constrói a partir de uma premissa usual no meio de pegação, de que é preciso “ser macho” para foder com outro macho. Essa disposição, segundo o autor, é para saber lidar com características muito comuns nas orgias, como: “suas horas de duração, o sexo ininterrupto, os cheiros característicos que exalam na orgia, a força do ritmo das penetrações, os ‘paus e as bundas’ que se oferecem, aguentar ‘caçar’ os parceiros para as interações” (p. 58). Apesar de não estarmos falando especificamente das tipologias das práticas (como a orgia por exemplo), entendemos que a discussão acima faz alusão direta à fantasia do sexo do macho e, assim, também se apresenta em outros tipos de pegação.

Isso posto, nos permite compreender a fala de Hallysson, identificando os sentidos atribuídos ao jogo de dominação no ato sexual, além de questões específicas, como chupar o cu e lambar o sovaco. Para nós, esse desejo demarca-se como um jeito específico de fazer sexo com homens, já que estaria ligado a sentir o cheiro do macho. A propósito, a forma como o interlocutor se refere às práticas (utilizando termos “que deixe”, “que chupe”) nos remete à ideia de que não é algo que corriqueiramente acontece. Mas, o que chamamos a atenção nesse momento é que as práticas também se realizam a partir de partes do corpo demarcadamente

⁴⁹ Convencionamos para este escrito o conceito de pornografia discutido por Jorge Leite Júnior (2011), como a representação obscena em formato de imagens, sons, textos ou objetos que visam ao lucro financeiro dos produtores, atingindo um nicho de consumidor/a específico - o que busca prazer sexual.

masculinas e hipervirilizadas, assim, ganhando característica erógena. Na conversa com Hallysson, ele aponta outro fetiche que nos permite chegar nessa conclusão, como a prática de beber sêmen - sinalizando acreditar ter sido esse o comportamento de risco que o infectou com HIV.

L 274-276 Pesquisador: Quando você falava sobre ter se infectado com o HIV, disse que estava “dando muito sem camisinha”. Você sempre é passivo ou acha que essa transmissão aconteceu durante uma prática como passivo?

L 277-282 Hallysson: Isso, isso! Eu sou versátil. A maioria das vezes foi... eu tenho também sido ativo e sido passivo também. Mas eu acredito que eu me infectei tomando sêmen, porque eu gosto muito de chupar e tomar o sêmen. E aí isso pode ter acontecido também de tipo, de eu ser submisso também, de ser passivo, mas também da situação de eu tomar sêmen e algumas vezes que eu fui passivo, eu dei sem camisinha sim, várias vezes na verdade.

De acordo com a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (PNAISH), há uma prevalência em homens jovens de maior exposição às situações de riscos de saúde no que compete ao não uso de preservativo, indicando um quantitativo expressivo quanto à gravidez não planejada e infecções por IST's, HIV/AIDS (BRASIL, 2009). Para Camylla Barros *et al.* (2018), isso se dá em virtude de barreiras institucionais, como também da concepção sobre gênero e geração que leva esse público a desacreditar da importância de se ter práticas de prevenção/promoção de saúde. Com efeito, Benedito Medrado *et al.* (2010) discute a importância de se ater às formulações de políticas públicas para homens (nesse caso, mais especificamente a de saúde), denunciando que elas podem servir como dispositivo de manutenção das concepções essencialistas, além de regular as possíveis expressões das masculinidades. Luís Augusto Silva (2010) nos chama a atenção sobre a incongruência em se ver os *apps* de pegação como fator de risco ao HIV e outras IST's, entendendo a internet como um espaço potente na produção de estratégias de redução de danos dos comportamentos de risco.

Se, nas interações entre homens, o passar cheque (vestígio de fezes no sexo anal) tem sentidos diversos durante as práticas – ora de descontentamento por ser sinal de sujeira, ora entendida como parte da prática sexual – o mesmo não acontece com o sêmen. O último, agrega ao ato um valor que facilmente se vincula à masculinidade, vitalidade, reprodução, força e virilidade, entretanto, também ligado a riscos de saúde que não necessariamente são erotizados, conforme Larissa Pelúcio (2009).

Em consonância com o que enuncia nosso grupo de interlocutores, podemos pensar que a articulação entre o que tange as concepções de masculinidades e como elas se atrelam às práticas de pegação sinaliza para as vulnerabilidades que esses homens estão submetidos no *app* e nas práticas de pegação. Nesse ponto, não temos como não articular com as discussões

tecidas em face a PNAISH e os potenciais usuários que vislumbramos na pesquisa “Análise da implementação da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem”, desenvolvida pelo GEMA/UFPE e em parceria com o Ministério da Saúde. Na supracitada produção, foi possível reconhecer o quanto o sentido de ser homem ainda está atrelado a um não-cuidado das questões de saúde para os usuários da política, os potenciais usuários, as/os gestoras/es e trabalhadoras/es em saúde. Desse modo, é possível visualizar diversas questões para pensar a saúde do homem não apenas como cuidados frente ao câncer de próstata, novembro azul.

Atrelando o debate da supracitada pesquisa ao que identificamos nesta dissertação, compreendemos que o jeito do macho fazer sexo, para além de viril e animalesco, pode ser vulnerável⁵⁰. Hallysson consegue nomear isso quando, em um momento da conversa, atribui sua relação com o sexo como “perigosa”. Para tanto, essa discussão nos leva à conclusão que hetero(homo)normatividade, como balizadora das práticas sexuais entre homens no contexto digital, inviabiliza esses sujeitos para as políticas públicas e os deixa à margem de uma educação em saúde que acolha suas demandas. O caminho da não revolução identitária diante das possibilidades das masculinidades se alia a uma reafirmação da norma/poder/opressão que diretamente coloca esses homens em um contexto de invisibilização. Consequentemente, paramenta-se da figura do macho voraz, viril e violento para se afastar do fantasma do feminino que, para esses homens, é correlato à fragilidade, delicadeza e sentimentalismo.

A aversão ao sujeito afeminado, devido à facilidade de socialmente entendê-lo como não-hétero, tem raízes históricas. Como nos aponta Richard Miskolci (2017), a vinculação da epidemia de HIV/AIDS com “câncer gay” resvala no homem afeminado de diversas formas. Não apenas por sua indubitável homossexualidade (considerando as normas binárias de gênero), mas também em virtude do julgo moralista que imputa a promiscuidade e a magreza como sinônimo de doença. Contrapondo-se a essa proposta, a performance hetero(homo)normativa, aliada aos signos imagéticos de saúde e força nos corpos musculosos dos homens com práticas homo, solidifica-se como pressuposto de superioridade⁵¹ aos outros.

É também aspecto marcante nas referências da pornografia *mainstream*, que se configuram como importante meio de referências sexuais para homens, seja quanto a fetiche, seja quanto a papel sexual. É importante também considerar que na maioria das cenas gay, os homens são retratados na figura de machos hetero(homo)normativos, o que não apenas aponta

⁵⁰ Compreendemos como uma possibilidade, mas não necessariamente como regra, porque pode haver entre esses homens formas de negociações, reduções ou gerenciamentos do risco.

⁵¹ No *Grindr*, isso se insere na filtragem dos usuários pelo *status* sorológico, em que, no perfil, é possível referir se é ou não, se sabe ou se não quer informar sua sorologia no perfil. Além disso, há também outras questões que podem ser respondidas como: o uso da PREp e a data da última testagem para HIV.

para uma maior atratividade desse perfil, como constrói os sentidos de como os homens devem ser *no e para* o sexo.

L 264-265 Pesquisador: Sobre essa coisa da “masculinidade” que você falou, você acha que tem gente que usa disso no perfil para chamar atenção?

L 267-269 Bruce: (...) O que me atrai em outro homem é o corpo masculino, o jeito masculino, do contrário eu preferia estar com uma mulher. Se fosse para estar com alguém do jeito feminino ou com o corpo feminino, eu preferia estar com uma mulher (...).

A questão do rechaço aos comportamentos femininos entre os homens que fazem pegação, remeteu-nos à forma como Daniel Welzer-Lang (2001) denomina homofobia. Para o autor, essa é uma discriminação direcionada a pessoas que evocam características de outro gênero que, nesse caso, se alude de modo disforme ao que socialmente se espera de um homem ou mulher. Nessa via, entendemos que a concepção da abjeção do homem afeminado se justifica por se assemelhar a uma mulher, promulgando o afinamento da homofobia à misoginia. Assim, inculca-se a ideia de que, para ser homem, é preciso rechaçar as características socialmente entendidas como femininas. Desse modo, se os que se atrelam à figura do macho são tidos como superiores, os homens que possuem trejeitos, comportamentos ou características apontadas como afeminadas, são subalternizados e preteridos.

Isso posto, a posição inferior delegada a esses sujeitos no processo de hierarquização social-sexual-gênero se assemelha à de outras minorias sociais como as mulheres. Inclusive, essa equiparação é tão comum aos homens que o argumento de Bruce gira em torno dela – além de outros termos comumente usados de modo pejorativo, como “mulherzinha”. Com efeito, pelo rechaço, valida-se como um “macho” transa, associando a prática da pegação às características como: virilidade, a ideia de sexo animal, o feromônio (como um nível de atração máxima), que muito se parece com o que canta Alceu Valença: “Foi mistério e segredo / E muito mais / Foi divino brinquedo / E muito mais / Se amar como dois animais”.

5.2.3 Tensões e conflitos em face à hetero(homo)normatividade

Após compreender o padrão legitimado/esperado nos usuários do *app*, iniciaremos uma discussão que intenta elucidar os reveses advindos da performance hetero(homo)normativa nesse espaço. Entretanto, a seguir, iniciamos com uma contextualização das relações desenvolvidas no *Grindr*, servindo como justificativa para criar esse eixo.

L 422-423 Pesquisador: O que acontece quando vc encontra caras que não correspondem ao que está descrito no perfil do *app*?

L 459-468 Victor: Hoje em dia já é mais fácil assim, geralmente eu uso muita desculpa, [...] eu converso com a pessoa e tal, para não fazer aquela desfeita de ‘não curti, tchau’ porque eu acho péssimo, mas invento uma desculpa de que preciso sair mais cedo e tal, não vou poder ficar muito, já marquei uma outra coisa e tal, e é foda! Ou, [...] quando eu bato o olho na pessoa e vejo que ela já não é aquilo que parecia no

aplicativo e ela não me viu, eu também passo reto e finjo que não vi a pessoa, a gente não chega nem a se encontrar, já aconteceu mais de uma vez mas eu espero não acontecer de novo porque eu acho péssimo isso.

Nos parece haver, no *app*, uma necessidade de correspondência perfeita entre o que se deseja e o outro. O imperativo do tesão é o que mobiliza os usuários gerando padrões, perfis com maior prioridade, requisitos para a pegação que, nos termos dos usuários, se configuram como uma questão de gosto. Já debatemos nos eixos anteriores sobre os princípios da construção da figura destino do tesão, além de identificar uma predominância de elementos que compreendemos partir de uma matriz hegemônica sobre masculinidade. Desse modo, ratifica-se não somente o que é masculino, mas o que é capaz de fazer gozar.

Sendo assim, se insere nas relações um descompromisso com o outro que vai desde a fugacidade da relação (típico da pegação como já dito), mas que pode chegar a uma questão de desrespeito, como no trecho da conversa com Victor. Entre o desejo e o outro, a escolha é pelo desejo, sobretudo se o outro pode, de algum modo, tentar contra um modelo de homem e prática sexual ideal (tudo isso ao ver do usuário). Todas essas questões arregimentam-se na hierarquização das masculinidades (que vemos tratando desde os eixos anteriores) forjada em signos⁵² que evocam características como: a branquitude, a heterossexualidade, a cisgeneridade, o corpo magro/sarado - dentre outros que não apareceram diretamente no nosso grupo de interlocutores, mas foram apontados pela literatura revisada no capítulo 2.

A recusa/transgressão/distanciamento dos pressupostos hegemônicos desemboca na marginalização entre os usuários que tornam perfis abjetos quanto ao desejo, resultando em poucas oportunidades de contato. Nesse sentido, diferentemente de outros tipos de pegação em que essas questões podem não ficar tão evidentes diante da configuração do evento (seja pela penumbra ou por pouca interação verbal), o catálogo de perfis que aparece no *app* se constitui pelas figurações imagéticas/verbais, bem como é recortado por marcadores sociais.

A reflexão que alcançamos é o quão violento essas relações se caracterizam nesse ambiente, sobretudo para algumas pessoas. O imperativo macho parece ser uma regra tão bem demarcada que a performance masculina normativa, seja quanto ao corpo (como tratado no primeiro eixo), seja quanto ao nível relacional (segundo eixo de análise) sectariza o espaço e legitima a pegação para alguns. Nessa via, ainda que o sujeito não se encaixe no padrão estabelecido, é preciso buscar estratégias para pelo menos se aproximar, sob pena de ser

⁵² Aqui, nos referimos não apenas às formulações do perfil ou a forma como os usuários se descrevem, mas na modelagem dos corpos e no padrão de relacionamento/jeitos que se estabelece, seja no contexto digital, seja face-a-face.

invisibilizado. Portanto, entendemos a premência de se refletir sobre os conflitos pessoais em face aos pressupostos sociais sobre masculinidades nas práticas de pegação.

L 133 Pesquisador: Me fala como foi esse percurso até hoje ser normal para você

L 134-136 Bruce: No início foi estranho, me sentia sujo. Depois foi se tornando aceitável, e hoje acho super normal e gosto até! Hahaha Ao longo do tempo a gente vai moldando e desconstruindo algumas coisas.

L 137 Pesquisador: Se sentia sujo por quê?

L 138-140 Bruce: Porque achava que estava fazendo a coisa errada. Tanto socialmente falando quando religiosamente falando. Depois que gozava só queria ir embora.

Luciana Santos (2003) defende que a adesão do discurso religioso se dá por um engendramento do medo de si que se alicerça na dimensão afetiva como parte constituinte das pessoas, sustentada por suas crenças/valores. Com efeito, Victor Seidler (2006) nos traz que a compreensão de sexualidade, a partir de marcadores cristãos, é balizada por uma concepção higienista que entende como “sexo puro” aquele feito para a procriação, através do matrimônio. Em contrapartida, o “sexo sujo” seria aquele que vai contra aos preceitos divinos, trazendo a marca do pecado, da impureza. Dessa forma o ritual de purificação se dá via vigilância e controle, relativizando, assim, o caráter genuíno do desejo, imputando-o como errado/pecado ao legitimar um discurso que induz salvação em detrimento da culpabilização de si.

Bruce nos traz o percurso de tentar ressignificar aquilo que o coloca como transgressor/infrator, uma tentativa de articulação entre desejo/norma – que, de tão forte, ratificado e repetido, passa a fazer parte da forma como ele mesmo se enxerga e se julga. Desse modo, o interlocutor nos leva à reflexão sobre as dificuldades para uma pessoa não-hétero lidar com sua sexualidade “não normal”, bem como considerar aquelas que usufruí dos privilégios de uma sexualidade esperada.

Os argumentos para essencializar o desejo heterossexual como característica única da natureza humana, partem de diversas instâncias. Bruce nos fez pensar sobre o quanto o controle heteronormativo demoniza o prazer e padroniza a sexualidade, colocando pessoas à margem, ignorando suas demandas pessoais. Assim, entra-se em uma lógica perversa de adoecimento e vulnerabilização do não-ideal, em que a particularidade é suplantada pela incorporação da norma. Desse modo, podemos assinalar que a heteronormatividade é para todos, mas nos homens, há aqueles que precisam de mais abnegações para forjar-se sob esse estatuto. Portanto, apesar de não ter restrições na sua amplitude, se configura de modos distintos pelos seus marcadores sociais da diferença, não apenas de gênero (MEDRADO; LYRA, 2014).

Como um homem gay, eu sei o que é não se sentir bem diante do desejo marginal, sobretudo, Tateando frente a uma sexualidade lida como não-convencional socialmente. As vulnerabilidades em estar fora da marca hétero é algo que nossos interlocutores nos apontaram

a todo instante. A lógica de negligência frente às diversas possibilidades de ser homem e desejar coloca todas as outras orientações não-heterossexuais à margem da normalidade. Nesse ponto, compreender o discurso de Bruce não vem na direção de um apaziguamento (no sentido de aceitação) da subalternidade imposta, mas caminha para uma reflexão sobre as marcas de um contexto fortemente atrelado a discursos machistas e homofóbicos que constituem essas normas de masculinidades.

L 184 Pesquisador: o que você já teve que fazer por se cobrar?

L 185-187 Júnior: Quando era criança, sofri muito *bullying*. Eu tive que me enquadrar pra não ser mais perseguido. Então tive que mudar a voz, jeito de andar... Hoje isso é natural, de tanto que forcei

L 188 Pesquisador: consegue lembrar de mais algo que precisou fazer?

L 189 Júnior: Tentei andar com meu irmão, jogar bola, me masculinizar

Nos parece ser um consenso para todos (desde os mais defensores aos mais questionadores dos padrões) que é um engodo a ideia da masculinidade viril, padronizada, encarnada na figura do macho como algo natural/imaneante de ser homem – a partir de um corpo biológico. Se assim não fosse, não seriam necessárias as extremas estratégias de tolher comportamentos desviantes/femininos, legitimando o que é ser macho, impelindo uma pedagogia de corpos/identidades. O estudo de outras culturas nos possibilita pensar sobre a temporalidade, bem como o atravessamento em outras organizações sociais dessa ideia de homem hiperviril - haja vista o exemplo dos estudos de Gilbert Herdt (1993), mencionado anteriormente. Nesse aspecto, torna-se relevante fazer uma leitura contemporânea para pensar o quão familiar essa noção ainda nos é. A conjuntura político-social de um governo de extrema direita marca historicamente o período que desenvolvemos essa pesquisa, sobretudo pela legalização de pensamentos tão retrógrados quanto ao sistema sexo/gênero.

Apesar de não ser esse o contexto histórico em que Júnior relata ter sofrido *bullying* (ele tinha 36 anos quando conversamos), é bem oportuno pensar o quanto os modelos hetero(homo)normativos têm resistido às quebras de padrões morais. Mas, sobretudo, da naturalização desse discurso que tem acontecido após a ascensão da onda ideológica conservadora que busca resgatar valores cristãos - remontando questões medievais, ao relacionar política e religião, assim, desmontando-se direitos e representando um retrocesso em relação aos paradigmas quebrados à duras penas pelos movimentos sociais.

A propósito, recentemente, ao ser questionado sobre *bullying* no contexto educacional, o pastor presbiteriano Milton Ribeiro, no exercício do cargo de ministro da educação, declara que a “opção sexual” (sic) pelo “homossexualismo” (sic) é proveniente de “famílias desajustadas” (PUTTI, 2020). O que o então ministro denuncia na sua fala é um sistema de ideias que legitima a heterossexualidade como único modelo, enquanto a homossexualidade é

vista como patologia (dado a significado do termo homossexualismo) que tem consequência/responsabilidade no “desajuste” familiar.

Nesse âmbito, recordo-me de um personagem muito famoso nos anos 2000 no programa humorístico *Zorra Total* (da Rede Globo), que em todos os episódios era interpelado por seu pai na tentativa de conduzi-lo para um regime heteronormativo. Porém, Alfredinho, de uma forma muito caricata (diria até que pejorativa), acabava frustrando o modelo de masculinidade do pai Mauriçã, ou “papi”, como chamava-o. Alfredinho era um personagem que involuntariamente ia para caminhos entendidos como femininos, enquanto a missão do seu pai (nunca efetiva) era ensiná-lo como é ser macho. O quadro encerra quando Alfredinho não consegue sustentar e rompe com a performance heteronormativa, o que leva seu pai a se questionar para quem assiste a cena: “onde foi que eu errei?”

O quadro, ainda que curto, representava bem mais que os impasses entre pai e filho, denunciava as denominações da masculinidade hegemônica, ao passo que naturalizava o lugar de insucesso da pedagogia da virilidade de Mauriçã, bem como a posição de vergonha diante de um filho afeminado, o erro. Os próprios nomes dos personagens (um no aumentativo, o outro no diminutivo) sugeria uma relação de superioridade, de hierarquia masculina. Recordo-me que, nessa época, em contexto escolar, não só Alfredinho, mas outros personagens afins serviam como arma de *bullying* contra mim e tantos outros meninos que destoavam das normativas de gênero.

Apesar de essa ser uma história recorrente na infância/adolescência de homens não-hétero, ainda existe uma omissão das políticas públicas de educação para pensar as diversidades sexuais e de gênero no ambiente escolar. Nesse sentido, na justificativa das autoridades responsáveis, seria uma estimulação das práticas desviantes à norma, gerando uma espécie de confusão nos alunos. A questão que nos fica é que, na hora do *bullying*, a criança ou adolescente sabe bem o que é um “viadinho” para usar como chacota, mas quando o ponto é possibilitar ações equânimes que visem respeito às diversas orientações sexuais e identidades de gênero, as instituições lidam como tabu, eximindo-se de qualquer ação. Apesar de pensar o papel da escola frente ao *bullying* homofóbico não ser o nosso foco nesse momento, se torna necessário questionar o padrão que se legitima diante da negligência de não se falar sobre a diversidade.

No caso de Júnior, o padrão a ser seguido era o do seu irmão, enquanto o que deveria ser negado/distanciado era o seu próprio. Portanto, conforme o relato do nosso interlocutor, nos questionamos: qual seria o impacto da heteronormatividade na regulação de quem se é, nas experiências das masculinidades dissidentes?

L 145-146 Pesquisador: A partir do que você traz, o que é preciso fazer para “segurar essa imagem”?

L 147-152 Hallysson: De um modo bem subjetivo é, eu preciso negar... eu preciso me comparar aos outros para a partir dessa comparação, observar e reproduzir essas imagens e segurar essas imagens, sabe?! E quando há essa comparação, há a negação de alguns pontos que fazem parte de mim. Como por exemplo usar saias, nesses encontros eu não posso.

L 153 Pesquisador: O que impacta para você estar se negando?

L 154-155 Hallysson: Me adocece. Porque me negar é também tá dando energia a tais práticas. Isso me causa ansiedade.

É importante reconhecer o quanto o armário se reconfigura em diversas instâncias na vida de um homem não-hétero. Dentro da prática de pegação, o armário é bem-vindo, sobrepujado em figuras que conseguem sustentar o parâmetro normativo, se verticalizando frente às masculinidades trans-viadas. Dessa maneira, essa compreensão vai de contra ao entendimento prematuro de que os problemas dos homens gays acabam quando eles saem do armário. O que compreendemos, com Hallysson, é que os sentimentos do armário são retomados na performance do macho para agradar os usuários do *app*. O armário, ainda que só nesse espaço, como no caso desse interlocutor, produz impactos nos sujeitos.

Assim, compreendemos que no *Grindr*, esse processo atua na manutenção do perfil polido - aquele mais próximo da figura do homem heterossexual, mais distante do “meio gay” e da socialização com as masculinidades dissidentes. Em face do desejo erótico atribuído à figura do macho (não apenas para interagir *com*, mas para *ser*), impele-se aos usuários um temor persecutório comum ao armário (MISKOLCI, 2009b).

À vista disso, conseguimos identificar alguns dos conflitos que nossos interlocutores relataram sentir diante dessa hipervirilidade performada: um sentimento de cansaço pela tentativa de estar em conformidade com as normativas, buscando elipsar algo que é genuíno/natural do sujeito; ansiedade que também se insere como contingencial a esse medo de ser descoberto, de ser tirado da capa heterossexual, gerando assim resistências/medos das relações sociais; pensamentos autopunitivos que partem da incorporação das normas sociais sobre o sistema sexo/gênero, incidindo de modo voraz na forma como esses homens se relacionam consigo e com os outros; depreciação da própria imagem, que se configura a partir do ideal, não do natural; introjeção dos pressupostos sociais ao promover uma política identitária baseada em uma hierarquização ontológica, esbarrando não apenas na auto compreensão, mas no entendimento de práticas e funções na pegação, conforme trecho abaixo.

L 197 Pesquisador: e você sente vontade em ser passivo?

L 198 Júnior: Às vezes

L 199 Pesquisador: algo te impede?

L 200-202 Júnior: As pessoas só se aproximam de mim porque sou negro e associam a pauzão e virilidade. Negro tem por obrigação de ser ativo para muitos gays, eu não posso ser passivo, que falam "tão macho, um negão desse dando o cu"

É interessante constatar o quanto o regime pedagógico do macho é racista e se presentifica não somente na expressão dos perfis do *Grindr*, mas na história de vida dos nossos interlocutores. Com efeito, essas questões não são atravessadas apenas pela hetero(homo)normatividade, o racismo conduz as masculinidades negras para caminhos distintos da branquitude nas práticas de pegação. Então, mais uma vez demarcamos o quanto a discussão em torno das práticas sexuais não pode ser tecida sem considerar os sentidos culturais e organizações sociais implicadas. Assim, a leitura racial não é uma opção; se ela não é feita, o posicionamento é a favor do racismo.

No trecho acima, Júnior nos assinala para o conflito no encontro com as normas que incidem sob seu corpo nas práticas de pegação no contexto digital, impelindo aos homens negros um lugar bem específico, seja quanto ao desejo, seja quanto às suas práticas. Buscando articular as teorias *queer* com os estudos *black*, Osmundo Pinho (2015) indica que a colonização ocidental, ainda persistentemente atual no Brasil, caminha na direção de associar os corpos como fonte da própria identidade negra.

Então, por meio da figura do “negão”, espera-se a reunião das características do padrão macho, como músculos volumosos, jeito viril, dotado e penetrador como condição para ser notado/requisitado entre os usuários do *Grindr*. Nesse debate, Luís Lopes (2020) direciona que tal sectarismo resume esses homens como figuras exclusivas para pegação, não para relacionamentos estáveis. Dito de outro modo, as masculinidades negras são objetificadas como fetiche sexual quando essas interações são anônimas e sem compromisso, legitimando um regime de privilégios brancos quando se perspectiva relações explicitamente sociais. A solidão do homem negro não é da ordem sexual, é afetiva.

Nesse sentido, negocia-se visibilidade a partir da adequação às normativas, enquanto as possíveis fissuras ao padrão é lido como não-atraente. Os traços do corpo, da raça e da sua identidade social servem como predição de prazer/desejo. Nesse ponto, identificamos a figura do cafuçu⁵³ como alguém que de algum modo traduz essa representação de grande poder atrativo/sexual, inteligível à prática discreta, mas não para relacionamento fixo e social. Isso se reafirma na fala do interlocutor de Isadora França (2013), que sentencia: “gosto de cafuçu, mas só namoro intelectual”. Se formos pensar em um escalonamento de privilégios na atual conjuntura política, pensando o acesso à educação superior, Tatiana Silva (2020) aponta que os

⁵³ Termo da cultura gay para denominar identidades masculinas fetichizadas por se afinarem à proposta macho, mas que também desempenham papéis sociais ligados a uma masculinidade hipervirilizada na figura do pedreiro, mecânico etc. Dessa forma, é bastante comum atribuir um recorte de raça e classe a esses sujeitos, particularmente objetificados sexualmente por homens brancos, remontando uma posição de servilidade/abuso aos corpos negros escravizados.

homens negros ainda têm um baixo percentual, em relação à população geral, no acesso aos cursos mais concorridos. Em contrapartida, segundo Osmundo Pinho (2015), socialmente, se constrói a ideia de que “o poder do jovem homem negro sexualizado está em sua superioridade erótica e em seu pênis, como subtendido na iconografia do [...] corpo ‘genitalizado’” (p. 232).

Os homens negros têm sob si um sistema de sentidos regidos pela objetificação, animalização, hipererotização dos seus corpos, que partem não apenas da questão hetero(homo)normativa e machista debatida neste trabalho, mas da lógica escravagista. Essa compreensão se reafirma em nossa análise por entender o lugar de servidão sexual em que os homens negros são alocados, esvaziando os sujeitos de quaisquer outras características para vinculá-lo à única posição do macho-dotado-penetrador.

Na discussão aqui construída, pensamos não apenas sobre um conjunto de conflitos vivenciado pelos homens que fazem pegação, como também conseguimos tangenciar os pressupostos dessas interações digitais, pensando os marcadores sociais trazidos nos eixos anteriores. Assim, a leitura racial amplia nosso olhar, reafirmando-se por também analisar as marcas do contexto que seguem uma perspectiva de relação bem neoliberal.

Hartmut Rosa (2020) nos indica que a modernidade se funda em um imperativo de ampliação que se alicerça na ideia de consumo rápido, assiduamente repetido com foco na expansão. Apoiados nessa compreensão, entendemos que, no contexto digital, essa premissa se alia ao desejo contraditoriamente formatado e fluido. Formatado porque parte de uma lógica hetero(homo)normativa, firmando-se na ideia de que só assim será satisfeito e satisfatório. Fluido porque não se fixa em uma figura, mas na busca contínua por outras, demarcando a polissemia das masculinidades padronizadas. Nesse ponto, também olhamos para os conflitos gestados nesse meio, a partir dessas características das relações.

Com efeito, é importante também perceber como a pandemia do novo coronavírus, sob a orientação de distanciamento social, reformula e impacta nas práticas sexuais casuais dos nossos interlocutores. A propósito, nessa ocasião, o ministério da saúde da Argentina chega a apontar o "sexo virtual" como saída à não exposição ao vírus da COVID-19 (COLOMBO, 2020).

Portanto, esse momento foi importante para pensar na articulação entre o desejo, práticas e as atuais orientações em saúde. Nesse contexto, as mídias digitais, aparentemente, consolidam-se como principal mecanismo de interação, reconfigurando, mas também sendo reconfigurada pelo contato social.

Porém, no que compete ao afã e ao hábito de uma prática constante de pegação, a pandemia também trouxe uma contenção do desejo/prazer que precisou ser pensada de outras

formas por nossos interlocutores – aqui falo do momento de pico das infecções e superlotação dos serviços de saúde. No geral, as mídias digitais não deixaram de estar articuladas com o exercício sexual, de forma que o *Twitter* e as ligações de vídeo (espécie de vídeo conferência) no *WhatsApp* surgiram como substitutos da pegação pele-a-pele. À vista disso, alguns interlocutores relataram ter encontrado no *Twitter* a possibilidade de conhecer pessoas novas para futuras pegação (pós-pandemia), bem como conferir e midiaticar as suas performances sexuais gravadas. Já o *WhatsApp*, surge como estratégia para se comunicar com pessoas com as quais já houve algum tipo de interação prévia, pois esse *app* é vinculado aos contatos do celular, não havendo a opção de buscar pessoas novas.

Dessa forma, o nosso grupo de interlocutores apontou que o período pandêmico os colocou em contato com outras configurações de negociações e estratégias para satisfação do desejo, mas que o contato pele-a-pele foi consideravelmente reduzido. Relataram-nos, também, uma certa evasão do *Grindr*, porque lá haveria uma maior tentação para encontros presenciais, já que esse é uma característica peculiar das relações que se estabelecem ali, o próprio *app* se configura nesse propósito.

L 484 Pesquisador: Chegou a encontrar alguém nesse período de pandemia?

L 485-488 Bruce: Antes de excluí eu sai com gente do *app*. No início da pandemia. Depois que os números começaram a crescer aqui, há uns 2 meses atrás, eu excluí, logo não sai com ninguém do *app*. Mas sai com uns dois meninos que já tinha ficado outras vezes que não foi do *app*.

L 462-463 Pesquisador: Você percebeu mudanças? Tipo menor número de pessoas ou maior. Menor chamadas pra encontros ou maior..

L 464-467 Paulo: As mesmas práticas, como se não houvesse pandemia. Alguns só queriam conversar, e marcar só depois da pandemia. Porém outros agiam normalmente, querendo encontros.

Assim, nos parece que o exercício da pegação coloca os usuários diante de certa necessidade sobre a autoestimulação e prazer. Por outro lado, demarcamos que isso dista-se da ideia de autonomia sexual, em virtude do que já apontamos sobre as séries de regulações que as normativas têm sob seus corpos, prazeres, desejos, práticas etc. Entretanto, acreditamos que essa característica da hipersexualização está bastante próximo dos sentidos sobre masculinidade, que leva o homem a uma obrigação de estar sempre disposto ao sexo, “a carne fraca”. Nesse ponto, essa situação foi determinante para nos mostrar o lugar da pegação e do *Grindr* na vida dos nossos interlocutores; elas compõem a sua rotina.

Ademais, vale considerar que o período pandêmico surgiu de uma forma muito brusca no Brasil, provocando uma insurgência nas formas de se relacionar, sentir prazer, administrar o desejo, mas, sobretudo, se perceber nesse jogo. Todavia, como já apontado por Bruce, apesar

de evitar o *app*, o distanciamento social para pegação não foi de todo rompido. A situação de Paulo é ainda mais emblemática, dadas as consequências.

L 411-412 Pesquisador: Você acha que esses encontros te deixaram disponível a ser infectado pelo COVID-19?

L 415-420 Paulo: Na semana que tive, dias antes ocorreu um encontro. (...) E então iniciaram os sintomas de falta de paladar e falta de olfato e dores de cabeça e tontura. A minha foi fraca, sem febre e sem tosse, sem dor de garganta ou demais problemas.

Paulo nos fala, de uma forma muito direta, sobre os riscos aos quais os usuários do *app* estão expostos, seja em pandemia ou não. A quarentena trouxe diversas questões às pessoas de modo geral, mas o que mais saltou nas notícias e conversas cotidianas foi sobre o impacto de estar isolado socialmente (que em alguma medida nos parece ter sido maior que o medo da doença em si, diante da literal invisibilidade do vírus e da possibilidade de ser assintomático).

O que refletimos nesse eixo, quanto a esse período, é que o isolamento social, de algum modo, já é bem familiar à comunidade LGBTQIA+. Esse isolamento acontece desde os impasses sobre seu desejo marginal, até o processo de distanciamento/negação de quem se é. Nesse sentido, estar em isolamento não é novidade, porém a quarentena da pandemia evoca ainda menos possibilidade de fuga dos padrões reafirmados por diversas instituições, mas, sobretudo, pela família⁵⁴. Essas questões se intensificam àqueles que mesmo não se reconhecendo na sigla, têm desejos/práticas não-hétero e se camuflam na figura do macho.

Portanto, o que compreendemos é que a pegação surge também como válvula de escape das tensões hetero(homo)normativas do meio, ao passo que as reproduz, de modo que esse padrão é tão enraizado nos sentidos sobre masculinidade, sobre si, sobre sexualidade, que também se expressa nesses momentos de ruptura, inclusive ocasionando tensões aos envolvidos. Assim, o que sentimos é que as consequências de testar positivo para COVID-19 parece ser menos adoecedor que os papéis impostos pelo padrão hiperviril do macho, mas sobretudo pelos conflitos gerados (elencados anteriormente).

Em face do conhecimento levantado, também percebemos que as orientações de isolamento social ocasionaram um aumento da clandestinidade da pegação, diretamente proporcional ao interesse por ela - seja nas novas formas de gozar, seja realizando-as de fato: furando a quarentena. Entendemos, então, que esse contexto evocou uma urgência de viver, sentir, gozar diante do temor apocalíptico que se transformou nos prenúncios de fim da humanidade em decorrência do desconhecimento científico sobre o vírus.

⁵⁴ Estar isolado com o grupo familiar foi algo bem característico desse momento em virtude de diversas questões, mas, sobretudo, do impacto econômico gerado pela paralisação do comércio.

Desse modo parece ser mais urgente viver, do que se prevenir. Se isso já era intensificado pelas diversas opressões sobre nossos interlocutores, nesse contexto se consolidou. Essa é talvez a maior sensação que tive após conversar com os usuários do *Grindr*, as situações de riscos as quais os homens com práticas de pegação se submetem, seja em relação à saúde, ao risco pessoal e/ou social, mas que não se resume apenas ao período pandêmico, vide as inúmeras notícias de usuários do *app* que são mortos, estuprados ou agredidos nos encontros. Por fim, percebemos o quanto as nossas questões serviram de reflexão para os nossos usuários sobre os conflitos, tensões e vulnerabilidades vividas. Questão essa que nos ficou muito evidente quando perguntamos qual conselho nossos usuários dariam para alguém que quer entrar no aplicativo, sendo praticamente consensuais as respostas que alertavam o quão violento é esse lugar. Outros foram ainda mais incisivos ao afirmar: “eu diria que não entre”.

Destacamos que essa não é uma campanha contra o *Grindr* ou outros *apps* de pegação, o conhecimento apresentado nesta dissertação foi construído nas reflexões com nossos interlocutores, que são válidos tanto para quem quer criar uma conta, como para estudar as normativas de sexo e gênero para as masculinidades. Em contrapartida, também entendemos que eles têm um fator importante na construção de redes de contato entre homens não-hétero. Porém, a ideia de sucesso absoluto que o *app* tenta gerar, quanto a estabelecer uma relação, seja com compromisso ou puramente de pegação, não pode inviabilizar os processos de violência, nem das suas marcas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de finalizar esta dissertação acontece sobre grande dificuldade, dado o entendimento de que a nossa argumentação não esgota as leituras sobre a temática. Desse modo, o que apontamos até aqui são possíveis caminhos de compreensão dos questionamentos levantados. Os saberes aqui construídos se dispõem ao deslocamento de concepções historicamente consideradas inquestionáveis e pautadas em percepções moralistas. Entretanto, aqui buscamos construir redes interpretativo-dialógicas diante da experiência dos nossos interlocutores, articulando os sentidos produzidos nesse percurso de imersão, interação e pegação, com as discussões feministas e *queer*.

Apesar dos pressupostos conservadores sobre ciência frente a uma pesquisa que se desenvolve em face às práticas sexuais socialmente tidas como sujas, promíscuas e vulgares, construímos um desenho metodológico que possibilitou importantes compreensões à nossa problemática central. O rigor metodológico do construcionismo social foi um importante alicerce para dirimir críticas quanto à cientificidade do que propomos, mas sobretudo para nos apontar caminhos viáveis frente aos nossos objetivos. Segundo Mary Jane Spink e Helena Lima (2013), “cria-se um elo entre objetividade e intersubjetividade, sendo a objetividade ao mesmo tempo o fundamento e a consequência da intersubjetividade” (p. 104). Nessa via, a procura pela objetividade se constrói de modo dinâmico no transcorrer da pesquisa, porém jamais anterior ao processo.

À vista disso, entender o contexto digital como algo que reflete e se funda a partir das questões socioculturais foi uma importante premissa para visibilizar os *apps* como método de pesquisa. Assim, apropriamo-nos das produções anteriores à nossa, olhando os caminhos abertos e traçados por elas, fato que nos permitiu não apenas fazer escolhas com segurança, mas também ousar no fazer, deixando-nos abertos à imprevisibilidade dos jogos discursivos, bem como do assédio dos usuários.

Nesse sentido, a relação com o sexo (e aqui nos referimos à prática/ato) é bastante presentificada nas interações no aplicativo - facilmente observada nos *nicknames*, nas descrições dos perfis, nas fotos e nas interações entre usuários. Em contrapartida, parece-nos que viver a sexualidade de modo intenso no contexto digital permite poucos avanços políticos quanto a destaburização da sexualidade. A expectativa sobre a hetero(homo)normatividade nos fala de um movimento de não-revolução dos paradigmas impostos sobre seus corpos, práticas e identidades.

No decorrer das conversas, ficou evidente o quanto nosso grupo de interlocutores consegue nomear essas normas como algo limitante e até mesmo adoecedor. Entretanto, há também um grande conformismo frente ao lugar marginal que alocaram os homens homo-orientados, diante da naturalização do perfil macho hétero. Em outras palavras, a hetero(homo)normatividade (re)produz o direcionamento para a compressão das relações e do desejo, que de tão ratificado, eleva-se a uma posição quase inquestionável: aquilo que é mais particular do tesão. Desse modo, a expressão êmica “nada contra, só não curto”, apesar de buscar justificar seu desejo (ao passo que também se desculpa por ele), indica-nos o oposto da genuinidade, corroborando com a reprodução da norma.

Quando olhamos para o perfil que é “curtido” pelos usuários do *app* (sempre priorizando os modelos hegemônicos de raça, classe, corpo e masculinidade), percebemos o quanto essas normativas se naturalizam nos sujeitos, inclusive constituindo seus aspectos mais particulares como o tesão, o desejo, o prazer. À vista disso, é ingênuo acreditar que as relações no aplicativo apenas refletem um contexto anterior marcado por essas verdades sobre sexualidade e gênero. As interações digitais atualizam, reformulam, ratificam e criam novos pressupostos sobre masculinidades, inclusive estão imbricadas no contexto face-a-face.

Apesar dos *apps* terem surgido como proposta estratégica quanto ao imperativo heterossexual-homofóbico, é esse o padrão ostentado, assim como o que agrega valor sexual em relação aos outros usuários. Nesse sentido, o que observamos se distanciou muito de um lugar inclusivo à diversidade para além da figura do macho viril. As epistemologias e teorias feministas e *queer* nos foram substancialmente relevantes para construir uma discussão que problematizou as incidências dessas premissas nas interações entre os homens. Desse modo, indicamos que pesquisas futuras possam pensar em algumas masculinidades que não conseguimos encontrar no aplicativo, como os homens com deficiência e os homens trans. Quais sentidos se constroem sobre esses homens? Qual o lugar deles frente ao desejo hetero(homo)normativo? Como os corpos com deficiência se inserem no desejo? Como se visibilizam os corpos trans masculinos nessa cultura falocêntrica?

Em contrapartida, ficamos surpresos ao encontrar mulheres trans no *Grindr*, em virtude de identificarmos que um dos axiomas centrais das relações de pegação é a sobrelevação do perfil macho e o rechaço das feminilidades, a partir de princípios machistas, misóginos e patriarcais. Assim, nos perguntamo-nos: como as mulheres trans são recebidas no *app*? Como se perspectiva a figura da mulher na pegação? Como se reverbera a cis-heteronormatividade em mulheres trans nos *Grindr*?

Destacamos também a importância de aproximar a Psicologia ao debate, sobremaneira para pensar o desenrolar da compreensão identitária que se constrói sobre a marca do rechaço e da regulação. Nesse aspecto, a partir do conhecimento levantado, podemos apontar a hetero(homo)normatividade como pilar estruturante das questões masculinas quanto a ser homem e quanto ao exercício da sexualidade dos nossos interlocutores.

O que nos ficou mais evidente, ao fim dessa pesquisa, é o quão violento pode se configurar um espaço que na verdade se originou pela fuga da violência homofóbica. A linha tênue entre ser oprimido e opressor se mostrou de forma lúcida para nós nessa reflexão. Nada disso se passa incólume a esses homens, sejam eles privilegiados socialmente, sejam eles estritamente em forma na figura macho ou transgressores do padrão hegemônico. Em certa medida, é até difícil enquadrá-los em uma única definição, já que essas barreiras tangenciam-se com facilidade - vide a história de Hallysson. No início do campo, esperávamos achar essas estruturas fixas e bem definidas como apontado em alguns escritos, porém o percurso que construímos nos ajudou a identificar um jogo muito fluido de performance que se baliza pelo tesão do outro.

Nesse quesito, embora consideremos a importância de refletir sobre os privilégios, como fizemos com o perfil criado, não conseguimos quantificar a proporção de impacto das normas nesses sujeitos. Portanto, apesar de entendermos a máxima: “quanto mais distante do perfil idealizado, menos requisitado e suscetível à violência nas interações o usuário estará”, também é importante dizer que a reflexão que alcançamos é que o processo de se tolher, de performar a figura machista e se manter nela é também bastante adoecedor; diríamos até inalcançável em decorrência do apagamento de características não somente entendidas como femininas, mas humanas.

Sendo assim, do mesmo modo como destacamos a importância de alargar a discussão sobre masculinidades no campo do gênero, precisamos pensar em que medida constituem-se os padrões e reafirmam-se os privilégios. Acreditamos que a relativização da hetero(homo)normatividade também precisa acontecer diretamente com aqueles que a promovem, assim possibilitaríamos não apenas o seu enfraquecimento, mas uma nova política de desejo/tesão/pegação, permitindo que mais pessoas possam olhar para sua existência com menos abnegações.

Por fim, apontamos que as práticas de pegação entre homens, perpassadas por uma cultura regional fortemente machista e patriarcal, permitem evidenciar o modo como se (re)produzem sentidos sobre masculinidades. Como também, a subversão e repressão dos indivíduos que estão sob o seu jugo, pois as práticas de pegação aqui estudadas reprimem,

aparentemente, outras possibilidades de construção identitária. Por esse prisma, sugerimos para futuros empreendimentos que a reflexão sobre identidade, masculinidades e territorialidade adensem essa discussão. Para assim problematizar as masculinidades em contextos distintos de pegação (seja culturalmente, seja em relação à dimensão espacial) e visibilizar as diferentes estratégias, conflitos e fissuras do padrão macho.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Venan Lucas de Oliveira. **Aplicativos de Encontros Gays: Traços Identitários de Seus Usuários em Belo Horizonte**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2017.
- ALMEIDA, Miguel Vale de. Gênero, masculinidade e poder. **Anuário antropológico**, n. 95, p. 161-189, 1996.
- AMARAL, Adriana. Autonetnografia e inserção online: o papel do pesquisador-insider nas práticas comunicacionais das subculturas da Web. **Fronteiras-estudos midiáticos**, v. 11, n. 1, p. 14-24, 2009.
- BARRETO, Victor Hugo de Souza. A pesquisa em práticas sexuais: política e moralidades na academia. **Antropolítica Revista Contemporânea de Antropologia**, n. 43, 2019.
- BARRETO, Victor Hugo de Souza. **Festas de orgias para homens: territórios de intensidade e socialidade masculina**. Salvador: Editora Devires, 2017.
- BARRETO, Victor Hugo de Souza. “Venha se você for homem”: O princípio da masculinidade em orgias entre homens. **Sex., Salud Soc. (Rio J.)**, Rio de Janeiro, n. 29, pág. 99-122, agosto de 2018.
- BARROS, Camylla Tenório *et al.* “Mas se o homem cuidar da saúde fica meio que paradoxal ao trabalho”: relação entre masculinidades e cuidado à saúde para homens jovens em formação profissional. **Saúde e Sociedade**, v. 27, p. 423-434, 2018.
- BATISTA, Neiza Cristina Santos; BERNARDES, Jefferson; MENEGON, Vera Sônia Mincoff. Conversas no cotidiano: um dedo de prosa na pesquisa. *In*: SPINK, Mary Jane; BRIGAGÃO, Jacqueline; NASCIMENTO, Vanda; CORDEIRO, Mariana. (org). **A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, p. 98-123, 2014.
- BAYDOUN, Mahamoud. “**Não sou nem curto afeminados**”: reflexões viadas sobre a masculinidade hegemônica e a efeminofobia no Grindr. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Rondônia. Porto Velho, 2017.
- BAYM, Nancy K. **Personal connections in the digital age**. Cambridge: Polity Press, 2010.
- BRAGA, Gibran Texeira. “**Não sou nem curto**”: prazer e conflito no universo do homoerotismo virtual. Rio de Janeiro: UFRJ, IFCS, 2013.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem: princípios e diretrizes**. Brasília, DF: 2009. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_atencao_homem.pdf Acesso em: 23 nov. 2020
- BUBNOVA, Tatiana. Voz, sentido e diálogo em Bakhtin. **Revista Bakhtiniana**, São Paulo, 6 (1): Ago./Dez. 2011

BUTLER, Judith. Boa parte da teoria *queer* foi dirigida contra o policiamento da identidade. **Com ciência**: Revista Eletrônica de Jornalismo Científico. Dossiê Gênero, Campinas, UNICAMP, 2017.

BUTLER, Judith. **Deshacer el género**. Barcelona: Paidós Ibérica, 2006.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: Feminismo e Subversão da Identidade. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2013.

BUTLER, Judith. **Undoing gender**. Psychology Press, 2004.

CASTAÑON, Gustavo Arja. Construcionismo social: uma crítica epistemológica. **Temas em Psicologia**, Vol. 12, no 1, 67– 81, 2004.

COLOMBO, Sylvia. Argentina recomenda sexo virtual e masturbação para solteiros durante pandemia. **Folha de S.Paulo**. 17 de abril de 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/04/argentina-recomenda-sexo-virtual-e-masturbacao-para-solteiros-durante-pandemia.shtml>> Acesso em: 16 nov. 2020.

COPELLI, Alexandre Lauriano. Gays de Direita e a Nova Onda Conservadora: a negação de si mesmo e a contradição do conservadorismo nos costumes por parte de membros da comunidade LGBTQ+. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, v. 6, n. 1, p. 102-124, 2020.

CORRÊA, Júlia Antônia Maués; CRUZ, Marcos. Entre machos e discretos: discursos, identidades homoeróticas masculinas e(m) aplicativos de pegação. **Revista Heterotópica**, v. 1, n. 2, p. 108-135, 2019.

CORRÊA, Sonia; SÍVORI, Horácio; ZILLI, Bruno. Internet regulation and sexual politics in Brazil. **Development**, v. 55, n. 2, p. 213-218, 2012.

COSTA, Jurandir Freire. **A Inocência e o Vício** – estudos sobre o Homoerotismo. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1992.

CRUZ, Marcos. Masculinidade e discrição em aplicativo de relacionamento. **Revista Interdisciplinar em Estudos de Linguagem**, v. 2, n. 2, 2020.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix; **O anti-Édipo**: capitalismo e esquizofrenia 1. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

DUGGAN, Lisa. **O crepúsculo da igualdade?** Neoliberalismo, política cultural e o ataque à democracia. Beacon Press, 2012.

FÍGARI, Carlos Eduardo; DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira. Introdução. Sexualidades que importam: entre a perversão e a dissidência. In: DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira; FÍGARI, Carlos Eduardo. **Prazeres dissidentes**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

FOUCAULT, Michael. **Vigiar e punir**: história da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 1994.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

FRAGOSO, Paulo Alan Deslandes. **Gayfaceless**: da rostidade homossexual à heteroplastia. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2018.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, v. 1, 2011.

FRANÇA, Isadora Lins. "Frango com frango é coisa de paulista": erotismo, deslocamentos e homossexualidade entre Recife e São Paulo. **Sexo., Salud Soc.**, Rio de Janeiro, n. 14, p. 13-39, ago. 2013

FRY, Peter. Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. *In: Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira* (pp. 87-115). Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GAGNON, John. **Uma interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. *In: Bauer e Gaskell (org). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis, Vozes, p.90-111, 2002.

GRANT, David. Straight guy says posting pics of his enormous, ahem, talent on Twitter may have turned him bissexual. **Queerty**. 27 de novembro de 2020. Disponível em: <<https://www.queerty.com/straight-guy-says-posting-pics-enormous-ahem-talent-twitter-may-turned-bisexual-20201127>> Acesso em: 10 dez. 2020.

GREEN, James. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. Tradução: Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

GUIMARÃES, Anderson Fontes Passos. Estudos feministas, privilégio epistêmico e teorias queer: reflexões de um jovem feminista. **Revista Periódicos**, v. 1, n. 4, p. 295-313, 2016.

GUIMARÃES, Carmem Dora; TERTO JÚNIOR, Veriano; PARKER, Richard. **Homossexualidade, bissexualidade e HIV/AIDS no Brasil: uma bibliografia anotada das ciências sociais e afins**. Physis, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 151-183, 1992.

HARAWAY, Donna. Manifesto Ciborgue: Ciência. **Tecnologia e Feminismo-Socialista**, 2000.

HARAWAY, Donna. **Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial**. Cadernos Pagu, Campinas, n. 5, p. 07-41, 1995. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773/1828>>. Acesso em 04 maio 2019.

HERDT, Gilbert (org). **Ritualized Homosexuality in Milanesia**. Ed. Berkeley: University of California Press, 1993.

HINE, Christine. **Virtual Ethnography**. London: Sage, 2000.

HUMAN RIGHTS WATCH. **Brasil: Um chamado urgente para proteção de direitos**. 2018. Disponível em: <<https://www.hrw.org/pt/news/2018/10/28/323776>>. Acesso em: 3 out 2019.

IBGE. **Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2018**. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101631_informativo.pdf> Acesso em: 25 de junho de 2019.

INGOLD, Tim. Pare, olhe, escute! Visão, audição e movimento humano. **Ponto Urbe: Revista do núcleo de antropologia urbana da USP**, n. 3, 2008.

JORGE, Mariliz Pereira. O que falta para Bolsonaro ser banido das redes?. **Folha de S.Paulo**. 31 de março de 2020. Disponível em:
<<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/marilizpereirajorge/2020/03/o-que-falta-para-bolsonaro-ser-banido-das-redes.shtml>> Acesso em: 16 nov. 2020.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Pedagogia do armário: a normatividade em ação. **Retratos da Escola**, Brasília, v. 7, n. 13, p. 481-498, jul./dez. 2013.

KURASHIGE, Keith Diego. **Marcas do desejo**: um estudo sobre os critérios de “raça” na seleção de parceiros em relações homoeróticas masculinas criadas online na cidade de São Carlos. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos – SP, 2014.

LASIO, Diego *et al.* Hegemony and heteronormativity: Homonormative discourses of LGBTQ activists about lesbian and gay parenting. **Journal of homosexuality**, v. 66, n. 8, p. 1058-1081, 2019.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo**: Antropologia e sociedade. Campinas: Papiрус, 2013.

LEITE JÚNIOR, Jorge. A pornografia contemporânea e a estética do grotesco. **Revista (In)Visível**, edição zero, p. 10-22, 2011.

LEMOS, Joelma Galvão de. **O uso político do discurso de ódio no Brasil**: um estudo de caso no Facebook (2016-2017). Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2018.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2005.

LÉVY, Pierre. **O que é virtual?** 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

LIMA, Carlos Henrique Lucas., Feminismos, estudos literários e epistemologia queer – imbricamentos. *In*: COLLING, Leandro; THÜRLER, Djalma. **Estudos e políticas do CUS Grupo de Pesquisa Cultura e Sexualidade**. EDUFBA, 2013.

LIMA, Danillo Mota. **Nada contra, apenas não curto**: educações e construções do corpo afeminado no/pelo Scruff. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2017.

LOPES, Luiz Paulo da Moita. Desejo na biopolítica do agora: performatividades escalares em um aplicativo de encontros homoafetivos. **DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, v. 36, n. 3, 2020.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LYRA, Jorge. **Homens, feminismo e direitos reprodutivos no Brasil**: uma análise de gênero no campo das políticas públicas (2003-2006). 2008. 262 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Departamento de Saúde Coletiva, Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz, Recife, 2008.

MAHMOOD, Saba. Teoria feminista, agência e sujeito liberatório: algumas reflexões sobre o revivalismo islâmico no Egito. **Etnográfica**, v.10, n.1, p.121-58, 2006.

MAIA, João; BIANCHI, Eduardo. Tecnologia de geolocalização: Grindr e Scruff redes geosociais gays. **Logos**, v. 2, n. 24, 2014.

MARACCI, João Gabriel *et al.* Imagem, corpo e linguagem em usos do aplicativo Grindr. **Psicologia USP**, v. 30, 2019.

MARACCI, João Gabriel; MAURENTE, Vanessa Soares; PIZZINATO, Adolfo. Experiência e produção de si em perfis do aplicativo Grindr. **Athenea Digital: Revista de pensamento e investigación social**, v. 19, n. 3, p. 2315, 2019.

MARKHAM, Anette. Ethic as method, method as ethic. **Journal of Information Ethics**, vol. 15, n. 2, p. 37-54, 2006.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das mídias digitais: linguagens, ambientes e redes**. Petrópolis: Vozes, 2015.

MEDEIROS, Ettore Stefani de. **Textos verbo-visuais de homens que se relacionam afetivo-sexualmente com homens: te(n)sões entre masculinidades no aplicativo GRINDR**. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2018.

MEDRADO, Benedito *et al.* Entre práticas de intimidade e políticas públicas: entre políticas de intimidade e práticas públicas (à guisa de uma introdução). *In:* (orgs.). **Homens e masculinidades: práticas de intimidade e políticas públicas**. Recife: Instituto Papai, 2010, p.7-14.

MEDRADO, Benedito *et al.* Literatura científica sobre gravidez na adolescência como dispositivo de produção de paternidades *In:* TONELI, Maria Juracy. *et al.* **O pai está esperando?** Políticas públicas de saúde para a gravidez na adolescência. Florianópolis: Mulheres; 2011.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Entrevistas e outros textos: compartilhando estratégias de análise qualitativa. *In:* LANG, Charles E.; BERNARDES, Jefferson S.; RIBEIRO, Maria Auxiliadora T.; ZANOTTI, Susane V. (Orgs.). **Metodologias: Pesquisas em saúde, clínica e práticas psicológicas**. Maceió: EDUFAL, 2016.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. **Revista estudos feministas**, Florianópolis. 2008.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Princípios ou simplesmente pontos de partida fundamentais para uma leitura feminista de gênero sobre os homens e as masculinidades. *In:* BLAY, Eva. **Feminismos e masculinidades**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014, v.1. p.55-74.

MELO, Thiago Benitez; SANTOS, Maria Elena Pires. "Discreto, sigiloso, não afeminado". **CSONline-REVISTA ELETRÔNICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS**, n. 31, 2020.

MILLER, Daniel; HORST, Heather. The digital and the human: a prospectus for digital anthropology. *In:* HORST, H.; MILLER, D. (Eds.) **Digital Anthropology**. London: Berg, 2012, p. 3-38.

MILLER, Daniel; SLATER, Don. Etnografia on e off-line: cibercafés em Trinidad. **Horizontes antropológicos**, v. 10, n. 21, pág. 41-65, 2004.

MISKOLCI, Richard. "Discreto e fora do meio": Notas sobre a visibilidade sexual contemporânea. **Cadernos Pagu**, 44:61-90, 2015.

MISKOLCI, Richard. A gramática do armário: notas sobre segredos e mentiras em relações homoeróticas mediadas digitalmente. *In*: PELÚCIO, Larissa [*et al.*] (organizadores). **Olhares plurais para o cotidiano: gênero, sexualidade e mídia**. Marília: Cultura Acadêmica Editora, 2012.

MISKOLCI, Richard. A Teoria *queer* e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, n.21, p.150-82, 2009a.

MISKOLCI, Richard. **Desejos digitais**: Uma análise sociológica da busca por parceiros on-line. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

MISKOLCI, Richard. Estranhando as ciências sociais: notas introdutórias sobre teoria Queer. **Revista Florestan**: Graduação em Ciências Sociais da UFSCar, v 1, n. 2, p. 8-25, nov. 2014.

MISKOLCI, Richard. Machos e "Brothers": uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas on-line. **Revista Estudos Feministas**, p. 301-324, 2013.

MISKOLCI, Richard. O armário ampliado – notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet. **Revista Gênero**, Niterói, v. 9, n. 2, p. 171-190, 2009. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/30910/17999>>. Acesso em 21 jun. 2020.

MISKOLCI, Richard. O armário ampliado – notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet. **Revista Gênero**, Niterói, v. 9, n. 2, p. 171-190, 2009b.

MISKOLCI, Richard; PELÚCIO, Larissa. Aquele não mais estranho negócio do desejo *In*: Perlongher, Nestor O. **O Negócio do Michê**. São Paulo: Fundação Editora Perseu Abramo, 2008.

MOREIRA, Herivelto. Critérios e estratégias para garantir o rigor na pesquisa qualitativa. **Revista Bras Ens Ci Tecno**, v. 11, n. 1, p. 405-24, 2018.

MORELLI, Fábio. **Não existe amor em APP?** Pistas sobre o processo de subjetivação entre homens por meio de aplicativos voltados ao público gay. Dissertação (mestrado em Psicologia) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Assis, 2017.

MORELLI, Fabio. Os CISTemas das mídias digitais: notas sobre a perspectiva de um homem trans sobre os aplicativos voltados ao público gay. **Revista Periódicus**, v. 1, n. 9, p. 400-418, 2018.

MORELLI, Fábio; PEREIRA, Bruno. A pornificação do corpo masculino: Notas sobre o imperativo das imagens na busca entre homens por parceiros on-line. **Civitas-Revista de Ciências Sociais**, v. 18, n. 1, p. 187-203, 2018.

MORELLI, Fábio; SOUZA, Leonardo Lemos. Entre regimes de (in) visibilidade: mídias rizomáticas e ciberativismos. **Verso e Reverso**, v. 30, n. 74, p. 135-146, 2016.

MOSSE, George. **The Image of Man**: the creation of modern masculinity. New York. Oxford University Press, 1996.

MOWLBOCUS, Sharif. Cultura do Gaydar: torcendo a história da mídia digital na Grã-Bretanha do Século XX. *In*: PELÚCIO, Larissa *et al.* (orgs.). **No emaranhado da rede: gênero sexualidade e mídia: desafios teóricos e metodológicos do presente**. São Paulo: Annablume, 2015. p. 49-80.

NETO, Verlan Valle Gaspar. **Na pegação**: encontros homoeróticos masculinos em Juiz de Fora. Dissertação de Mestrado, PPGA/UFF, 2008.

NOGUEIRA, Conceição; OLIVEIRA, João Manuel. **Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de gênero**. Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género, 2010.

NOVAES, Adauto (org.). **O homem-máquina**: a ciência manipula o corpo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

OLIVEIRA NETO, José Gomes de *et al.* **Aplicativos de encontros homoeróticos e masculinidades normativas**. In: DESFAZENDO GÊNERO, 4., 2019, Recife. Anais... Campina Grande: Realize, 2019.

OLIVEIRA, João Manuel de; COSTA, Carlos Gonçalves; NOGUEIRA, Conceição. The workings of homonormativity: Discourses of lesbian, gay, bisexual and queer people on discrimination and public display of affections in Portugal. **Journal of Homosexuality**, v. 60, p. 1475-1493, 2013.

PARKER, Richard. Hacia una economía política del cuerpo: construcción de la masculinidad y la homosexualidad masculina en Brasil. In: VALDÉS, T; OLAVARRÍA, J. (Edits.). **Masculinidades y equidad de género en América Latina**. Santiago: FLACSO-Chile, 1998.

PARKER, Richard. **Beneath the Equator**: Cultures of desire, male homosexuality and emerging gay communities in Brazil. New York/London, Routledge, 1999.

PAULA, Luciane de; OLIVEIRA, Natasha Ribeiro. Minions nas telas e bolsominions na vida: uma análise bakhtiniana. **Letrônica**, v. 13, n. 2, p. e36198-e36198, 2020.

PAZ, Richardson Diego da Silva. **“Eu vos declaro...”**: repertórios sobre o casamento entre pessoas do mesmo sexo com participantes da Parada da diversidade de Pernambuco. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

PELÚCIO, Larissa. **Abjeção e desejo**: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids. São Paulo: Anablume-Fapesp, 2009.

PERLONGHER, Nestor. **O negócio do michê**: A prostituição viril. São Paulo, Brasiliense, 1987.

PINHO, Osmundo. “Putaria”: masculinidade, negritude e desejo no pagode baiano. **Maguaré**, v. 29, n. 2, p. 209-238, 2015.

POLIVANOV, Beatriz Brandão. Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos. **Esferas**, v. 1, n. 3, 2014.

PRECIADO, Beatriz. Entrevista a Jesús Carrillo. **Cadernos Pagu**. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu. v.28. p.375-405, 2007

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto Contrassexual**: práticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: n-1, 2014.

PRECIADO, Beatriz. Terror Anal: apuntes sobre los primeros días de la revolución sexual. In: HOCQUENGHEM, Guy. **El deseo homosexual**. Santa Cruz de Tenerife - España: Editorial Melusina, 2000.

PRODANOV, Cleber Cristiano. FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2º Edição, Editora Feevale. Universidade Feevale – Rio Grande do Sul – Brasil, 2013.

PUTTI, Alexandre. Ministro da educação diz que ‘homossexualismo’ vem de ‘famílias desajustadas’: Milton Ribeiro defende retorno às aulas e diz que desigualdade não é um problema do MEC. **Carta Capital**. 24 set. 2020. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/ministro-da-educacao-diz-que-homossexualismo-vem-de-familias-desajustadas/> Acesso em: 24 set. 2020.

QUEIROZ, Artur Acelino Francisco Luz Nunes *et al.* Infecções sexualmente transmissíveis e fatores associados ao uso do preservativo em usuários de aplicativos de encontro no Brasil. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 32, n. 5, p. 546-553, 2019.

REBS, Rebeca Recuero. Reflexão epistemológica da pesquisa netnográfica. **Comunicologia: Revista de Comunicação da Universidade Católica de Brasília**, v. 4, n. 1, p. 74-102, 2011.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na Internet**. Porto Alegre: sulina, 2009.

ROCHA, José Damião Trindade; COELHO, Marcos Irondes. Manda Nudes: Os "crushes" gays nos aplicativos fast foda de relacionamentos. **Rebeh** - Revista Brasileira de Estudos da Homocultura, [S.l.], v. 1, n. 04, p. 05-17, feb. 2019. ISSN 2595-3206. Disponível em: <http://www.revistas.unilab.edu.br/index.php/rebeh/article/view/146>. Acesso em: 12 sep. 2019.

ROCHA, José Damião. No corpo whey protein de falsos heteros as gays “barbies” rechaçam o corpo feminino das gays “pintosas” passivas. **ARTEFACTUM-Revista de estudos em Linguagens e Tecnologia**, v. 13, n. 2, 2016.

ROCHA, Marcelo. AGU pede que STF esclareça se criminalização da homofobia atinge liberdade religiosa. **Folha de S.Paulo**. 14 de outubro de 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/10/agu-pede-que-stf-esclareca-se-criminalizacao-da-homofobia-atinge-liberdade-religiosa.shtml> Acesso em: 30 nov. 2020.

ROSA, Hartmut. **Aceleração: a transformação das estruturas temporais na modernidade**. Editora UNESP, 2020.

RUBIN, Gayle. El tráfico de mujeres: notas sobre la economía política del sexo. **Nueva Antropología**, Cidade do México, v. VIII, n. 30, p. 157-209, nov. 1986.

RUBIN, Gayle. Estudando subculturas sexuais: escavando as etnografias das comunidades gays em contextos urbanos da América do Norte. **Teoria e Cultura**, v.13, n. 1, pp. 247-288, 2018.

RUBIN, Gayle. Pensando sobre Sexo: Notas para uma teoria radical da política da sexualidade. **Cadernos Pagu**, Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu UNICAMP, nº. 21. pp. 01-88, 2003.

SÁEZ, Javier; CARRASCOSA, Sejo. **Por el culo: Políticas anales**. Barcelona/Madrid: Egales, 2011.

SANTOS, Luciana Oliveira dos. O Medo Contemporâneo: Abordando suas diferentes dimensões. **Psicologia ciência e profissão**, 2003, v.23, n. 2, p.48-55, 2003.

- SARAIVA, Luiz Alex Silva; SANTOS, Leonardo Tadeu dos; PEREIRA, Jefferson Rodrigues. Heteronormatividade, Masculinidade e Preconceito em Aplicativos de Celular: O Caso do Grindr em uma Cidade Brasileira. **BBR. Brazilian Business Review**, v. 17, n. 1, p. 114-131, 2020.
- SATO, Leny; SOUZA, Marilene Proença Rebello. **Contribuindo para desvelar a complexidade do cotidiano através da pesquisa etnográfica em Psicologia**. Psicologia USP, vol. 12, no 2, 29-47, 2001.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.20, n.2. jul.-dez., p.71-99, 1995.
- SEDGWICK, Eve Kosofsky. A Epistemologia do Armário. *In: Cadernos Pagu*. Tradução de Plínio Dentzien. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, 2007.
- SEIDLER, Victor. **Masculinidades: culturas globales y vidas íntimas**. Barcelona: Montesinos ensayos, 2006.
- SHAUGHNESSY, John. J; ZECHMEISTER, Eugene B; ZECHMEISTER, Jeanne S. **Metodologia de pesquisa em psicologia**. 9. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre : AMGH, 2012.
- SILVA, Lawerton Braga da. **Redes de ódio: um estudo sobre homofobia no Facebook**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, 2018.
- SILVA, Luís Augusto Vasconcelos da. A cibersexualidade e a pesquisa online: algumas reflexões sobre o conceito de barebacking. **Interface** – Comunicação, Saúde, Educação, v. 14, n.34, p.513-27, julho-setembro 2010.
- SILVA, Luís Augusto Vasconcelos da. Masculinidades transgressivas em práticas de barebacking. **Revista Estudos Feministas**, v. 17, n. 3, p. 675-699, 2009.
- SILVA, Maurício Roberto *et al.* **Os ‘cães danados do fascismo’, o neoliberalismo e as questões sociais: os ‘rastros de lama’ do Estado Pós-Democrático**. *Motrivivência*, v. 31, n. 57, 2019.
- SILVA, Tatiana Dias. **Ação afirmativa e população negra na educação superior: acesso e perfil discente**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), 2020. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10102/1/td_2569.pdf>. Acesso em: 23/11/2020
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- SIMÕES, Júlio Assis. Prefácio. *In: FACCHINI, Regina. Sopa de letrinhas?: movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 1990*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- SPINK, Mary Jane P.; MEDRADO, Benedito. Produção de sentido no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. *In: SPINK, Mary Jane P. (Org.). Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: Aproximações teóricas e metodológicas*. Rio de Janeiro. 2013.

SPINK, Mary Jane P.; MENEGON, Vera Mincoff A pesquisa como prática discursiva: superando os horrores metodológicos. *In*: SPINK, Mary Jane P. (Org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: Aproximações teóricas e metodológicas**. Rio de Janeiro. 2013.

SPINK, Mary Jane. **Linguagem e produção de sentidos no cotidiano**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.

SPINK, Mary Jane; FREZZA, Rose. Práticas Discursivas e Produção de Sentido. *In*: SPINK, Mary Jane (org.). **Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. Rio de Janeiro, Centro Edelstein de pesquisas sociais, p,1-21, 2013.

SPINK, Mary Jane; LIMA, Helena. Rigor e Visibilidade. *In*: SPINK, Mary Jane (org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2013.

SPINK, Peter Kevin. Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista. **Revista Psicologia & Sociedade**. Porto Alegre, v. 15, n. 2, pp. 18-42, dez. 2003.

THOMAZ, Danilo. Gays de direita: O que pensam jovens homossexuais conservadores. **Época**. 18 de junho de 2018. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/politica/noticia/2018/06/gays-de-direita.html>> Acesso em: 01 de dezembro de 2020.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso (4a edição, revista e ampliada): A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. Objetiva, 2018.

TURATO, Egberto Ribeiro. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. Do feminismo a Judith Butler. **Pensamento crítico contemporâneo**. Lisboa: edições, v. 70, p. 144-151, 2014.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis: v. 9,n. 2, 2001.

APÊNDICE A - LISTA DE REVISÃO DE LITERATURA

ARTIGO

CORRÊA, Júlia Antônia Maués; CRUZ, Marcos. Entre machos e discretos: discursos, identidades homoeróticas masculinas e(m) aplicativos de pegação. **Revista Heterotópica**, v. 1, n. 2, p. 108-135, 2019.

CRUZ, Marcos. Masculinidade e discrição em aplicativo de relacionamento. **Revista Interdisciplinar em Estudos de Linguagem**, v. 2, n. 2, 2020.

MAIA, João; BIANCHI, Eduardo. Tecnologia de geolocalização: Grindr e Scruff redes geosociais gays. **Logos**, v. 2, n. 24, 2014.

MARACCI, João Gabriel *et al.* Imagem, corpo e linguagem em usos do aplicativo Grindr. **Psicologia USP**, v. 30, 2019.

MARACCI, João Gabriel; MAURENTE, Vanessa Soares; PIZZINATO, Adolfo. Experiência e produção de si em perfis do aplicativo Grindr. **Athenea Digital: Revista de pensamento e investigación social**, v. 19, n. 3, p. 2315, 2019.

MELO, Thiago Benitez; SANTOS, Maria Elena Pires. "Discreto, sigiloso, não afeminado". **CSOnline-REVISTA ELETRÔNICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS**, n. 31, 2020.

MORELLI, Fábio; PEREIRA, Bruno. A pornificação do corpo masculino: Notas sobre o imperativo das imagens na busca entre homens por parceiros on-line. **Civitas-Revista de Ciências Sociais**, v. 18, n. 1, p. 187-203, 2018.

QUEIROZ, Artur Acelino Francisco Luz Nunes *et al.* Infecções sexualmente transmissíveis e fatores associados ao uso do preservativo em usuários de aplicativos de encontro no Brasil. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 32, n. 5, p. 546-553, 2019.

SARAIVA, Luiz Alex Silva; SANTOS, Leonardo Tadeu dos; PEREIRA, Jefferson Rodrigues. Heteronormatividade, Masculinidade e Preconceito em Aplicativos de Celular: O Caso do Grindr em uma Cidade Brasileira. **BBR. Brazilian Business Review**, v. 17, n. 1, p. 114-131, 2020.

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

ALENCAR, Venan Lucas de Oliveira. **Aplicativos de Encontros Gays: Traços Identitários de Seus Usuários em Belo Horizonte**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2017.

BAYDOUN, Mahamoud. **“Não sou nem curto afeminados”**: reflexões viadas sobre a masculinidade hegemônica e a efeminofobia no Grindr. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Rondônia. Porto Velho, 2017.

FRAGOSO, Paulo Alan Deslandes. **Gayfaceless**: da rostidade homossexual à heteroplastia. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2018.

LIMA, Danilo Mota. **Nada contra, apenas não curto**: educações e construções do corpo afeminado no/pelo Scruff. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2017.

MEDEIROS, Ettore Stefani de. **Textos verbo-visuais de homens que se relacionam afetivo-sexualmente com homens**: te(n)sões entre masculinidades no aplicativo GRINDR. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2018.

MORELLI, Fábio. **Não existe amor em APP?** Pistas sobre o processo de subjetivação entre homens por meio de aplicativos voltados ao público gay. Dissertação (mestrado em Psicologia) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Assis, 2017.

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA

DADOS DO PARTICIPANTE

- Nome fictício:
- Idade:
- Estado civil:
- Escolaridade:
- Profissão:
- Etnia/raça:
- Identidade de gênero:
- Orientação sexual:
- Reside com quem?
- Tem religião? (Se sim). Qual? É praticante?

CONSIGNAS DISPARADORAS

- Há quanto tempo é usuário do *app*?
- Usa mais algum? (Se sim). Quais diferenças consegue perceber entre eles?
- Quais vantagens o uso do *app* te possibilitou?
- Quais as estratégias para conseguir mais contatos aqui no *app*?
- Qual perfil te atrai mais? Por quê?
- Com que perfil você interage e se dispõe a encontros? Você os seleciona a partir de quais características?
- O que você pensa sobre práticas sexuais entre homens? Me fala sobre sua experiência de se relacionar sexualmente com outros homens.
- Quais práticas um homem precisa ter? Como você lida com isso?
- Você consegue perceber alguma diferença entre a descrição do perfil e como de fato a pessoa se relaciona? (Se sim). A que você atribui isso?
- Quais mudanças você consegue perceber na sua vida sexual e afetiva pós uso do *app*?
- Você poderia dar uma dica para quem quer usar o *app*?